

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CAMILA REZENDE ALBA CUADRADO

Professores universitários: caminhos profanos.

SÃO PAULO

2015

CAMILA REZENDE ALBA CUADRADO

Professores Universitários: caminhos profanos.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cecília Hanna Mate

SÃO PAULO

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

371.124 Cuadrado, Camila Rezende Alba
C961p Professores universitários: caminhos profanos / Camila Rezende Alba
Cuadrado; orientação Cecília Hanna Mate. São Paulo: s. n., 2015.
143 p.; tabs.; apêndices
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação.
Área de Concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares) -
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. -

1. Ensino superior 2. Formação de professores 3. Experiência docente
4. Professores de ensino superior I. Mate, Cecília Hanna, orient.

Nome: CUADRADO, Camila Rezende Alba

Título: Professores Universitários: caminhos profanos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profº Drº: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profº Drº: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profº Drº: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À minha mãe, para quem sempre dedicarei tudo nesta vida.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho desenvolvido ao longo de três anos não permite um agradecimento completo em apenas uma página. Cada palavra escrita nessa dissertação é fruto não somente do tempo na Universidade, como também de uma vida. As experiências diárias vão me ajudando a ser quem sou e as pessoas que fazem parte dela modificam meu pensamento diariamente.

Este é um trabalho escrito no plural. Muitas vozes ecoam e transbordam por essas páginas. Agradeço, pois, a cada uma delas, das que chegaram a mim por livros às que ouvi nos corredores, aulas e bate papos pela Universidade. Agradeço à Professora Cecília que abriu caminhos para que eu questionasse a verdade, suspeitasse do certo, recusasse o absoluto e fosse mais autora de minhas ideias.

Agradeço a cada professor que me recebeu em sua sala pelas universidades paulistas e em suas aulas pela Universidade de São Paulo, aos educadores do Programa de Formação de Professores que me permitiram uma vivência intensa e em diversos espaços durante dois anos de estágio e aos meus alunos, que me mantêm fora da zona de conforto.

Ao professor Marcos Neira e à professora Luiza Christov, meus sinceros agradecimentos pela leitura atenciosa e pelas indicações valiosas na banca de qualificação.

Aos meus colegas do grupo de estudos, em especial ao João, pelos momentos de discussão e reflexão.

Sou grata à minha família, que esbanjou paciência e compreensão, me acompanhando nas leituras, na rotina e nas conquistas. Ao Lobo, principalmente, pelo apoio incondicional e pelas horas que dedicou a me acompanhar às entrevistas.

Ao Pedro, pelo companheirismo, paciência, dedicação e pelas leituras das inúmeras versões deste texto, serei sempre grata.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq pelo financiamento.

Contigo, Manoel, aprendi que o saber é transsubstanciação, é encontro erótico com as coisas e com as pessoas, é feito para incorporar mais do que para entender ou explicar, porque nada é fixo o suficiente para isso.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

RESUMO

CUADRADO, C. R. A. **Professores Universitários: caminhos profanos**. 2015. 143f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Na universidade brasileira, a formação de professores tem ocupado um lugar secundário. As prioridades são concentradas nas funções de pesquisa e elaboração do conhecimento científico, em geral consideradas com exclusividade nos programas de pós-graduação *stricto sensu*. Por outro lado, os cursos e estágios de formação pedagógica, oferecidos pelos Programas de Pós-graduação, pretendem proporcionar oportunidades de experiência para o desenvolvimento de pós-graduandos. A presente pesquisa busca, discutindo conceitos como cuidado de si e experiência, propiciar ao leitor o contato com discursos produzidos por pós-graduandos que hoje são docentes das três universidades estaduais paulistas (UNESP, UNICAMP e USP) das áreas de humanas, biológicas e exatas e que foram formados nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* das instituições em que hoje lecionam. As discussões revelam uma variedade de sentidos, discursos, concepções, conceitos e ideias sobre ser e tornar-se docente universitário.

Palavras-chave: Educação Superior; Formação de Professores; Experiência Docente;

ABSTRACT

CUADRADO, C. R. A. **College Teachers: profane ways**. 2015. 143p. Dissertation (Master's degree) – Faculty of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2015.

At the University in Brazil, the formation of professors has occupied a secondary place. Priorities are concentrated on the functions of research and elaboration of scientific knowledge, usually considered exclusively at the postgraduate education programs *strictu sensu*. In a different manner, courses and internships of pedagogic formation, offered by post-graduation programs, intend to provide opportunities of experiences to the development of post-graduation students. This research, discussing concepts of self-care and experience, aims to offer the reader the contact with discourses produced by those post-graduate students who are currently professors at state universities in São Paulo (UNESP, UNICAMP E USP). These tutors, whose formation might be in the fields of humanities, exacts or biologics, were students from the program of post-graduation at the university where they currently work. Discussions reveal a variety of meanings, discourses, conceptions, concepts and ideas about being and becoming a professor at the university.

Key-words: Higher Education, Professor's Formation, Docent Experience.

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GEPEFERP	Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Professores de Ribeirão Preto
FEUSP	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
IES	Instituição de Ensino Superior
ONG	Organização Não Governamental
PAE	Programa de Aperfeiçoamento do Ensino
PED	Programa de Estágio Docente
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNICAMP	Universidade de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CAMINHOS PERCORRIDOS	16
1.1 Um agradecimento ao Manoel	16
1.2 A construção do Projeto	18
1.3 Passos trilhados.....	20
2 ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS EM DOCÊNCIA: POLÍTICAS INSTITUCIONAIS	31
2.1 UNESP	31
2.2 UNICAMP	33
2.3 USP	35
3 AS UNIVERSIDADES E O TRABALHO DOCENTE	38
4 HISTÓRIAS DE FORMAÇÃO: DISCURSOS CIRCULANTES	46
4.1 Sobre o estágio	46
4.2 Sobre a prática pedagógica	49
4.3 Sobre ser docente	51
4.4 Sobre a formação	54
5 EXPERIÊNCIAS E A PROFANAÇÃO DO PEDAGOGICISMO	57
5.1 Sobre ser e tornar-se professor	58
5.2 Sobre se relacionar com a pedagogia, com o pedagógico	62
5.3 Sobre o outro e a relação com ele: a prática	64
CONSIDERAÇÕES	68
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE A – E-mail enviado aos docentes entrevistados	74

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido	75
APÊNDICE C – Roteiro para entrevistas	76
APÊNDICE D – Resumo das entrevistas realizadas	78

INTRODUÇÃO

Profanar: 1 tratar com irreverência, desrespeitar a santidade de (coisas sagradas); 2 tratar desrespeitosamente (algo digno de respeito); ofender, afrontar, macular; 3 transgredir (regra, princípio sagrado ou de grande importância para a sociedade), violar, infringir; 4 usar de maneira inadequada e fora do seu contexto (algo de valor para a sociedade), degradar, aviltar; 5 atentar contra a honra de; macular, desonrar. (Dicionário Houaiss, online, consulta em 25 de julho de 2015, 15h37 – grifos meus)

Profanar: o ato de tratar algo com irreverência, de macular um sagrado, transgredir normas ou regras, de usar algo de valor para a sociedade fora de seu conceito usual. Os professores entrevistados nessa pesquisa narram aqui parte de suas trajetórias e criam seus discursos sobre a docência universitária e a formação de professores. Quando pensamos na carreira docente e no processo de formação de quem a almeja, não é possível deixar de lado, principalmente na Educação Básica, a necessidade de uma formação específica para essa atuação, um químico não se torna professor de Química sem a licenciatura, por exemplo. A legislação orientadora de currículos e vigente para a contratação de professores também preconiza essa ideia, buscando, ao máximo, garantir que nenhum professor entre na sala de aula sem sua formação pedagógica.

A docência universitária é irreverente com essa formação, macula a pedagogia, transgredir a legislação da Educação Básica e usa o título de 'professor' fora de seu conceito. Os discursos e percursos narrados nesse trabalho são, desta forma, profanatórios dessa ideia de professor, são caminhos profanos. Simplesmente, dão um novo e iconoclasta sentido a ela.

Há, no mundo acadêmico, uma culpa atribuída a pedagogos e pedagogas. Tudo que passa pelas mãos desses, que se unem por um título, corre um grande risco de ser pedagogicizado. O que seria isso? Seria um impulso em tornar tudo explicável, didático e, principalmente, dependente da Educação. Entenda-se Educação, com letra maiúscula, como a necessidade de teorias, pensamentos e disciplinas voltadas para estudar, dar caminhos, prever e registrar o que acontece nas salas de aulas ou em quaisquer outros espaços que chamemos de educacionais.

Tais acusações recaíram sobre uma pedagoga que já foi muito julgada por de pedagogizar tudo. A ideia inicial desse trabalho era descobrir uma forma de propiciar um processo estruturado, organizado e pré-determinado de formação pedagógica para todos os docentes universitários, assim como a licenciatura procura produzir com a Educação Básica. A experiência na universidade, com os docentes, com a literatura e, principalmente, com uma forma diferente de pensar o mundo, transformou essa ideia. Todas essas garantias deram espaço a dúvidas, questionamentos e a necessidade de pensar a docência de uma forma diferente. Após escrever e reescrever esse texto por inúmeras vezes, está declarado que aqui é pretendido, a duras custas, profanar a pedagogia e a vontade de pedagogizar a formação de professores universitários.

Tal caminho não é feito, senão, por falta de escolha. Pela necessidade de mudar algumas coisas de lugar, desrespeitar uma certeza e as santidades pedagógicas e infringir a vontade quase incontrolável de determinar caminhos e percursos de formação para aqueles que nunca os seguiram ou os seguirão.

O que seria profanado exatamente? O significado da palavra “professor”.

1 aquele que professa uma crença, uma religião; **2** aquele cuja profissão é dar aulas em escola, colégio ou universidade; docente, mestre; **2.1** aquele que dá aulas sobre algum assunto **2.2** aquele que transmite algum ensinamento a outra pessoa; **3** aquele que tem diploma de algum curso que forma professores (como o normal, alguns cursos universitários, o curso de licenciatura etc.); **4** fig. indivíduo muito versado ou perito (em alguma coisa). (Dicionário Houaiss online, consulta em 25 de julho de 2015, 16h24 – grifos meus).

Não se trata de usar de modo inadequado o título àqueles que não têm formação para ensinar, mas de repensar o critério indicado no item 3 “aquele que tem diploma de algum curso que forma professores”. Sim, a grande parte dos professores universitários desta pesquisa e, pelas exigências legais e as relações de poder do mundo acadêmico, das instituições de nível superior brasileiras, não têm uma formação pedagógica para trabalhar como professores. Contudo, eles o são.

Para ser professor em uma universidade pública brasileira, basta um título de doutor e uma aprovação em processo seletivo ou concurso público. O caminho na área de pesquisa, as publicações, os congressos, os artigos, a dissertação e a tese são a formação exigida. A formação pedagógica é maculada, afrontada, ofendida, transgredida, violada, enfim, profanada.

Tal alvitre não muda o fato de que eles, que lá estão, são professores universitários. Seus percursos podem ser profanatórios para a pedagogia, mas haveria outros caminhos? Outras possibilidades poderiam suprir ou fazer tão bem à universidade como a necessidade de não se ter um padrão, de não seguir caminhos rígidos?

Nas próximas páginas se propõe uma discussão sobre padrões impossíveis, pedagogias pedagogizantes, caminhos sagrados, profanações necessárias e sobre aqueles que são professores e como chegaram a sê-lo.

O primeiro capítulo é uma narrativa dos caminhos trilhados para o tornar-se mestre e para a escrita dessa dissertação, desde uma mudança constante da autora até os percursos que esse trabalho ganhou ao longo de sua escrita. Inicia-se com um agradecimento ao Manoel, aqui representando tantos que cruzaram seu caminho e propiciaram um diferente relacionamento como o saber.

O segundo capítulo traz a estruturação documental apresentada pelas universidades estudadas sobre a organização da formação pedagógica que oferecem aos seus alunos de pós-graduação. Trata-se de uma compilação de dados coletados por meio eletrônico com objetivo de contextualizar as políticas institucionais nas quais as experiências de formação se fizeram.

O terceiro capítulo “As universidades e o trabalho docente” propõe uma discussão sobre a estrutura universitária de formação, seleção e atuação dos docentes universitários. São questões do cotidiano e das responsabilidades que são atribuídas a eles nesse espaço.

O quarto capítulo, “Histórias de Formação: discursos circulantes”, busca trazer uma narrativa sobre os discursos produzidos pelos docentes universitários durante as entrevistas. É dividido em quatro subitens: “Sobre o estágio”, que traz falas sobre as experiências vividas nos estágios supervisionados em docência; “Sobre a prática pedagógica”, que compila trechos das entrevistas sobre atuação dos docentes nas salas de aula como professores universitários; “Sobre ser docente”, que tenciona narrar o que discursam sobre o significado da docência e sobre a experiência de se tornar docente; e o “Sobre a formação”, que reúne elementos, desde sentimentos sobre seus próprios processos formativos, até ideias sobre como a formação dos professores universitários poderia ser estruturada.

O quinto capítulo, “Experiências docentes e a profanação do pedagogicismo” tem por fito trazer as experiências relatadas pelos docentes categorizadas em três

temas: Sobre ser e tornar-se professor; Sobre se relacionar com a pedagogia, com o pedagógico e Sobre o outro e a relação com ele: a prática. É uma leitura sobre os discursos narrados no capítulo anterior.

O primeiro subitem traz elementos sobre as experiências no percurso de formação narrado por esses docentes, a multiplicidade de possibilidades e caminhos que percorreram para chegarem ao que os une: a profissão de docente. O segundo, sobre a relação que eles estabelecem com o 'ser professor', com o que tomaram como exemplo, como desejo e necessidade para ser docente. E o último versará sobre o dia a dia, sobre o que fazem e como se sentem em relação a isso e em relação ao outro, seus alunos.

Bem distante de pretender traçar mapas ou padrões, esse trabalho pretende proporcionar ao leitor o contato com experiências docentes, com o objetivo de tentar entendê-las ou explicá-las e, para além disso, que seja possível senti-las e incorporá-las ao significado de ser docente universitário.

1 CAMINHOS PERCORRIDOS

1.1 Um agradecimento ao “Manoel”

A epígrafe deste trabalho foi extraída do texto no qual Durval Muniz de Albuquerque Júnior ‘conversa’ com Manoel de Barros sobre história, memória e ensinamentos deixados na obra de Manoel. O percurso traçado pela autora na criação desta dissertação é permeado pelos mesmos sentimentos e pela mesma gratidão, não somente a Manoel, evidente, mas a todos que de algum modo cruzaram seu caminho e propiciaram diferentes experiências com o saber. Tornar-se mestre é um processo que vai muito além do momento da defesa de um texto, é um conflituoso e intenso relacionamento com o saber.

Largar a razão, se envolver com a vida, procurar a diferença e não a identidade, buscar possibilidades, dar novos sentidos, conviver com o presente, inventar trajetórias, transformar uma coisa em outra, se encontrar, entender, explicar, mas principalmente deixar-se incorporar pelo saber, transformar-se por ele, é tornar-se mestre. É o desejo, quase erótico, de se relacionar com o outro e com o conhecimento, é sentir prazer nisso. Momentos únicos e líquidos, incertos e nada fixos que não permitem a ninguém fingir que é agora como era antes. Por isso, obrigada, “Manoel”!

A autora desta dissertação é pedagoga. cursou pedagogia na Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto, entre 2008 e 2011. Foi um período de pensar e aprender sobre Educação em diversas perspectivas. No segundo ano de graduação, passou a desenvolver uma pesquisa na área de formação de professores e ingressou em um grupo de pesquisa, ocasião na qual ocorreu a apresentação à Pedagogia Universitária.

Já havia questionado a formação das professoras e professores da Educação Básica, mas nunca havia sequer pensado em como os docentes da universidade se formavam ou se tornavam professores. Com o grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Currículo de Ribeirão Preto (GEPEFERP), começou a conhecer esse campo de formação e a se surpreender com as contradições e desafios

que ele traz. O projeto de iniciação científica foi organizado e, com o financiamento do CNPq pelo programa PIBIC, a pesquisa intitulada “A formação do professor na Universidade: ressignificando a práxis no Estágio Supervisionado em Docência” se iniciou, concomitantemente, a outros dois projetos voltados à formação pedagógica do professor universitário.

A pesquisa supramencionada deu origem ao Trabalho de Conclusão de Curso e teve como objetivo investigar, junto aos docentes e estudantes de todas as unidades da Universidade de São Paulo – Campus de Ribeirão Preto, seus processos formativos e a contribuição do Estágio Supervisionado em Docência do Programa de Aperfeiçoamento do Ensino para suas atuações e formações pedagógicas. Foram entrevistados os coordenadores de pós-graduação, docentes e estudantes egressos do Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE). A monografia foi defendida no final da graduação, em 2011. Aprofundou-se nas questões da formação de professores, participou do Curso de Pedagogia Universitária e também de um projeto desenvolvido com a Faculdade de Farmácia sobre as percepções dos alunos a respeito de seus docentes.

No último semestre da Faculdade, com o fim da bolsa CNPq de Iniciação Científica, exerceu a monitoria da disciplina de didática. Como a docente que ministrava esta disciplina também era responsável por Teoria do Currículo, ambas foram acompanhadas.

Durante e após o contato com todos esses personagens envolvidos com a docência universitária e com as pesquisas que investigam questões correlatas, muitas inquietações passaram a fazer parte do cotidiano. A necessidade de conhecer como diferentes processos de formação coexistiam na universidade e davam formas ao Ensino Superior se tornou uma obsessão. A graduação deixara muito mais perguntas do que respostas.

Nesse momento formativo, as certezas da necessidade e da urgência de uma Pedagogia Universitária universal eram prementes. Saber que a pedagogia era esquecida e que professores recebiam esse título sem necessariamente terem pensado em educação, em como dar aulas, tratar seus alunos, no papel social, psicológico e político que ocupavam era desesperador. Evidentemente que esse pensamento não era generalizado e alguns percursos, extremamente ou forçosamente ligados à educação, surgiam como um padrão não só aceitável como desejável. O objetivo era pensar em como tornar isso um padrão, garantir e ter a

certeza que nenhum professor entraria em sala de aulas sem seu processo de “professorização” ou “pedagogicização”.

1.2 A construção do Projeto

Este trabalho, inicialmente, foi muito pautado nas pesquisas já desenvolvidas durante a graduação e com a esperança de obter as respostas para as questões que propunha. O intento era trabalhar com uma análise documental e investigar como todas as universidades públicas brasileiras organizavam seus estágios supervisionados. Assim, seria possível estabelecer padrões e quem sabe, descobrir uma solução.

Os caminhos da Universidade abriram outras perspectivas para o projeto e uma nova proposta surgiu: pensar a formações de professores com menos pretensão, menos verdades, menos padrões, menos pedagogia. E assim esse texto começou a ser construído. Era impossível continuar a pensar como antes depois de experimentar e ter contato com certas ideias. Há ideias que são impossíveis fingir que não se conhece. Perdeu-se um pouco da ingenuidade que se pretendia, contudo, ganhou-se a liberdade de profanar conceitos, suspender verdades, ressignificar ideias, criar relações e inventar um novo modo de pensar.

As leituras sobre as teorias pós-críticas em educação e de trabalhos desenvolvidos nesta linha, indicados pela orientadora desta pesquisa, suscitaram questões nunca pensadas e despertaram a vontade de trabalhar com novos olhares. Mesmo com um conhecimento muito superficial sobre essas teorias, a mudança de perspectiva metodológica foi aceita. Na verdade, foi inevitável. Cada dia fica mais evidente que esse processo não tem fim, o escrito hoje é facilmente questionável amanhã, as verdades inventadas são maculadas dia após dia e assim o projeto foi sendo reinventado.

Para auxiliar nesse processo, as experiências vividas na Universidade foram fundamentais. O estágio PAE, alvo inicial dessa pesquisa, foi cursado em uma disciplina conduzida na perspectiva de Foucault durante o primeiro semestre de 2014, pela professora Cecília Hanna Mate. Ademais, também a disciplina de Sociologia,

ministrada pela professora Fabiana Jardim, que trabalha com o mesmo referencial teórico, no segundo semestre. Além do curso da professora Cinthia Ribeiro, “Pensamento como experiência política: uma crítica da cultura a partir de Michael Foucault”.

O estágio no Programa de Formação de Professores da Faculdade de Educação como monitora bolsista, com duração de mais de um ano, foi primordial para o contato com profissionais e estudiosos de outras áreas. Isso propiciou espaços de discussões acerca das estruturas da própria Universidade. Nesse programa, a oportunidade foi de acompanhar, junto com uma equipe de vinte e três monitores de diversas áreas, disciplinas, atividade de suporte, discussões sobre as concepções e propostas de estágio desenvolvidas pelos professores. Havia também participações no Clube da Matemática e Geociências, pesquisas e entrevistas realizadas junto aos docentes da Faculdade de Educação. Estar em reuniões, inacessíveis aos alunos, como educadora, permitiu um contato com os docentes e com as questões postas no cotidiano universitário que deixaram nítidas a beleza e a riqueza da diversidade na universidade.

Todos esses espaços fazem parte da busca de compreender como as ideias de autores pós-críticos podem servir como ferramenta de pensamento ao olhar para os questionamentos. É necessário aprender muito sobre as ideias de Foucault, além de haver um extenso caminho para amadurecer concepções e reflexões a partir dessas teorias. Esse tempo de estudos, no entanto, já proporcionou vivências e indagações que mobilizaram o modo de encarar a pesquisa acadêmica, em especial os problemas que causam inquietações.

Pensar a universidade somente como a sala de aula, estágios e disciplinas seria continuar pedagogizando o que ela representa. Muitos dos elementos que mobilizaram o pensamento estavam fora das aulas e horários a serem cumpridos: se fizeram nas conversas de corredor, nos bate papos na cantina, nas discussões sobre as recentes mudanças curriculares pela qual passa a Faculdade de Educação, nas greves, nas confraternizações, nas idas e vindas das escolas, nas conversas após as entrevistas, naquelas que se fizeram na espera dos professores, enfim, o aprendizado ultrapassou as paredes das salas de aulas e se fez, também, nas experiências de estar na universidade.

É possível afirmar que as novas leituras e as discussões mobilizaram conceitos e ideais que ultrapassam a linha profissional e chegam diretamente ao modo de ver a

vida. Soaria falso e efetivamente inútil atestar que as mudanças formativas acontecem em determinados espaços e não para além deles. Seria, talvez, a diferença entre preparar alguém e formar alguém. O primeiro traz a ideia de estratégias, técnicas e treinamento para determinadas situações, nada condizente com o segundo processo, de formar, modificar e transformar alguém para ser algo.

Tal relação fez lembrar o Mito da Caverna, escrito por Platão em sua obra *A República*, que versa sobre a descoberta realizada por seres-humanos que passaram a vida dentro de uma caverna, acreditando serem as sombras e os ruídos a realidade, e, quando um conseguiu sair e ver o lado de fora, foi tomado por louco pelos outros que não creram no que ele disse. O Mito foi normalmente interpretado como a libertação da condição de escuridão e ignorância para a revelação da luz da verdade. No caso, deixou-se o estado de ignorância (ainda que nunca totalmente) que fazia acreditar ser possível descobrir a verdade, através de uma pesquisa científica, com métodos e rigor, para encarar que a verdade única não existe, mas que as verdades inventadas coexistem e lutam por seus espaços de reconhecimento. É estar fora da caverna e bem distante de saber a verdade, mas ciente, e tal situação é o que importante, que ela não existe em absoluto.

O projeto de mestrado foi reformulado. Novas verdades serão inventadas, mas agora sem parte da ingenuidade que carregariam. Há uma diferença entre inventá-las e descobri-las. As dimensões também foram alteradas, afinal, como seria possível ou útil mapear formações por todo o país? Está restrito às três universidades estaduais paulistas e seus docentes. O foco nas formações permanece, mas em outros contextos, e o estudo sobre os estágios também. O mais importante, contudo, é não se pretende mais revelar, mapear, registrar realidades, nem sequer, se supõe narrar histórias e definir percursos. Trata-se agora de criar narrativas, suspender processos e pensar em algumas das inúmeras profanações que acontecem diariamente na universidade.

1.3 Passos trilhados

O Estágio em Docência foi considerado como obrigatório pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por meio da Circular nº 028/1999 que apresenta diretrizes para implementação. Posteriormente, a Portaria

nº129 de 13 de dezembro de 2006, revogando as Portarias nº 47/2000, nº 65/2002, nº 13/2003, nº 22/2003, diz no artigo 19 que o “estágio de docência parte integrante da formação do pós -graduando, objetivando a preparação para a docência, a qualificação do ensino de graduação e será obrigatório para todos os bolsistas”. Dessa forma, todos aqueles alunos de pós-graduação que forem bolsistas CAPES devem fazer o estágio. A partir das diretrizes implementadas por essas políticas, cada universidade estruturou seus programas e seus modos de conduzir este estágio. Para além das políticas, cada docente supervisor carrega para a proposta desse estágio suas subjetividades, suas concepções e seus próprios processos de formação, tudo mais uma vez ressignificado por aquele que realiza o estágio. Assim, o estágio exigido pela CAPES se torna uma experiência diferente para cada um que participa dele, ganhando múltiplos significados durante sua realização e sendo ainda reconfigurados no momento em que o aluno de pós se torna o docente desta mesma universidade.

A política institucional, mesmo que de uma única instituição não pode ser descartada, é importante a sua existência. A formação do professor universitário carece de uma Educação Maior, ou seja, de diretrizes e leis que orientem suas ações, ideia que Silvio Gallo traz em seu texto “Por uma educação menor” (2002)¹. Mas é vivida diariamente na Educação Menor de cada instituto e departamento das universidades, quando cada docente e aluno transformam qualquer orientação institucional em experiências da sala de aula. A ideia de uma política que busca padronizar e produzir os indivíduos em série para serem professores nesse nível educacional ainda é bastante precária. Por outro lado, as universidades criaram seus próprios mecanismos de políticas institucionais, para os quais seus docentes supervisores de estágio atribuem múltiplos sentidos e significados. O estagiário aprende independentemente das políticas e do controle que a universidade consegue ter sob ele.

Os sujeitos entrevistados são docentes contratados nos últimos dez anos pelas três universidades estaduais paulistas (USP, UNESP e UNICAMP) que realizaram o estágio supervisionado durante seus cursos de mestrado ou doutorado. Esses sujeitos foram escolhidos, pois, poderiam compartilhar suas experiências sobre como

¹O autor, inspirado na obra “Kafka: por uma literatura menor”, de Deleuze e Guattari, discute uma educação menor (do professor e seus alunos) confrontando a educação maior (das leis e diretrizes).

acreditam que o estágio tenha contribuído para atuação na sala de aula. Eles também forneceram informações sobre suas angústias e dificuldades ao se iniciarem na carreira.

Outros critérios utilizados foram o de que os docentes deveriam ter realizado o mestrado e o doutorado – ou o doutorado direto – na universidade estadual paulista que lecionam hoje. Esses dois parâmetros serviram para reduzir o número de instituições pesquisadas, pois não fazia mais sentido acreditar ser possível ou necessário abarcar todas as experiências, criando e enquadrando-as em categorias para definir quase que quantitativamente o quanto o estágio contribuiu, além de garantir certa proporcionalidade no número de experiências ouvidas.

Foi respeitada também certa proporção nas áreas de atuação (exatas, humanas e biológicas), por apresentarem necessidades e mercados de trabalho distintos, além de perspectivas bem diferentes sobre a formação docente e a universidade.

O projeto ganhou novos sujeitos e indagações, que aliados às leituras e reflexões sobre alguns temas deram origem ao principal objetivo até o momento: conhecer as experiências de formação nos estágios e na prática docente desses sujeitos, como acreditam que se tornam docentes, quais saberes consideram necessários e quais práticas são mais significativas para eles.

Foi criado um percurso a seguir para desenvolver a pesquisa. Tal caminho foi modificado e reconstruído ao longo do tempo.

Foram escolhidas universidades públicas por estas apresentarem um processo de seleção de seus docentes mais rígido e constante, ou seja, exige-se de todos a mesma titulação para exercer o cargo. Além desse fator, as normas internas cobram e exigem a atuação dos profissionais no tripé universitário de pesquisa, ensino e extensão. As Universidades particulares, respaldadas pela lei, contratam docentes com uma maior variação de titulações, pois é permitido uma porcentagem de docentes somente com especialização, outra com mestrado e uma parcela menor de doutores. Evidente que tais peculiaridades não tornam um docente necessariamente menos qualificado que o outro para atuação como tal. Contudo, o processo de tornar-se mestre e tornar-se doutor garante um tempo mais prolongado de formação dos docentes de universidades públicas.

Primeiramente, os programas de formação docente dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* das universidades públicas estaduais paulistas foram

mapeados no que diz respeito à organização, ao currículo, às orientações gerais e às atividades propostas para os estudantes pós-graduandos, tendo em vista também a exigência da CAPES com relação ao Estágio Docente. Assim, ficou definido o campo geral em que os docentes seriam buscados para as entrevistas. Após buscá-los no site das instituições, o Currículo Lattes de todos foi consultado em busca daqueles que tivessem realizado a graduação, o mestrado e o doutorado na mesma instituição que lecionam hoje. Em alguns casos, a exigência ficou restrita ao mestrado e ao doutorado, por não receber as respostas no tempo necessário para a continuidade da pesquisa.

Os contatos foram iniciados com os docentes da UNESP de Araraquara, pois lá está o único campus com faculdades ou institutos das três áreas (exatas, humanas e biológicas). Dessa forma, o deslocamento seria feito para uma quantidade menor de lugares e sem deixar de manter, mesmo assim, a proporcionalidade. Nem todos os docentes responderam ao contato por e-mail (apêndice A), portanto, foi preciso fazer contato com docentes dos *campi* de São Paulo, São Vicente, São José do Campos e Franca, no total foram 52 docentes e 9 entrevistas realizadas.

Na UNICAMP, que tem três *campi*, as buscas se iniciaram pelo campus mais próximo à capital, mas como a escolha dependia de vários critérios, foi necessário o deslocamento até o novo campus de Limeira. Foram enviados e-mails para 38 docentes e realizadas as mesmas 9 entrevistas. Os contatos foram feitos aos poucos, enviando os e-mails para três docentes por vez até conseguir o número de três por área. Foram 24 e-mails enviados para docentes da USP, com o mesmo número de entrevistas. Todos que participaram assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice B).

As entrevistas foram realizadas com um roteiro (Apêndice C) que as guiou, porém não as limitou, uma vez que foram conversas gravadas e que tomaram diferentes cursos dependendo da trajetória e do docente. Após a transcrição das entrevistas, elas foram enviadas para os entrevistados, que tiveram a liberdade de alterar, acrescentar ou retirar o que desejassem. Tal procedimento foi adotado, pois o interesse não era analisar exatamente, palavra por palavra, o que o docente disse, mas suas experiências de formação. Dessa forma, faz sentido que a entrevista seja mais do que a fala de duas pessoas e se torne realmente uma construção, uma expressão desta vivência e talvez de um repensar dessa vivência. Somente três docentes retornaram o contato por e-mail, indicando que fizeram leituras e alterações nos textos. Os outros não retornaram nenhuma das outras duas tentativas de contato.

Para facilitar o acesso às informações a quem lê este trabalho, foi feito um resumo (apêndice D) de cada entrevista, selecionando informações que julgadas pertinentes para nos aproximarmos das narrativas dos indivíduos, para pensarmos sobre suas trajetórias e suas experiências. A apresentação por resumo pretende disponibilizar aos leitores as informações coletadas em campo. O ideal seria apresentá-las na íntegra, contudo, seria um volume de informações demasiado extenso, considerando que as entrevistas mais longas chegam a ocupar 40 páginas cada.

É importante ressaltar que, ao transcrever uma entrevista, ela se torna uma leitura do pesquisador, pois, por mais fidedigna que a transcrição seja, os tons de voz, as intenções, hesitações e expressões nunca poderão ficar devidamente registradas com a intencionalidade de reproduzir a prática, ela é sempre uma nova criação. Também não há, nas análises e no diálogo, o esgotamento das informações; primeiramente por isso não ser possível e também por não ser necessário, visto que a intenção não é narrar a verdade sobre o que acontece, mas se basear nas experiências.

Os entrevistados não foram identificados, por isso, serão tratados por números e suas identidades serão preservadas. Para identificá-los foram utilizadas as letras H, para os que atuam na área de humanas, B para a área de biológicas e E para exatas. Os docentes foram classificados por suas áreas de atuação na universidade não, necessariamente, por suas formações iniciais. As entrevistas tiveram duração de acordo com o tempo de fala das entrevistas, algumas duraram de 10 a 15 minutos; já a mais longa teve duração de cerca de 90 minutos. As perguntas foram as mesmas, mas o grau de detalhamento dos docentes teve uma grande variação. A tabela a baixo foi criada para o leitor conhecer algumas informações sobre os entrevistados:

	Formação	Percurso Profissional	Estágio
UNESP			
H1	Licenciatura em Ciências Sociais, mestrado em Sociologia e doutorado em Ciências Sociais	Foi presidente de uma ONG com atividades culturais na graduação, professor de escolas particulares, aulas	No doutorado

		para o funcionalismo público na área da administração pública e em faculdade particular.	
H2	Licenciatura em Matemática e em Música, mestrado e doutorado em educação musical	Trabalhou como músico, aulas em conservatório e particulares. Trabalhou em uma faculdade particular e ingressou na UNESP como professor substituto	No mestrado
H3	Licenciatura em geografia, com iniciação científica em ensino de geografia, mestrado em educação e doutorado em geografia	Deu aulas na rede estadual, trabalhou em universidade particular. Ficou como substituta na Universidade Pública até se efetivar.	No doutorado
E4	Licenciatura em química, mestrado em química e doutorado em educação para Ciências	Ministrou aulas em cursinho popular, colégio particular, ofereceu curso de extensão para professores da rede pública, foi professor do Instituto Federal e professor em universidade particular.	No mestrado
E5	Bacharel em química, com iniciação científica sobre estudo eletroquímico. Fez dois anos de aperfeiçoamento em bioquímica, mestrado em Biotecnologia e doutorado na mesma área	Trabalhou como técnico em laboratório e lecionou em Faculdade Particular	No doutorado
E6	Bacharel em química tecnológica, com iniciação científica. Mestrado em	Trabalhou em empresa, contratado como consultor	Mestrado e doutorado

	Química de Peptídeos e doutorado na mesma área	na área de biotecnologia e em faculdade particular	
B7	Odontologia, com iniciação científica, mestrado e doutorado na área de prótese	Clinicou, ministrou aulas em faculdade particular e em outra universidade pública	Duas vezes no mestrado e três no doutorado
B8	Odontologia, com iniciação científica, mestrado e doutorado na área de biopatologia bucal e pós-doutorado em cirurgia	Clinicou e trabalhou em hospital. Substituiu na Universidade pública por dois anos e em universidade particular	Duas vezes no doutorado
B9	Odontologia, especialização em radiologia, mestrado em biopatologia e doutorado em biologia	Clinicou e trabalhou com radiologia, deu aula em faculdades particulares	No mestrado
UNICAMP			
H10	Engenharia de alimentos, com iniciação científica na área de alimentação, mestrado em engenharia agrícola, doutorado na área de administração pública e dois pós-doutorados, um na administração e outro na saúde	Ministrou aulas em universidade federal	No mestrado e no doutorado
H11	Licenciatura em letras, mestrado, doutorado e pós-doutorado no ensino de inglês.	Ministrou aulas na educação básica e superior privada	No doutorado
H12	Agronomia, com iniciação científica em sócio agronomia,	Ministrou aulas em faculdade particular e	No doutorado,

	mestrado e doutorado em planejamento de desenvolvimento sustentável	universidade estadual, trabalhou em um instituto de pesquisa	por três vezes
E13	Licenciatura em Física, com Iniciação Científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado em Física Quântica.	Ministrou aulas em colégio como voluntária, professora contratada para proposta de curso interdisciplinar de engenharia na Universidade Pública	No mestrado e no pós-doutorado
E14	Física e química, com Iniciação Científica, doutorado direto em Matemática	Monitoria durante as graduações.	No doutorado direto
E15	Engenharia Química, com Iniciação Científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado em engenharia de alimentos	Professora temporária em federal e particular	No doutorado
B16	Engenharia de Alimentos, com iniciação científica, mestrado e doutorado em tecnologia e pós-doutorado em engenharia química	Estágio em uma indústria	No mestrado e no doutorado, por três vezes
B17	Licenciatura em Educação Física, com iniciação científica. Mestrado e doutorado em biomecânica	Ministrou aulas em um curso de especialização e trabalhou em faculdade particulares	Uma vez no mestrado e três vezes no doutorado
B18	Fisioterapia, mestrado e doutorado em fisiologia oral. Pós-doutorado em biologia	Ministrou aulas em faculdades particulares	Durante todo o mestrado e doutorado
USP			
H19	Licenciatura em Física, com iniciação científica, mestrado e doutorado em ensino de	Trabalho em curso de extensão	Por três vezes no mestrado e

	ciências e matemática		duas vezes no doutorado
H20	Pedagogia, com iniciação científica, mestrado e doutorado em história da educação. Pós-doutorado em história e didática	Ministrou aulas em faculdades particulares e participou de projetos de formação de professores	No mestrado e no doutorado, duas vezes em cada.
H21	Pedagogia, com iniciação científica. Mestrado e doutorado em história da educação.	Professora e coordenadora de projeto na EJA, formação continuada e aulas em universidade particular	Mestrado e doutorado, por quatro semestres
E22	Estatística, com iniciação científica, mestrado e doutorado na mesma área		No doutorado
E23	Ciência da Computação, com iniciação científica. Doutorado Direto em bioinformática e pós-doutorado na mesma área no Japão		No doutorado
E24	Bacharelado em Matemática, com mais de uma iniciação científica, mestrado em Teoria dos Conjuntos de Análise, doutorado na mesma área. Dois pós-doutorados na mesma área.		Mestrado e doutorado
B25	Odontologia, com iniciação científica, mestrado e doutorado em Materiais Dentários	Atendimento em consultório e aulas em faculdades particulares	Mestrado, por três semestres
B26	Licenciatura em biologia, mestrado e doutorado em algas marinhas	Ministrou aulas na educação básica, em projetos de	Mestrado e doutorado por cinco

		extensão e em faculdades particulares	semestres
B27	Licenciatura em ciências biológicas, doutorado direto em botânica e pós-doutorado na mesma área.	Trabalhou em indústria	Doutorado direto, por três vezes

Tabela única: dados retirados das entrevistas realizadas com os docentes universitários.

Como a tabela deixa evidente, não há nenhum padrão possível de ser encontrado nos dados dos professores entrevistados, exceto o criado para escolhê-los: a presente atuação em universidade pública e a experiência no estágio docente. Cada um apresenta um percurso muito peculiar de formação e atuação profissional. As três células em branco, na coluna de percurso profissional, assim estão, pois, a única experiência profissional relatada pelos docentes é a de atuação hoje na universidade pública.

Os institutos, departamentos, disciplinas ou áreas de atuação específicas das quais fazem parte hoje não foram divulgadas, pois a identificação se tornaria fácil a partir desses dados.

Durante todo o processo, foi realizado um levantamento bibliográfico, estudo da literatura a respeito do papel da universidade e docência universitária. As obras foram fontes para a fundamentação, problematização e os diálogos para o desenvolvimento das ideias para esta pesquisa, unindo e reconstruindo com outras fontes de informação.

Foram encontradas, coletadas e reunidas todas as informações disponíveis sobre o objeto desta pesquisa, tudo o que fosse encontrado aos “nossos pressupostos, às nossas premissas e às imagens de pensamento instituídas nas correntes teóricas” (PARAÍSO, 2012, p. 34), ao referencial teórico da formação de professores.

Não foi utilizado, como exposto, um único método de pesquisa, mas aqueles que melhor se identificam com a busca e que pudessem contribuir com a constituição do arquivo de pesquisa. Os docentes entrevistados contribuíram com relatórios, planejamentos de cursos e artigos.

Após as transcrições, três categorias foram criadas a partir do objetivo proposto no trabalho e das falas trazidas pelos entrevistados:

1. Sobre ser e tornar-se professor: que busca trazer discussões sobre as falas dos docentes referentes aos processos de formação e das concepções sobre ser docente;
2. Sobre se relacionar com a pedagogia, com o pedagógico: que visa pensar nos discursos sobre a pedagogia e a educação;
3. Sobre o outro e a relação com ele: a prática: que tem como objetivo olhares sobre a prática que desenvolvem e suas percepções sobre elas.

As entrevistas contribuem para pensarmos muitos outros elementos sobre a docência e a experiência de fazer parte dela, contudo, foi necessário fazer escolhas e eleger temáticas que servissem ao objetivo de recriar um discurso sobre o que foi dito por eles, para além de um valor documental, mas pensando em dar voz às experiências. Com a leitura das narrativas não se buscou uma identidade docente, mas colocar em evidência a multiplicidade dos discursos a partir das ferramentas que a autora conhece.

2 ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS EM DOCÊNCIA NAS TRÊS UNIVERSIDADES ESTADUAIS PAULISTAS

A formação do docente universitário é contínua e acontece em diversos espaços, o Estágio em Docência é somente um deles. Esse recorte foi feito porque a pós-graduação *Stricto Sensu* é a titulação inicial necessária para que um indivíduo assuma o cargo de professor universitário em uma universidade pública e o estágio, exigido somente dos bolsistas CAPES, é o espaço institucional que as universidades criaram para a formação pedagógica dos estudantes de pós-graduação. Abaixo, são apresentadas um pouco da legislação e da história das três universidades estaduais paulistas para esse espaço de formação. Nesse capítulo, são arroladas as informações que constam nos sites institucionais, com algumas poucas observações sobre os dados divulgados para qualificar a pós-graduação nessas universidades.

2.1 UNESP

A união de diversas faculdades fundadas nos anos 1950 e 1960 possibilitou a criação da UNESP, em 1976. Uma autarquia submetida ao governo do Estado de São Paulo forneceu o aparato legal para a integração dessas instituições de ensino a uma universidade: “De conformidade com a Lei 952 de 30 de janeiro de 1976, foi criada a Universidade Estadual Paulista que recebeu do governador o nome de ‘Júlio de Mesquita Filho’, da qual passavam a fazer parte os Institutos Isolados.”²

Diversos movimentos dentro da universidade acompanhados pelas lutas das Diretas-Já iniciaram uma campanha em prol de uma gestão mais democrática, contra a estrutura centralizadora e burocratizada que caracterizara a administração da universidade em seus primeiros anos. Esse ideal de uma instituição com mais liberdade e a busca de expansão pela qual passou a UNESP foram a grande luta empreendida nessa universidade dos anos 1980 aos 1990. A estratégia utilizada para tal foi “uma aproximação cada vez maior da Universidade com o interior do Estado de

² Informações retiradas do site <http://www.unesp.br/portal#!/apresentacao/historico/>, acessado em 07 de julho de 2014, às 15h.

São Paulo, ao atender aos insistentes apelos das comunidades do interior”, dentre outras ações menores.

Na década de 1990, sob influência das políticas do governo estadual, a bandeira defendida pela UNESP foi a da ampliação da oferta de vagas, com a criação de “Unidades Diferenciadas, atualmente denominadas Campus Experimentais”. Atualmente, a UNESP é conhecida por ter campus com cursos de graduação e pós-graduação dispersos em diversas cidades do Estado de São Paulo.

A pós-graduação é a segunda maior do país, presente em 18 cidades do Estado de São Paulo, com cursos em todas as áreas do conhecimento e reconhecida importância acadêmica. São “135 Programas, sendo 121 cursos de mestrado acadêmico, 13 de mestrado profissional e 104 de doutorado, todos credenciados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) ”.

Prestigiada internacionalmente por suas pesquisas, com múltiplas ações de internacionalização para docentes e estudantes, “figura entre as 400 melhores universidades do mundo” (de acordo com o Ranking Shanghai 2013). A UNESP acredita em que “a internacionalização dos programas de pós-graduação se reflete em excelência na formação de mestres e doutores. ”³

O estágio docente foi criado em 1997, pela Resolução UNESP nº 04, de 22 de janeiro de 1997; e alterado pela Resolução UNESP nº 78, de 05 de setembro de 2002. Na ocasião, ficou estabelecido que o estudante de mestrado poderia realizar até um semestre de estágio e o de doutorado, até dois, com atividades de “observação, participação em seminários e em aulas teóricas e práticas, participação em atividades extra-classe e regência de classe” (art.4º). A resolução ainda exigiu a elaboração de um projeto específico para cada estágio e limitou a regência do estudante a 20% do total de aulas da disciplina.

O documento de criação, composto por 7 artigos, determinou em seu 6º artigo que cada Conselho de Curso de Graduação teria autonomia para fixar suas normas próprias, desde que estivessem de acordo com a citada Resolução. As alterações, publicadas em 2002, redigiram dois parágrafos da Resolução inicial, somente

³ Informações retiradas do site <http://www.unesp.br/porta#!/propg/equipe/atribuicoes14431/>), acessado em 07 de julho de 2014, às 15h20.

definindo melhor o conceito de turma/disciplina e do tempo estipulado para a realização do estágio.⁴

Com isso, o estágio docente tem adquirido múltiplos formatos e proporcionado aos estudantes distintas possibilidades para vivenciá-lo. Ao ler sobre a história da pós-graduação na UNESP, fica nítido que tal etapa é voltada à formação de pesquisadores, com foco, inclusive, na internacionalização. A qualidade também é medida e divulgada a partir de rankings internacionais voltados à pesquisa e à produção de trabalhos científicos.

2.2 UNICAMP

A UNICAMP foi fundada em 1966, em busca de responder à demanda de pessoal qualificado no Estado de São Paulo, “que já na década de 60 detinha 40% da capacidade industrial brasileira e 24% de sua população economicamente ativa”⁵.

Diferentemente da UNESP, esta universidade não foi criada a partir da união de distintas unidades, mas de uma ideia que já considerava toda sua estrutura atual. “Basta dizer que, antes mesmo de instalada, a Unicamp já havia atraído para seus quadros mais de 200 professores estrangeiros das diferentes áreas do conhecimento e cerca de 180 vindos das melhores universidades brasileiras”.

Com 22 unidades de pesquisa e de ensino, distribuídas em três campi (Campinas, Piracicaba e Limeira), oferece cursos de graduação em diversas áreas de formação, além de representar “aproximadamente 12% da totalidade de teses de mestrado e doutorado em desenvolvimento no País”. Com a quase totalidade de seus docentes em dedicação exclusiva, a universidade almeja que “os docentes que ministram as aulas sejam os mesmos que, em seus laboratórios, desenvolvem as pesquisas que tornaram a Unicamp conhecida e respeitada”.

Mantém ainda uma forte relação com a indústria, através da ideia de que a pesquisa, diretamente ligada à qualidade do ensino, é, também, uma atividade

⁴ Informações retiradas do site http://www4.faac.unesp.br/departamentos/ddi/estagio_docencia.php acessado em 07 de julho de 2014, às 15h30.

⁵ Essas informações, bem como as subsequentes, foram retiradas do site <http://www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp/historia>, acessado em 06 de julho de 2014, às 10h15.

econômica. “A tradição da Unicamp na pesquisa científica e no desenvolvimento de tecnologias deu-lhe a condição de universidade brasileira que maiores vínculos mantêm com os setores de produção de bens e serviços”.

A Unicamp oferece 144 cursos de Pós-Graduação em diferentes áreas do conhecimento (biológicas, saúde, artes, humanas, exatas, tecnológicas e da terra). Praticamente metade dos cursos apresenta nível de excelência internacional (...) e têm como objetivo a formação de recursos humanos altamente qualificados, com vistas ao ensino, pesquisa e ao desenvolvimento científico e tecnológico.⁶

O Estágio Docente faz parte do Programa de Estágio Docente (PED), criado em 1992 através da Portaria GR-92 de 21 de agosto de 1992 e atualmente regulamentado pela GR nº 19, de 27 de maio de 2014. É organizado semestralmente e pode receber remuneração de acordo com o grupo que o estudante pertencer ou for voluntário. Há uma divisão entre os grupos de atividades supervisionadas em: Grupo C (Atividades de Apoio à Docência Parcial), Grupo B (Atividades de Docência Parcial) e Grupo A (Atividades de Docência Integral sob supervisão).

O grupo C pode ministrar até 25% das aulas da disciplina e 8 horas de dedicação semanal, é composto por alunos de mestrado ou doutorado. Já o Grupo B assume de forma parcial ou integral a carga didática das disciplinas, com no máximo 6 horas semanais e podem fazer parte desse grupo alunos do doutorado com experiência didática. O Grupo A, com estudantes de doutorado, experiência docente e dedicação exclusiva, pode se tornar responsável de forma integral pela carga didática da disciplina, com 12 horas semanais.⁷

Tal estágio tem configurações distintas do proposto pela UNESP, uma vez que o estudante, ainda que sob supervisão, tem a oportunidade de assumir toda a carga didática de uma disciplina. A possibilidade de remuneração diferenciada para os grupos também contribui para um caráter diferenciado desse programa. As citadas diferenças vêm acompanhadas de configuração muito mais centralizada por uma proposta institucional única para todas as unidades, fruto também do processo de criação dessa Universidade.

⁶ Informações retiradas do site <http://www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp/ensino-pesquisa-e-extensao/pos-graduacao>, acessado em 06 de julho de 2014, às 10h30.

⁷ Informações retiradas do site <http://www2.prgp.gr.unicamp.br/ped/>, acessado em 06 de julho de 2014, às 10h50.

2.3 USP

A USP, também uma universidade reconhecida internacionalmente, foi criada em 1934 como “uma instituição de ensino e pesquisa e, além de integrar as antigas escolas profissionais (de medicina, engenharia, odontologia, farmácia e agronomia), contava com uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, concebida como sede das, então chamadas, “ciências desinteressadas” e centro formador de professores e pesquisadores”.⁸

Atualmente está presente em rankings internacionais como *Academic Ranking of World Universities* (147ª posição), *Webometrics Ranking of World Universities 2014* (29ª colocação), também no ranking *Webometrics* (1º lugar) que avalia somente as universidades da América Latina e no que classifica os países dos Brics. “No *SIR World Report 2013*, elaborado pela Scimago Lab, onde a USP é considerada a universidade brasileira que mais publicou artigos científicos, indexados na base de dados Scopus, entre os anos de 2007 e 2011, entre as instituições de ensino superior de todo o mundo”. Além de estar na “127ª colocação no *QS World University Ranking 2013*, realizado pelo *Quacquarelli Symonds (QS)*, instituto britânico especializado em educação superior e carreiras e de ser a única instituição brasileira a figurar entre as 200 melhores do mundo, também é a latino-americana mais bem colocada – pelo terceiro ano consecutivo”.

Com 249 cursos de graduação em todas as áreas de ensino, em 42 unidades de Ensino e Pesquisa, distribuídas em diversos campi pelo estado de São Paulo, é responsável por 22% da produção científica do país.

A pós-graduação, que foi implantada em 1969, possui cursos de mestrado e de doutorado em todas as áreas de conhecimento com “objetivo a formação de recursos humanos altamente qualificados, com vistas ao ensino, pesquisa e ao desenvolvimento científico e tecnológico”. Tem ainda uma proposta de programas interunidades e interinstitucionais.

Em 2011, a universidade atingiu a marca de 100 mil pós-graduandos (de mestrado e doutorando) com suas pesquisas defendidas desde a criação da

⁸ Informações retiradas do site [Http://www.prg.usp.br/?page_id=5](http://www.prg.usp.br/?page_id=5), acessado em 05 de julho de 2014, às 22h40.

instituição, em 1934. Esse número, que vem crescendo de forma acelerada, mantém a universidade na liderança em formação de mestres e doutores no Brasil.⁹

O Estágio Docente faz parte do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE), regulamentado pela Portaria GR 3588, de 10 de maio de 2005, com o “objetivo de aprimorar a formação do pós-graduando para atividade didática de graduação”. Nesta universidade, o Programa apresenta duas etapas: Preparação Pedagógica e Estágio Supervisionado em Docência.

A primeira faz referência à formação teórica dos estudantes e pode assumir distintos formatos, de acordo com a necessidade e disponibilidade de cada unidade. As diretrizes gerais permitem que esse curso se estruture das seguintes formas: “a) uma disciplina de Pós-Graduação oferecendo créditos, cujo conteúdo estará voltado para as questões da Universidade e do Ensino Superior; b) conjunto de conferências, com especialistas da área de Educação, condensadas num tempo menor, tendo como tema as questões do Ensino Superior; c) núcleo de atividades, envolvendo preparo de material didático, discussões de currículo, de ementas de disciplinas e planejamento de cursos, coordenadas por professores.”

O Estágio, faz parte da segunda Etapa, e pode ser desenvolvido somente em disciplinas de graduação e sempre posteriormente a realização da etapa de Preparação Pedagógica. Os estagiários podem, ou não, receber créditos pela atividade, de 6 horas semanais, decisão que fica a cargo de cada unidade. O Programa é opcional àqueles que não são bolsistas CAPES e há a possibilidade de remuneração, que, no caso dessa universidade, paga o mesmo valor para todos os estudantes. Os discentes podem assumir no máximo 10% da carga didática da disciplina, contudo, não basta a supervisão do docente nesses momentos: é necessária a presença dos mesmos.¹⁰

Dessa forma, podemos observar que a Universidade de São Paulo também permite certa autonomia para suas unidades, impondo diretrizes gerais que devem

⁹ Informações retiradas do site [Http://www.prpg.usp.br/?page_id=108](http://www.prpg.usp.br/?page_id=108), acessado em 05 de julho de 2014, às 23h.

¹⁰ Informações retiradas do site [Http://www.prpg.usp.br/?page_id=359](http://www.prpg.usp.br/?page_id=359), acessado em 03 de julho de 2014, às 8h50.

ser seguidas. A considerável quantidade de informação que foi disponibilizada pela instituição também pode suscitar a forte relação estabelecida entre a formação dos pós-graduandos e a pesquisa, em detrimento, muitas vezes do ensino.

As três universidades, embora no mesmo Estado e com algumas semelhanças, tiveram processos de criação distintos e têm, atualmente, objetivos diversos para seus cursos de graduação e pós-graduação, ora mais relacionados ao mercado de trabalho, ora à pesquisa internacional. A partir dessas configurações, foram obrigadas a criar o Estágio Docente e o realizaram em configurações diversas. Os indivíduos que fizeram e fazem parte desses Programas os vivenciaram ainda a partir de suas formações, de seus supervisores de estágio e das escolhas de suas unidades, transformando “O” Estágio Docente exigido pela CAPES em “muitos” estágios docentes.

3. AS UNIVERSIDADES E O TRABALHO DOCENTE

A exigência da carreira docente na Universidade pública inclui a graduação, o mestrado e doutorado. Normalmente, esse professor precisa ter uma série de publicações e participações em congressos, bem como pesquisas realizadas na área para a qual está concorrendo ao cargo. São exigências de um mercado de trabalho que tenta garantir uma formação científica mínima para aquele que ocupará esta função. Apesar de o cargo ser denominado “docente” ou “professor”, nenhuma formação pedagógica é cobrada daquele que almeja dar aulas na universidade. Durante o processo de seleção, em que são exigidos e avaliados os conhecimentos científicos, somente uma das fases procura saber se aquele indivíduo pode dar uma aula, ou melhor, se ele pode expor um tema. Assim, a carreira de professor já começa sua seleção em busca de bons pesquisadores, e não de bons professores.

Tais afirmações não significam que aqueles que são bons pesquisadores e que passam por esse concurso não são ou não possam vir a se tornar bons docentes, mas demonstra a falta de preocupação das instituições com esta questão. Historicamente, nossa sociedade vem construindo a ideia de que aquele que possui conhecimento consegue transmiti-lo. Seria, no entanto, essa função social da universidade? É transmissão o que almejamos de nossos docentes?

A avaliação imposta nesses espaços também contribui para esse contexto. Os docentes são cobrados e avaliados a partir da produção científica que possuem. Embora ela seja de extrema relevância para a universidade e para a formação dos estudantes de graduação e pós-graduação, quando colocada em primeiro lugar, joga para segundo plano o ensino, o qual muitas vezes é exercido pelo docente como uma obrigação a ser cumprida.

Antonio Nóvoa, em seu texto publicado em 2015 *Em busca da liberdade nas universidades: para que serve a pesquisa em educação?* faz uma provocação com relação à pesquisa em educação que temos hoje, ideias que aqui são transportadas para pensar sobre as universidades atuais. Três ideias são defendidas.

A primeira propõe que no lugar da excelência são necessários o debate e a cultura, ou seja, é preciso lutar para que a pesquisa – e por que não a universidade? – seja uma práxis coletiva aberta e colaborativa, que envolva todos em prol de um espaço de mais liberdade e criticidade.

A segunda ideia proposta é a da substituição do empreendedorismo pela liberdade e convergência. Isso significa que as pessoas na universidade precisam de tempo para pensar e para errar. Menos funções, menos cobranças, até mesmo menos horas de aula para que seja destinado mais tempo ao pensar, ao criar e ao transformar-se. A universidade tem sido vista como uma empresa, mas a sua essência se baseia no contrário e na diversidade de olhares.

A terceira ideia defendida por Nóvoa, aborda empregabilidade versus plenitude e abertura. Ao se pensar na formação dos professores universitários, nas publicações, pesquisas e nos processos de contratação, essa empregabilidade visivelmente toma o espaço. Cada vez os docentes são mais jovens, com percursos estritamente acadêmicos considerados de excelência e sem experiências fora do espaço universitário. O processo de tornar-se mestre é atropelado pelo doutorado direto.

Parece que os docentes universitários reproduzem as aulas que tiveram em seus percursos acadêmicos, garantindo, pela sua prática, uma transmissão mais ou menos eficiente de saberes e uma socialização idêntica àquela de que eles próprios foram objeto. Segundo vários pesquisadores, os conhecimentos pedagógicos se constituíram distantes do espaço universitário e só tardiamente alcançaram certa legitimação científica. (CUNHA, 2009a; PIMENTA E ALMEIDA, 2009, 2011; LUCARELLI, 2009; PIMENTA E ANASTASIOU, 2005; TARDIF, 2002).

A universidade como *lócus* de conhecimento tem um papel fundamental na formação de professores. Tendo em vista a exigência da CAPES (Circular CAPES 028, de 1999) ao instituir a obrigatoriedade do Estágio àqueles que poderão atuar como docentes universitários, os programas de pós-graduação passam a representar espaços potencializadores da formação docente. A legislação e a história da formação docente nas universidades brasileiras ainda despertam muitos questionamentos e necessidade de compreensão sobre a carreira docente.

A oportunidade de ter o contato com a realidade a partir do estágio exigido pela CAPES proporciona, de certo modo, ao estudante pós-graduando confrontar a prática a partir de sua formação e de suas apropriações teóricas, vivenciar uma experiência e senti-la como um futuro docente.

A necessidade de uma formação pedagógica ou, pelo menos, de um espaço de discussão sobre esse tema é um problema posto na universidade nos últimos anos. Os efeitos da criação dessa ideia têm se refletido em práticas e espaços, mas ainda não ganhou a devida importância na universidade ao ponto de envolver todos e

mobilizar mudanças na carreira docente. No jogo de forças da academia e do universo científico, os rankings, tão valorizados e divulgados, se baseiam em números, aprovações, publicações e outros critérios que não se preocupam com a formação dos estudantes. O próprio docente, durante o início de seu processo formativo, deixa de se preocupar com as questões pedagógicas, pois, elas pouco serão úteis para a aprovação em concursos.

Se a necessidade de formação pedagógica para o docente universitário não é algo já estabelecido, pelo menos é um tema que está em debate e entrando nos espaços da universidade com força suficiente para criar oportunidades de aparecer e suscitar questionamentos, mesmo que controversos, como a ideia de processo ensino aprendizagem como ciência a ser ensinada.

Na maioria das universidades, embora seus professores possuam

experiência significativa e anos de estudos em suas áreas específicas, predomina um despreparo e até um desconhecimento científico do que seja o processo de ensino e de aprendizagem, pelo qual passam a ser responsáveis a partir do instante em que ingressam na sala de aula como docentes universitários. (Pimenta, 2009, p. 51)

A formação docente na universidade está, lentamente, ganhando espaço. Seja com algumas alterações legais, como a exigência da CAPES com relação à obrigatoriedade de seus bolsistas fazerem o estágio docente; seja com a conscientização pelos docentes das “falhas” formativas dos processos pelos quais passaram e que os ajudaram a constituir suas práticas atuais.

As universidades estudadas apresentam diversos programas, núcleos de pesquisa e até iniciativas de avaliação voltadas à formação dos professores para atividades de ensino. Tais ações normalmente estão abertas àqueles que desejam participar, a quem se preocupa com questões pedagógicas. Outras iniciativas se resumem a palestras que desconsideram a variedade de percursos formativos e às distintas necessidades das diferentes áreas que coexistem e constroem a universidade. Dessa forma, muitas vezes trazem um conhecimento pronto de técnicas e estratégias de ensino para os docentes, ignorando suas experiências e considerando que há uma única identidade docente na qual todos se enquadram.

Cunha (2009a) ressalta que as diferentes iniciativas atestam a existência de movimentos que reconhecem a necessidade de saberes próprios para o exercício da profissão de professor da Educação Superior. No entanto, são movimentos dispersos e nem sempre institucionalizados. Não há o reconhecimento oficial da legitimidade dos

saberes pedagógicos para tal profissional, uma vez que não há legislação nessa direção. Pouco se faz menção aos saberes necessários ao ensino para os professores universitários, pois a preocupação reside na questão da produção científica decorrente da pesquisa.

Há um enorme cuidado com a formação dos docentes da educação básica, sem, muitas vezes, se dar conta que fica para segundo plano o docente da universidade. O professor, nesta etapa do ensino, precisa desenvolver uma consciência de que seus alunos são adultos ou jovens que não se enquadram em um padrão pré-determinado e que precisam de um processo formativo que não pretenda igualá-los ou transformá-los em alunos ideais, mas prepará-los para resolver problemas, buscar novas ideias e ressignificar o conhecimento construído historicamente. O docente universitário, mais ainda do que os outros, em lugar de trabalhar com a ideia de estudantes ideais, precisa pensar em quem são seus alunos e a partir do que eles são, pensar o que pode ser feito.

A legislação educacional é omissa em relação à formação pedagógica do professor universitário. O primeiro projeto da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), por exemplo, apresentado em 1988, estabelecia, em seu artigo 54, que as condições para o exercício do magistério no Ensino Superior seriam “regulamentadas nos Estatutos e Regimentos das respectivas instituições de educação de 3º grau” (SAVIANI, 1998, p. 49). Já no primeiro substitutivo, apresentado por Jorge Hage, o texto foi modificado, estabelecendo a preferência de que essa formação se desse em programas de mestrado e doutorado. A LDB 9394/96 determina a *preparação* para o docente universitário, conforme artigo 52º.

Para além dos aspectos legais brasileiros referentes à docência, vivenciamos, no momento atual, um período de diversas alterações no sistema de Ensino Superior. Tais modificações englobam a expansão e flexibilização do sistema, mudanças na estrutura curricular (diretrizes curriculares), novos critérios de ingresso nos Institutos de Ensino Superior (IES), exigência de titulação do corpo docente, processos sistemáticos de avaliação, entre outros indicadores, muitos desses, decorrentes da introdução de novas tecnologias na educação (SQUISSARD, 2004; CUNHA, 2010). Considerando tal realidade, é notório que a Educação Superior está passando por uma fase de transformações, de mudanças, advindas tanto das pressões, quanto de políticas públicas do setor. Logo, precisa ser um espaço de diálogo, de construção e de ressignificação de conceitos e ideias sobre formação.

Discussões sobre a formação e a docência fazem refletir acerca do trabalho do professor sob a perspectiva de redimensionar o contexto da sala de aula, questionando o significado de universidade, do conhecimento e das relações estabelecidas entre os indivíduos e o saber. O desafio encontrado atualmente e explicitado em Cunha (2009b) se deve à ideia de que o conhecimento válido é apenas o que passou pelo crivo do método científico, supervalorizado pela modernidade, cuja teoria se estabeleceu como referente da prática. Ocorre que a reorganização dessa relação é provocada pelo confronto com a realidade da sala de aula, o que leva a dúvidas epistemológicas e a repensar as teorias.

Os estágios fazem parte de um processo de construção não apenas da docência, mas do próprio sujeito, na medida em que, no embate da sala de aula, relações e representações sobre ser professor são ressignificadas. Angústias e questionamentos, antes circunscritos a momentos pontuais, tornam-se parte do cotidiano e levam à tomada de decisões. A toda hora, exigem mais do que “dominar” conceitos sobre áreas disciplinares: exigem ética, retidão, invenção, reinvenção, escolha, criação. O estágio, considerando esses desafios, é concebido como uma prática social na qual pensar, sentir e fazer não estão dissociados. O que ocorre é o oposto: temos de buscar é como cada vivência do professor universitário se torna uma experiência e ganha sentido na sua formação e atuação (LARROSA, 2002)

Cada programa de pós-graduação *strictu sensu*, bem como cada universidade pública brasileira, trazem concepções do que significa ser professor, baseadas nelas, mesmo que não intencionalmente, as universidades elaboram suas políticas institucionais, seus currículos e suas formas de organizar e direcionar as experiências dos alunos durante o estágio docente. As políticas institucionais demonstram a intencionalidade de uma instituição em querer intervir em uma realidade. As decisões tomadas nos setores administrativos das universidades têm impacto na vida das pessoas, mas nem sempre como a instituição prevê: a experiência vivida na ponta da política, ou seja, nas salas de aula, é única e pessoal. Para saber que docentes as universidades estão formando, pode ser necessário compreendermos contextos, intenções e concepções que permeiam as políticas institucionais. E, para além das políticas e currículos institucionais, há o desejo de conhecer a experiência desses alunos, hoje docentes.

Não se trata, portanto, de defender uma formação única e padronizada para todos os docentes universitários, tampouco criar um currículo mínimo e obrigá-los a

cursá-lo para desenvolvermos professores em série capazes de desempenhar seus papéis. A universidade demanda o que Silvio Gallo (2002) traz em seus textos, de uma “Educação Menor”¹¹. O autor transporta e recria essa ideia a partir da literatura menor, defendida por Deleuze e Guattari (1977), baseada em três ideias principais: a desterritorialização, a ramificação política e o valor coletivo.

Impor um padrão de formação a todos os docentes não faz sentido, nem para eles e nem para uma proposta de universidade, que preza pela diversidade e pela coexistência de diversas áreas e conhecimentos no mesmo espaço. A partir disso, vem a ideia de *desterritorialização*. As políticas públicas e institucionais são importantes para determinar que a formação é necessária. Contudo, ainda exige outras mudanças: uma constante percepção das diferenças; a criação de possibilidades de aprendizagem para o futuro e para o atual professor universitário e uma luta contra a padronização, o controle e a produção de indivíduos em série.

“Cada docente é uma universidade”. É um discurso que circula pela Universidade e sintetiza a necessidade do segundo ponto colocado, a *ramificação política*. Este é o conceito que mais potencializa a formação do professor universitário: assumir que a educação é um ato político e que, como tal, apresenta uma relação constante de embate entre aqueles que ensinam, aqueles que aprendem e o contexto no qual estão inseridos. “Uma política do cotidiano, das relações diretas entre os indivíduos, que por sua vez exercem efeitos sobre as macro relações sociais (GALLO, 2002, p. 175), este processo é o que vai construir e reconstruir a universidade, ela

que não está preocupada com a instauração de nenhuma falsa totalidade. Não interessa (...) criar modelos, propor caminhos, impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta unidade perdida. (...). Importa fazer rizoma. Viabilizar conexões e conexões; conexões sempre novas (GALLO, 2002, p. 175).

A terceira característica necessária para esse processo educativo é considerar o *valor coletivo* da universidade. Tudo que se faz nesse espaço implica em muitos outros indivíduos para além daquele que faz, cada um com suas diferenças, histórias, ideias, modos de pensar e concepções sobre a vida. Tudo se torna coletivo “não há sujeitos, não há objetos, não há ações centradas em um ou em outro; há projetos coletivos, acontecimentos, individualizações sem sujeito (...) Todo valor é coletivo. Todo fracasso também (GALLO, 2002, p. 176).”

¹¹ Ver nota de rodapé 1.

Discursar identidades ou coletividades dos docentes universitários, não configura uma referência à união dos docentes ou a uma generalização de uma classe, mas à ideia da *singularização coletiva*. Os diferentes compoem e recompoem o todo, cada qual em sua diferença, da sua posição política, em seu lugar cultural e social. Não há modos de falar de todos os professores universitários e tampouco de criar uma receita para formá-los pedagogicamente. Existe, isso sim, a defesa de que esta formação tem de estar em xeque, de que deve operar em diversos e distintos modos de pensar, sendo construída e reconstruída, ganhando significados e sendo ressignificada.

Os professores são indivíduos da universidade; eles ocupam funções administrativas, pedagógicas e referentes à pesquisa. Desta forma, eles e seus percursos formativos dão sentido e direcionam a qualidade da universidade. Esse é o espaço da experimentação, do erro, da criação e da crítica. É um espaço que nos obriga a pensar – ou deveria fazê-lo. Os docentes precisam estar cientes e armados com essa ideia. Eles são protagonistas de políticas institucionais e propagadores de currículos, explícitos ou implícitos. Sua formação e lacunas que esta muitas vezes apresenta - principalmente na questão pedagógica – são constitutivas de suas funções na universidade, nas ressignificações dos conhecimentos e das inovações metodológicas, tão importantes para a formação dos pós-graduandos e para a defesa da universidade concebida por Nóvoa. São suas escolhas, suas experiências, suas percepções, os significados que atribuem às suas práticas e ao seu papel de formadores que direcionam a formação e o relacionamento com o conhecimento dos futuros docentes universitários. A falta de formação específica voltada à docência universitária

pode implicar, por um lado, em problemas didáticos decorrentes da in experiência do professor iniciante, e, por outro, no risco de que não aconteça uma renovação da cultura e dos métodos encontrados na academia, “estagnação proporcionada pela imitação acrítica por parte dos novos docentes daqueles procedimentos pelos quais eles mesmos foram formados. (PACHANE, 2003, p. 58).

A docência universitária ultrapassa o simples domínio de conhecimentos específicos. O professor, ao ingressar na universidade para lecionar, passa a se apresentar como um profissional do ensino, com os conhecimentos e as responsabilidades que a sala de aula e o processo ensino-aprendizagem exigem dele. Pode-se ir ainda mais longe, ao pensar que esse mesmo docente que ingressa somente com suas experiências sobre o “ser professor” e com o senso comum de que

aquele que domina o conhecimento específico pode e está preparado para ensiná-lo, ocupa funções e cargos nos programas de formação de professores para os pós-graduandos. Isso não significa que seus desejos e pensamentos não tenham dimensões extra científicas valiosas, mas que é necessário ir além disso (WILLIAMS, 2012).

O docente ganha espaço nas Universidades à medida que colocamos em evidência as funções sociais e políticas do docente nas relações com o saber, com o conhecimento e com o futuro da educação. Gimeno Sacristán (1993) argumenta que

os professores serão profissionais mais respeitados quando puderem explicar as razões de seus atos, os motivos pelos quais tomam uma decisão e não outra, quando ampararem suas ações na experiência depurada de seus colegas e quando argumentarem tudo com um linguajar além do senso comum, que incorporem as tradições do pensamento que mais tenham contribuído para extrair o significado da realidade da educação institucionalizada. Para transformar tem que ter consciência e compreensão das dimensões que se cruzam na prática em que nos movemos (p. 454).

Fato é que ao assinarem seus contratos com as universidades eles são, oficialmente, docentes universitários, passam a vivenciar toda a rotina dessa profissão, bem como as exigências e as experiências que ela proporciona. O processo de se tornarem docentes universitários ultrapassa, e muito, esse momento do concurso.

4. HISTÓRIAS DE FORMAÇÃO: DISCURSOS CIRCULANTES

O capítulo anterior traz informações e reflexões sobre a profissão docente e a universidade. No entanto, o que os próprios professores pensam sobre o estágio que vivenciaram? O que dizem sobre a prática pedagógica que conheceram ao longo de seus percursos e sobre a que desenvolvem hoje? Para eles, o que significa ser docente? Enfim, quais os discursos produzidos pelos docentes universitários sobre os temas que esse trabalho se propõe tratar?

As 27 entrevistas realizadas com docentes das três universidades estaduais paulistas trazem elementos para percebermos alguns dos discursos que são produzidos sobre docência universitária. É importante observar que trabalhamos os relatos sobre o que ocorre dentro e fora da universidade, como percepções, ressignificações e criações dos sujeitos sobre o que vivenciaram, narradas em um determinado momento e lugar. Tais elaborações ganham ainda novas perspectivas ao serem usadas para a escrita deste texto.

Esse capítulo propõe uma narrativa sobre essas escutas, ainda que breve, devido à extensão das transcrições. Como já explicado no capítulo que aborda a metodologia, algumas categorias foram criadas para organizar as falas, com a intenção de pensar em alguns temas a partir do que foi dito. Assim, no capítulo seguinte alguns conceitos serão discutidos a partir dessa narrativa.

4.1 Sobre o estágio

As políticas institucionais funcionam como diretrizes que garantem a existência e a possibilidade do estágio. Elas ainda determinam algumas limitações, como o número de horas aula que um estagiário pode assumir na disciplina e quais atividade que pode desenvolver junto aos estudantes.

A ideia de estágio adquire formatos distintos de acordo com quem está envolvido. E a percepção dos estagiários, hoje docentes, sobre essas experiências são carregadas de sensações de decepção, satisfação e esperança de mudanças.

Há aqueles para quem a experiência de estágio se transformou em um momento de contato mais próximo com um docente. Esse é o caso do professor H1, cuja experiência vivenciada foi diferente da pretendida pelo programa. Sua fala demonstra que os momentos passados com um docente mais experiente foram válidos pela proximidade e tempo dedicado.

Eu tive a oportunidade, por uma opção do professor de, naquele ano, como bolsista de monitoria, ao invés dele me levar pra sala, pra desempenhar algumas funções na sala de aula, de suporte às atividades dele, ele resolveu fazer diferente, ele resolveu fazer uma seleção de livros e de textos importante na área de Ciência Política e eu tinha encontros com ele que eram duas ou três vezes por semana em que nós debatíamos, eu e ele. (H1)

Com outros sujeitos, a ideia do estágio não proporcionou essa mesma proximidade. Para eles, a sensação de distanciamento do docente responsável durante as aulas ministradas, o planejamento e a avaliação, gerou a sensação de pouca contribuição por parte do estagiário ou de necessidade de melhorias. Assim, parece que o estudante assume tarefas operacionais ou o lugar de um docente que deveria ser contratado.

Não contribuiu (...) estágio na graduação é uma coisa proforma, pra cumprir. Ele deveria (...) o estagiando deveria ter a oportunidade de participar do processo de elaboração da disciplina, pra inclusive ele perceber como é que monta uma disciplina, que caminho que um professor tem pra escolher, o que vai ser abordado, desde nascimento do plano da disciplina. (H2)

(...) eu tenho aplicado com meus alunos de deixar o estágio docente como algo menos operacional, com aquilo que o docente não tem tempo de fazer e acaba passando para o aluno, mas realmente deixar o estagiário PED em sala de aula com maior número de aulas possíveis porque eu acho que é muito importante (B16)

A narração da professora E13 sobre sua experiência demonstra essa sensação de abandono. Outro ponto presente nas falas é a necessidade do próprio pós-graduando buscar formas de se inserir no estágio e de pedir a supervisão.

Eu assumi sozinha a turma, duas turmas, eram minhas, era dar as aulas, eu tinha que preparar para aquele experimento, eu dava as aulas, fazia as provas, aplicava as provas, corrigia as provas, eu que dava a cara ali para os alunos e eu que fui a professora ali, tinha um professor supervisor, eu passei bem no começo do programa, o programa vem sendo aprimorado (...) eu consegui aproveitar bem o fato de ter ele, eu fui atrás, eu senti nitidamente, a minha sensação foi que eu fui bem recebida, bem orientada por esse professor quando eu fui procurá-lo, mas eu fiquei com a forte sensação que se eu não tivesse procurado, eu não seria procurada, eu teria feito do jeito que eu quisesse. (E13)

Quando ouvimos sobre o estágio, percebemos que a configuração adquire múltiplos significados pela universidade. Ora como oportunidade de atualização sobre o conhecimento específico da carreira, como diz o docente E5, ora como forma de se acostumar com o lugar de docente, segundo o início da fala do docente H10.

Fazer o estágio em docência me permitiu atualizar na disciplina e voltar a estudar um tema que já fazia 10 anos que eu não estudava (...) (E5)

Eu acho super importante, é aquele primeiro momento de perder o medo de estar naquela posição (...)mas nem todo professor tem tempo, energia e vontade de fazer isso... vários colegas foram jogadas lá, 'mas o que eu faço?' 'Faça o que você quiser'... a culpa disso não pode recair só no professor, mas na estrutura da Universidade (...). (H10)

Para além da relação supervisor-estagiário, o docente H10 mostra em sua fala a culpa atribuída à universidade e à estrutura que ela mantém. Os discursos trazem a relação entre três pontos envolvidos no estágio: o estudante, o professor e a estrutura da universidade. A relação professor-aluno é muito valorizada tanto nas experiências que os estagiários consideraram positiva quanto nas que declararam precárias.

Essa relação professor-aluno e estágio, pra trocarmos informações, na verdade são iguais, são pessoas potencialmente iguais, mas existe talvez uma experiência maior do docente que já está, com aquela turma, com a disciplinas, isso tem que ser constantemente trocado, o planejamento da disciplina tem que ser conjunto, o docente tem que permitir que o aluno dê aulas, mas que está lá assistindo, essa relação docente – aluno tem que ser mais próxima. (E15)

Talvez a posição de docentes, ocupada agora pelos sujeitos envolvidos, faça com que observem a dificuldade de dedicação a mais essa tarefa dentro da universidade, ou seja, de supervisão. Por outro lado, alguns professores esboçam em seus discursos ideias de como o estágio poderia funcionar melhor, segundo suas convicções. As dificuldades enfrentadas ao assumir a sala de aula como docentes pela primeira vez os fazem pensar em como o estágio poderia ter funcionado como fator de transição entre essas etapas, como explicitam os professores E6 e B9.

O estágio contribuiu bastante, mas não melhor do que a prática mesmo. Uma sugestão que eu daria é que se pudesse ser alterado um pouco os moldes deste estágio em docência, fazer com que a instituição tenha como dar mais oportunidade para este estagiário lecionar algo coisa mais, em ter esse tempo maior de prática. (...)o estágio tem que ser obrigatório, se ele quer fazer um doutorado, acredito que pelo menos ele tenha que ter, mesmo que ele não goste muito, não queira seguir isso, ele tem que ter a prática de passar informação. (E6)

Ele tem capacidade de dar aula teórica e é uma forma dele ir se adaptando ao meio, melhorando a postura, melhorando a linguagem, o preceptor, seu orientador, que vai te orientar ele pode assistir e falar 'oh, você falou tal coisa, você se postou de tal maneira, você devia ter feito assim, fica melhor essa tal coisa' essa orientação é importante pra a formação e a gente não vê (B9)

Os docentes não negaram a relevância do estágio supervisionado em docência em nenhum momento, mas as experiências narradas mostram diferentes envolvimento com esse momento e sentimentos bem distintos sobre o que ocorreu e como deveria ter ocorrido. A relação com o docente supervisor ganha mais destaque nos discursos do que a relação com os alunos ou com o 'dar aulas', temas que surgem com mais ênfase no item seguinte sobre a prática docente.

4.2 Sobre a prática pedagógica

Assumir uma sala de aula logo após o ingresso na universidade, em alguns casos, até mesmo antes da oficialização da contratação é uma experiência narrada pela maioria dos docentes. Alguns trouxeram em seus percursos profissionais a trajetória de aulas no ensino básico e/ou em universidades particulares. Outros tiveram como experiência somente o estágio supervisionado antes de ingressar na universidade.

Os modos como decidem agir na sala de aula e com relação aos alunos, segundo os discursos, transitam entre experiências como alunos, como docentes em outras instituições, como estagiário e, principalmente, com um olhar de aprovação ou reprovação sobre os professores que fizeram parte de suas histórias de vida.

Ao serem questionados sobre suas práticas docentes, muitos retornaram a questão perguntando o que a entrevistadora queria dizer com "prática docente". Nesses casos, foi pedido a eles que elaborassem suas respostas a partir de suas próprias concepções de 'prática docente' a partir do que acreditavam ser essa ação. A dificuldade em se expressar sobre a prática que desenvolvem se tornou evidente em algumas falas, como do professor E14, que demonstra certa angústia ao tentar fazer uma autoavaliação, discursando sobre como isso é difícil para ele e sobre critérios, como frequência, para avaliar a qualidade de sua atuação.

Isso é muito subjetivo, não sou eu que posso avaliar isso, eu sei que nesse relatório que a gente recebe todo...aquele que cobram dos alunos, não me dou tão mal, o que sempre reclamam, que é um problema meu, é a letra na lousa(...) não dá para agradar todo mundo e muitas vezes isso funciona de como você é com ele na prova, isso é muito difícil, me auto avaliar, uma forma de você avaliar é com a frequência dos alunos nas aulas, mas isso diminui para todo mundo (E14)

As narrações passam a ser compostas por verbos como 'buscar', 'tentar', 'trocar' e 'avaliar'. A busca de uma prática cada vez melhor, a tentativa de aprimorar o que é feito em sala de aula semestre a semestre, a troca de experiências com outros docentes e a avaliação constante, principalmente pela escuta dos alunos. Falas como da professora B26 e do professor H21 mostram essas tentativas de melhoria.

Eu acho que ela tem um componente muito interessante que é uma prática pedagógica que é desenvolvida em cooperação, porque todas as disciplinas que eu estou envolvida elas são interdepartamentais, então isso é muito gostoso porque eu trabalho com o pessoal da área da educação então eu tenho a oportunidade de trocar muita experiência e de focar algumas coisas mais inovadoras do ponto de vista do ensino aprendizagem se a gente for comparar com o mais tradicional (...) (B26)

Na verdade, o que eu busco é uma aula em que eles discutam, se sintam parte dela, então, se tiver que pensar, é uma aula que tem como parte isso, uma discussão depois que eu espero que os alunos estejam integrados, proponho pesquisas, proponho atividades aula a aula, relatos de memória... sempre nisso de que eles façam articulações das histórias, trajetórias de vida, de formação com os textos, com as questões. (H21)

Há um pedido constante também pela valorização da graduação e do ensino na universidade. Os discursos talvez caminhem nessa direção como tentativa de colocar em evidência o tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão, e as percepções dos docentes de que precisam priorizar a pesquisa em detrimento do ensino em prol da construção da carreira dentro e fora da universidade.

Uma coisa que eu presenciei nestes últimos tempos foi..., eu estive no ano passado num estágio em Portugal e eu percebi lá a importância que eles dão para o ensino de graduação, muito diferente daqui. Talvez você na Faculdade de Educação não perceba, mas cada vez mais a gente deixa a graduação pra último, é sempre sua pesquisa, é sempre comissão e a graduação sempre fica (...) (B25)

Eu gostaria de ter um pouco mais de tempo dentro da nossa função na Universidade, que não é só a de ensino, a universidade é baseada num tripé, o ensino, a pesquisa e a extensão (E6)

Algumas falas ultrapassam a ideia da atuação docente como simples transmissão de conteúdo, trazendo elementos de formação social como responsabilidade de uma prática docente.

Eu acho que ela tem que ser uma prática teorizada, a gente tem que estar sempre tentando justificar teoricamente tudo que a gente faz em sala de aula, algumas perspectivas teóricas, elas me convencem em relação ao ensino, então é um ensino que deve se orientar por uma ideia de formação, de participação desse aluno na sociedade, então acho qualquer conhecimento que eu venha a construir por meio da sala de aula, coletivamente com os alunos, ele deve se justificar socialmente (H11)

A ideia de professor como formador com funções sociais e políticas surge na descrição das práticas pedagógicas e ganha maior evidência no item seguinte, sobre 'ser docente'.

Traçando relações entre as falas já apresentadas, podemos perceber que os discursos produzidos pelos docentes caminham na direção da busca de formação e por melhorias em suas práticas constantes, seja na experiência de estágio ou na prática profissional. A concepção de formação e das necessidades de aprimoramento ganham múltiplos significados, desde acúmulo e atualização de conhecimento até busca de ouvir mais atentamente os alunos e as avaliações feitas por eles.

Ao pensarem sobre o que fazem, os professores universitários constroem ideias sobre o que significa lecionar no ensino superior, tema do próximo item.

4.3 Sobre ser docente

Em todos os contatos com os professores, a questão que apresentou um maior hiato entre a pergunta e a resposta foi "O que significa ser docente universitário?".

A construção de um discurso sobre o significado da docência quase sempre vem acompanhada da palavra 'responsabilidade' e ganha múltiplos sentidos nas falas dos entrevistados. Os docentes mostram em seus discursos uma preocupação muito grande com sua atuação, como o docente H2, que já inicia sua fala com a palavra 'responsabilidade'.

Uma responsabilidade enorme e muito temerosa (...) a responsabilidade do que você diz para o aluno, do que você vai construir com esse aluno, o que

... você vai fazer pensar, refletir, (...) é uma responsabilidade muito grande do que você traz para a sala de aula, do que você propõe pra eles, da informação que você propõe (H2)

As ideias de vocação, de formação de caráter, de preocupação social e de gratificação são constantes nas falas. A professora B18 traz para a sua fala as sensações que tem ao estar em contato com os alunos e a alegria ao perceber o retorno dado por eles.

(...) primeiro é estar sempre perto do jovem de alguma forma não me sentir velha nunca, sempre ver o mundo girar além da minha idade, então isso é muito legal, acompanhar muito de perto, segundo é ter a possibilidade de formar pessoas e as vezes eu percebo que a gente dá muito mais conselho de vida, eles captam muito mais do que o ensinamento que tô dando que vai ser revisto, especificamente pra mim, é ótimo para o ego, porque todas as aulas que eu dou eu vejo de novo, eu revejo que essa aula tá melhor, quando eu termino eu vejo quanto os olhinhos brilharam na sala de aula (B18)

Os benefícios de uma carreira docente, como flexibilidade e autonomia de trabalho se mesclam com a possibilidade de mudar o futuro e de influenciar na formação dos universitários. Os docentes H10 e E14 trazem em suas falas as percepções que têm sobre esses benefícios e sobre a ideia de que fazem para além da transmissão de conteúdo.

A experiência da vida cotidiana de um professor foi o que me seduziu, coisas do tipo flexibilidade de horário, autonomia muito grande para planejar o que você acha que é importante de conhecimento, como você vai transmitir conhecimento e a relação em sala de aula (...) significa uma responsabilidade de transformação social, pessoas vêm pra cá e elas são como mudas, já foi plantado uma semente nelas, elas já chegam aqui com uma determinada maturidade, aqui é uma estufa de mudas e elas vão ser plantada em outros lugares, pra mim vem muito essa perspectiva de pra onde essas pessoas vão e o que ela vão fazer lá...e de fato eu acredito que a minha relação com elas aqui vai influenciar isso lá (...) (H10)

Para mim é o melhor trabalho do mundo, se você parar para pensar. Você meio que escolhe as disciplinas que vai ministrar, seu horário de trabalho, são poucas pessoas que têm uma liberdade como essa (...) eu acho que o professor universitário é um reservatório de conhecimento, a gente tem um conhecimento reservado, e de certa forma a gente é encarregado de transmiti-lo, depois vem a forma como ele transmite, que isso é outra coisa (E14)

Por outro lado, os pontos críticos e os desafios da profissão também apareceram nas falas, como a angústia por falta de incentivo e de reconhecimento por parte da universidade. Apesar de no item anterior, sobre prática pedagógica, a

pesquisa ter surgido como componente de tal prática em alguns momentos, quando questionados sobre a docência diretamente a dificuldade em atingir a qualidade devido à necessidade de conciliar o tripé (ensino, pesquisa e extensão) se torna um problema. O docente H1 traz em sua fala esse desafio de formação docente com relação à pesquisa, assim como o docente B8.

A universidade também dá um pouco as costas pra isso, pra questão pedagógica e tudo mais do seu futuro docente, porque muitos dos que mergulham na sala de aula são pesquisadores e você dialogar com a sua bibliografia, com os seus métodos e suas técnicas de pesquisa é uma coisa (...) agora, você transformar isso numa aula, é um outro processo cognitivo, que requer um série de outras técnicas, e de aprendizado, de treinamento mesmo, ninguém nasce professor (...) e eu acho que a universidade não está meio que preocupada com isso (...) (H1)

Hoje eu acho que é muito difícil você ter um professor universitário de qualidade, tem muita cobrança, principalmente no âmbito de pesquisa, então a graduação nas universidades está muito defasada, está muito esquecida... pesquisar e publicar é o necessário para você se manter numa carreira e isso acaba deixando deficiente o professor universitário na área da graduação (...) (B8)

Se por um lado, nos discursos anteriores aparece a questão da transmissão de conteúdo, quando falam sobre docência a função social e de formação de caráter dos alunos fica mais evidente. Os caminhos vão sendo narrados, por alguns, como um destino certo, uma vocação de nascença, a presença de uma aptidão nata para lecionar. Os docentes B25 e E5 falam sobre essa vocação e sobre como o destino os conduziu para essa profissão.

Mas assim, a minha vida inteira, as minhas portas foram se abrindo e me direcionando para cá. Então, assim, eu não planejei, mas eu tô realizado. (...). É tanta responsabilidade isso. Na verdade, você está tratando com o jovem, com o sonho dele, com o sonho de uma família, uma responsabilidade tão grande, mas ao mesmo tempo, você tem que ser sério, então é difícil você reprovar 30 alunos de uma sala, não é fácil (B25)

Eu sempre tive essa vocação, acho...de pesquisa, de ensino, gosto de falar, de ensinar, de lidar com as pessoas...é bem o meu perfil (...) você trabalha dentro da Universidade com adultos, você já não fez parte da formação do caráter dessa pessoa, ela já chega aqui supostamente um adulto, mas eu acho que a gente com professor universitário a gente participa de uma etapa importante que é a definição profissional, o caráter profissional desse indivíduo. (E5)

Os discursos produzidos pelos professores sobre a docência se colocam, em muitos casos, como a oportunidade de justificativa para o que fazem. Ao lidarem com pessoas em formação profissional e com seus sonhos de vida e de carreira, os

professores trazem para suas reflexões as questões mais humanas que a educação pode transpassar. Distante das críticas ou das experiências narradas no item sobre o estágio e das incertezas dos trechos anteriores sobre a prática docente, os discursos sobre a função da educação, em especial do professor universitário, trazem mais elementos que demonstram sentimentos de conquista, de satisfação e de certezas sobre o que fazer, apesar do espaço ocupado pela formação do professor universitário e do ensino dentro das universidades.

4.4 Sobre a formação

Após serem questionados sobre suas experiências, concepções e práticas, os docentes foram indagados sobre como acreditam que deveria ser a formação do professor universitário, ou seja, como que deveria ter sido sua própria formação.

Neste momento dois pontos de formação ficaram evidentes nos discursos: a formação específica e a pedagógica. A primeira é garantida pela universidade durante a graduação, o mestrado e o doutorado. Contudo, a segunda adquire outras possibilidades de constituição. Enquanto a garantia de um domínio de conceitos e práticas específicas é institucional, a formação pedagógica é posta como fruto de uma busca pessoal, de experiências e de exemplos anteriores.

Eu acho que hoje em dia a gente tem uma formação muito boa na parte conceitual, mas eu acho que a parte de competência, de habilidades específicas, de saberes docentes a gente não tem nada, a gente se guia nos nossos exemplos, que nem sempre são os melhores (B26)

Ter um bom conhecimento é interessante, ter uma formação científica é bastante importante, não só teórica, mas também prática e da parte pedagógica, eu acho que mais uma questão de boa vontade, não é tanto uma questão de preparação, cada um tem um jeito e mudando isso ao longo do tempo (...) eu acho que depende muito do empenho, cada um tem um viés diferente, com um jeito diferente de passar conhecimento, de trocar informações, mas depende muito da boa vontade, acho que os melhores professores que eu tive eram os mais empolgados e os mais comprometidos com o que estavam fazendo (B26)

O que me ajudou muito acho que foi a própria experiência que eu tive em sala de aula, mas que ela me deu exemplos bem claros de excelentes professores a gente carrega isso com a gente até hoje, todo mundo lembra do bom professor que teve. (E6)

Assim como a busca de formação é descrita como pessoal, colocá-la em prática nas salas de aula também se configura como um desejo individual dos docentes. Eles argumentam que a universidade cria esse status ao estruturar a formação dos estudantes e ao valorizar a pesquisa na contratação e na avaliação. Os docentes E22 e B16 trazem esses pontos em suas falas.

A docência (...) ela não é fundamental, mas isso não é só na formação, depois que a gente entra para trabalhar, a questão da docência, ela não tem importância nenhuma, na verdade a gente tenta dar uma boa aula, ou quem se preocupa em dar uma boa aula é porque quer (E22)

(...) isso é algo que eu tenho uma certa dificuldade em relação a isso, nós somos formados o tempo todo como pesquisadores e de repente viramos docentes, sem esse preparo que nós deveríamos ter para ensinar, então eu costumo dizer que eu estou aprendendo com meus erros e por minha conta também (...) você se forma como pesquisador até o momento do seu concurso (B16)

O docente B25 narra sua participação em um curso oferecido pela universidade no período no qual já atuava como docente e descreve sua angústia, como de outros participantes, diante de uma ausência de respostas para os problemas que enfrentam na sala de aula. Ele esperava por soluções quando procurou formação teórica sobre a atuação docente na universidade.

A gente virou professor, a gente não se preparou para isso (...) todo mundo com os mesmos problemas, todo mundo com as mesmas angústias e ninguém tinha respostas. Então, tanto que para mim foi uma das grandes frustrações do curso, porque a gente se forma sem ter a resposta, o que a gente tem, na verdade, as experiências bem-sucedidas de cada um, que a gente trocou e tentou incorporar dentro da sua rotina (B25)

A relação entre estágio e disciplinas teóricas sobre educação aparece como benéfica e necessária nos discursos que estão no plano do desejo, do que deveria ser feito, mas tal relação já não fica tão evidente quando aqueles que tiveram a oportunidade de tê-la narram suas experiências.

Outro professor, E13, também questiona a formação teórica e apresenta um exemplo de solução que poderia ser posta em prática no momento no qual os docentes ingressam na universidade, como um tempo de preparo e de acompanhamento de outros docentes no início de carreira. Somente a professora B26 narra tal experiência durante a entrevista.

Eu não sei se ia adiantar muito ter um curso teórico que todo mundo teria que passar para ver a prática de ensino, não sei se essa é a solução, mas por outro lado, eu acho que deveria ter alguma coisa, por exemplo como na Colômbia, que você chega e a coisa não é você já assumir um monte de turmas, mas você se preparar, é interessante (E13)

A partir dessas falas, podemos pensar o que os docentes têm esperado dessa formação e por que os discursos têm valorizado os espaços de experiência como o estágio e a atuação direta nas salas de aulas. Algumas falas dos itens anteriores já revelam essa valorização da experiência em atividades práticas ou em relação direta com elas, como uma conversa entre supervisor e estagiário após uma aula ministrada pelo aluno. Enquanto os espaços de formação teórica sobre educação aparecem com menor frequência e acompanhados de críticas.

Este capítulo buscou trazer uma narrativa das entrevistas, apresentando alguns discursos produzidos pelos docentes e a multiplicidade de concepções, experiências e sentidos que são atribuídos a questões relacionadas como o estágio, a prática, o significado da docência e as angústias e desejos sobre a formação.

No próximo capítulo, alguns conceitos serão discutidos a partir dessa narrativa, as categorias são retomadas em uma ideia menos narrativa e mais dissertativa.

5 EXPERIÊNCIAS DOCENTES E A PROFANAÇÃO DO PEDAGOGICISMO

(...) vida não deve ser definida apenas pela ciência, mas pelas camadas de história e criações futuras capturadas em sentidos mais amplos da linguagem, do pensamento e da experiência (Williams, 2012, p. 34)

Este capítulo tem por objetivo trazer significados criados por estudantes que tenham vivenciado nas três universidades públicas estaduais paulistas o estágio em docência durante o mestrado e/ou doutorado e que hoje atuam profissionalmente nas mesmas. Hoje, tais experiências de formação estão reconfiguradas pela prática docente, contudo, revelam muito desses indivíduos, suas inquietações e necessidades.

Jorge Larrosa, propõe, em seu texto *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* (2002) pensar a educação a partir da par experiência/sentido. Experiência no sentido do que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p. 21), trata-se do que acontece em nossas vidas e nos transforma, passa a fazer parte de nós. Nesse caso, não se trata de um percurso profissional ou de formação, mas dos acontecimentos nesse processo que se deram como experiência, que passaram a fazer parte do que se é. O excesso de trabalho e a falta de tempo tornam cada vez mais difíceis as experiências, nos forçando a cumprir etapas, pegar diplomas e angariar títulos em um ritmo tão acelerado que tornar esses processos experiências tem sido cada vez mais difícil.

A experiência se faz entre a relação com saber e com a vida, no sentido que é dado ao que acontece, “no saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (Idem, p. 27). Todos os entrevistados realizaram o estágio, mas cada um descreve suas experiências de forma singular e única.

Os professores universitários são docentes, ministram aulas e são responsáveis por todo processo de ensino-aprendizagem como professores de quaisquer outros níveis educacionais. Contudo, a formação pedagógica, como estudo e prática do ensinar, é profanada de seu sentido. Ela é desligada “do uso habitual, não mais sagrado ou ocupado por um significado específico, e, portanto, algo no mundo

que é, ao mesmo tempo, acessível a todos e sujeito à (re) apropriação de significado (MASSCHELEIN e SIMONS, 2014, p. 39). Retirada das mãos exclusivas dos estudiosos e especialistas em educação, ela se faz nas salas de aula de todos os institutos e departamentos da Universidades.

Esses docentes são formados por suas experiências, seus estudos, seus percursos educacionais e pelos significados e sentimentos que estabelecem entre o que sabem e a vida universitária.

5.1 Sobre ser e tornar-se professor

O mestrado e o doutorado são exigência mínima de titulação para os docentes das universidades públicas. Nem sempre foi assim, contudo, já que os indivíduos entrevistados que foram contratados nos últimos anos para seus cargos, todos tiveram que cumprir com esse pré-requisito.

A formação na universidade leva os estudantes a fazerem certas escolhas em seus percursos. Foucault (2004a), cria quatro diferentes ‘tecnologias’, dentre elas, as tecnologias de poder e as tecnologias de si. As de poder “determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a certos fins ou dominação, objetivando o sujeito”, enquanto as segundas,

permitted aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. (p. 324)

Ao sair da escola, cada indivíduo passa a ter o poder de escolher seus caminhos, que até o momento eram forçosamente (mas não sem insucessos), determinados pela legislação de obrigatoriedade da educação básica. Evidentemente que somente querer não é suficiente para conseguir seguir o caminho que se deseja, mas os sujeitos dessa pesquisa obtiveram sucesso para seus intentos e concluíram até o fim seus percursos acadêmicos formativos até chegarem à profissão que almejavam. Na sociedade atual, o estudo está muito atrelado ao sucesso e o poder de concedê-lo está, em grande parte, nas mãos das universidades.

Mas o poder de tornar-se algo, de realizar sonhos e desejos, está na alçada dos indivíduos, que se sujeitam a tecnologias do poder, como o controle do tempo, as exigências empreendedoras da universidade e os desejos da academia, mas que têm uma história a contar sobre como agiram em si mesmos. É a preocupação com a própria formação, com os conhecimentos, com o ser e estar, é falar e escrever sobre o que se pensa e se sente. É “o exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar, e atingir um certo modo de ser” (FOUCAULT, 2004b p. 1)

Os percursos formativos dos entrevistados se revelam voltados para a pesquisa e para as exigências do cargo de docente na universidade, que estabelece o tripé ensino-pesquisa-extensão acrescido das atividades administrativas. Percebe-se com isso que não há subsídios e nem espaços obrigatórios para a formação desses profissionais. Foucault (2004b) afirma:

o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social. (p.8)

A experiência, ainda de acordo com Larrosa (2002), é “a relação com algo que se experimenta, que se prova” (p.25). Não poderia ser o estágio um espaço para esse experimentar? Estar na sala de aula não como professor e nem como aluno, mas com a possibilidade de se expor como pretendente, de se arriscar a ocupar o lugar de docente e de buscar a oportunidade de testar uma posição de poder que até então se não ocupava.

Concebendo a objetivação do sujeito trazida por Foucault (1995), pela lógica das práticas divisoras, nas quais o sujeito é “dividido no seu interior e em relação aos outros” (p.231), o professor é o mestre em contraposição ao não mestre, ou seja, ao aprendiz. Ao ler as definições dadas pelos docentes sobre o que significa ser professor, pode-se refletir sobre os cuidados que tomam sobre si para se tornarem mestres. A questão posta a eles foi sobre o que seria um docente de qualidade, mas as respostas facilmente enveredaram para o que faziam ou tentavam fazer para sê-lo ou sobre o que os outros não fazem.

A concepção de docência, ao menos do ensino superior, se revelou diretamente ligada à ideia de responsabilidade. Tal referência apareceu na fala de todos os docentes em algum momento das entrevistas. É nítido que eles têm ciência da

responsabilidade que envolve atuar na universidade com alunos, pesquisa e extensão. Mesmo que boa parte deles tenha revelado que a docência não foi algo sonhado, todos exaltam o gosto pelo que fazem. Justificam que a atual profissão é fruto de um caminho de pesquisa e formação na universidade, onde não havia outras opções além de buscar permanecer no espaço onde já conviviam como estudantes de mestrado e doutorado, realizando pesquisa e assumindo aulas. Também deixam claro, em diversos momentos, que a universidade por si só não forneceu a formação necessária para serem o que são. Elogiam, sim, a formação técnica e específica recebida, mas ressaltam que para serem docentes foi necessário um empenho individual.

Profissão? Estudante. O ingresso na graduação logo após o ensino médio, seguido do mestrado, do doutorado, do pós-doutorado e do ingresso na universidade pública para atuar como docente é um percurso recorrente dentre os professores universitários. Algumas curtas e poucas experiências em empresas, faculdades particulares ou consultórios próprios cruzam esses percursos feitos majoritariamente dentro da universidade. O envolvimento com projetos de pesquisa e outros programas inovadores que oferecem bolsa para a participação dos pós-graduandos também são alternativas seguidas pelos entrevistados, como foi o caso da docente H21, que atuou em um projeto implementado dentro da própria universidade.

Somente uma pequena parte dos docentes teve reais experiências profissionais fora da universidade, como é o caso das docentes H3, H11 e H21 que estiveram em sala de aulas da educação básica por um longo período ou em universidades particulares com regime de 40 horas semanais.

Destarte, grande parte dos entrevistados entrou na sala de aula pela primeira vez como docentes ao assumirem turmas na universidade. Ninguém relatou nenhuma iniciativa por parte da universidade, das unidades ou dos departamentos para recepcioná-los, orientá-los ou auxiliá-los nas atividades pedagógicas. Todos auxílios ou suportes lembrados pelos docentes fazem referências a antigos professores, orientadores e colegas de disciplinas que, por iniciativa própria e isolada, ofereceram ajuda, planos de aula ou orientações sobre como lidar com os alunos. Tornar-se um docente de qualidade, pelas falas da grande parte deles, foi e é um processo de responsabilidade própria, sob constante cuidado e avaliação pessoal e não institucional.

Os professores entrevistados alegam que depararam com os desafios da docência e aprenderam a lidar com eles na prática, melhorando ano a ano e utilizando experiências passadas como estudantes ou docentes da educação básica. As três universidades estudadas têm núcleos, grupos ou cursos relacionados à Pedagogia Universitária para os estudantes de pós e para os docentes, mas somente os docentes de alguma forma já relacionados à educação, como o professor E4 e as professoras H21 e H3, atuam nesses espaços. A iniciativa mais citada como busca de uma avaliação é o 'ouvir' os alunos, ou seja, o instrumento utilizado por eles para medirem o sucesso é a satisfação e o empenho da maioria de seus estudantes, essa é a tecnologia eleita por eles para cuidarem da sua prática e do ser docente.

Todos os entrevistados lecionam na universidade há menos de 10 anos, em disciplinas que cursaram durante a graduação e muitos atuam junto com seus antigos docentes. Suas práticas estão diretamente relacionadas com as experiências que viveram e a possibilidade de aulas e relacionamentos que melhoraram a cada turma assumida é narrada por todos. A lembrança de determinados docentes e o esquecimento de outros, nos remete exatamente ao conceito de experiência aqui utilizado. Todos cursaram inúmeras disciplinas e cursos, mas somente alguns desses momentos se tornaram experiências e passaram a fazer parte do que acreditam e do que são como docentes.

Vem dessas falas a necessidade de ser mestre e de necessitar de mestres para tal, ou seja, tiveram em seus processos formativos os professores, sejam estes da área da educação ou não, que foram exemplos por terem proporcionado experiências aos estudantes. As incertezas que rondam os primeiros anos de docência e falta de formação específica têm permitido a alguns docentes assumirem que "talvez tenhamos que aprender a pronunciar na sala de aula uma palavra humana, isto é, insegura e balbuciante, que não se solidifique na verdade" (LARROSA, 2013, p. 165)

Além disso, "o cuidado de si implica também a relação com o outro, uma vez que para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de uma guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. " (FOUCAULT, 2010, p. 265), sobre isso que versará o último item.

5.2 Sobre se relacionar com a pedagogia, com o pedagógico

No jogo de forças da universidade, não há muitos espaços para gostos e preferência, somente para um sistema rígido que determina uma série de funções que devem ser cumpridas por aqueles que desejam fazer parte desse espaço. Não que a pesquisa e a docência não sejam complementares, mas seus percursos de formação são permeados por uma forte necessidade de publicações científicas e um fraco incentivo para a formação pedagógica. Observando como os docentes são avaliados, podemos perceber que o ensino fica para o terceiro plano, o que nos jogos de poder da carreira faz com que a pesquisa ganhe prioridade nas atribuições diárias.

Outro embate que se coloca é o pouco espaço que se têm para pesquisa fora da universidade no Brasil, os centros de pesquisa são poucos e para um pesquisador obter financiamento e espaço para sua pesquisa muitas vezes se vincula à universidade, como é o caso do docente E23 e do professor H1.

Ser professor, eu não tenho dúvida de que isso eu seria (...) o que me atrai mais na docência na universidade é a possibilidade de pesquisa, de aprofundamento (...) (H1)

Por outro lado, há aqueles que buscam a docência e tiveram de se submeter ao tripé para conseguir exercê-la, como a docente B26.

Quando questionados sobre se a formação que receberam na universidade foi suficiente para a atuação como docente, aqueles que indicaram que sim, revelaram a compreensão de que para ser professor é necessária uma forte formação de pesquisa. Por outro lado, aqueles que foram bem diretos ao responder que não, indicam que as questões relacionadas à pesquisa foram supridas pela universidade, contudo, a formação pedagógica foi fruto de buscas e de esforços pessoais, por não terem nem espaço e nem incentivos para tal na universidade, como revelou a docente H3.

A universidade também dá um pouco as costas pra isso, pra questão pedagógica e tudo mais do seu futuro docente, porque muitos dos que mergulham na sala de aula são pesquisadores e você dialogar com a sua bibliografia, com os seus métodos e suas técnicas de pesquisa é uma coisa (...) agora, você transformar isso numa aula, é um outro processo cognitivo, que requer um série de outras técnicas, e de aprendizado, de treinamento mesmo, ninguém nasce professor (...) (H3)

Percebe-se, pelas hesitações e dificuldades em responder determinadas perguntas sobre a atuação docente na universidade, que os momentos de questionamentos e reflexões sobre a profissão que desempenha não são costumeiros para o professor. Parece que seus percursos formativos vão carregando-os para um caminho que deságua na docência sem que tenham tempo para pensar sobre o que fazem, como fazem e por que fazem determinadas coisas na universidade. O estágio seria, pois, o espaço do ensaio. Ao encontrar os alunos pela Universidade, ele não é nem professor, nem aluno; fora do mundo da docência e das necessárias certeza e verdades nele presentes, mas ainda transitando entre o deixar se ser aprendiz para se tornar mestre. Larrosa (2013) escreve sobre a ideia de formação pensando numa perspectiva da experiência como momento único do sujeito e com multiplicidade necessária

A ideia tradicional de formação tem duas faces. Formar significa, de um lado, dar forma e desenvolver um conjunto de disposições preexistentes. Por outro, levar o homem até a 'conformidade' em relação a um modelo ideal do que é 'ser humano' que foi fixado e assegurado de antemão. Minha aposta seria pensar a formação sem ter uma ideia 'prescrita' de seu desenvolvimento nem um modelo normativo de sua realização. Algo assim como um devir plural e criativo, sem padrão nem projeto, sem uma ideia prescritiva de seu itinerário e sem uma ideia normativa, autoritária e excludente de seu resultado, disso a que os clássicos chamavam de 'humanidade' ou 'ser plenamente humano' (p. 12)

O tripé (ensino, pesquisa e extensão) está presente nas falas, uma vez que alguns docentes, ao responderem o significado da docência utilizam essa divisão como representação das funções que devem exercer. Mas será possível um professor ser bom nas três funções? Essa foi a pergunta feita pelo docente E23 e respondida por ele mesmo quando alegou que todos acabam elegendo uma dessas atividades e desempenhando-a com mais afinco do que as outras.

Além dos três pilares levantados por eles, questões administrativas surgem como um empecilho para o desenvolvimento das atividades docentes. Segundo parte deles, as inúmeras comissões e os trâmites burocráticos ocupam muito tempo com reuniões e documentações, período esse que poderia ser dedicado a outras atividades.

Ao discorrerem sobre a formação que consideram necessária para se tornarem docente, não conseguem estabelecer critérios rígidos, mas suas falas revelam que acreditam ser necessário algum tipo de formação pedagógica. A ideia dessa formação

está aceita, pelo menos em parte, ao considerarmos que se faz assim desde sempre. Veremos, pois, o que está posto nessa aceitação. Muitos discursos produzem verdade e são aceitos, como a ideia de didática e de pedagogia, é comum nas entrevistas a aceitação de que isso é necessário, mas logo são expressadas as contradições. Como o docente H2 que

Até existe...vem assim um e-mail da reitoria, mas, assim, pode até parecer preconceito, penso 'gente, vai ser tão sacal, tão chato', eu particularmente nunca fui (...) não há um certo interesse por essa, há até um certo desprazer por essa questão pedagógica, a pedagogia é vista como um, como posso dizer, um pedagogismo

Dizer que qualquer um poderia ocupar esse lugar significaria, talvez, se despir do privilégio de estar lá, de ocupar o lugar de docente, governar sua aula e de ser responsável por explicar algo a alguém que não poderia entendê-lo sozinho. É, talvez essa a preocupação sem legitimar o ser docente, os conhecimentos necessários e a responsabilidade de tal posição social. Ranciere (2013) lembra que

explicar alguma coisa a alguém é, antes e mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só. Antes de ser o ato do pedagogo, a explicação é o mito da pedagogia, a parábola de um mundo dividindo espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos. (p. 24)

5.3 Sobre o outro e a relação com ele: a prática

O poder são, essencialmente, relações, quer dizer, o que faz com que os indivíduos, os seres humanos estejam em relação uns com os outros, não simplesmente sob a forma de comunicação de um sentido, não simplesmente sob forma do desejo, mas igualmente sob uma certa forma que lhes permite agir uns sobre os outros e, se você quiser, dando um sentido muito amplo a esta palavra, "governar" uns aos outros. (FOUCAULT, 2010, p. 375)

Historicamente, a pós-graduação forma pesquisadores e não docentes, mesmo que mestres e doutores tenham autorização legal para assumir tais funções e que as universidades tenham como pré-requisito os títulos mencionados e a aprovação nas fases determinadas pela universidade para contratação dos docentes. Durante o processo seletivo para contratação, há uma fase em que todos devem dar uma aula sobre determinado assunto, contudo, sabe-se que a atuação docente ultrapassa o que se apresenta nessa situação, que é transmitir e organizar conteúdos pré-

estabelecidos. Na docência, o professor é responsável por ouvir e conhecer seus alunos, auxiliando-os no processo formativo, o que inclui, muitas vezes, mas não somente, transmitir conteúdos culturalmente produzidos e acumulados.

Por não aparecer como uma exigência nem na formação e nem na contratação, o estágio perde força com relação aos outros modos e espaços de formação na universidade. O estudante não “ganha”, para além dos créditos, vantagem nenhuma em seu currículo ao participar desse estágio supervisionado. Como a contribuição está no campo da experiência, da reflexão e da construção do indivíduo, sem agregar títulos ou publicações, muitas vezes ela é descartada em prol de disciplinas relacionadas à pesquisa ou de outros itens que agregarão mais valor ao currículo.

A grande parte dos docentes realizou o estágio somente porque era uma exigência, ora por alegarem que já tinham alguma experiência na docência, ora por justificarem a necessidade de cumprir créditos para conseguir a titulação. O estágio vai além da experiência de assumir uma sala como professor responsável por ela; é um espaço de reflexão, de observação, de intervenção, de análise e, principalmente, de troca de experiências com um docente já atuante.

A frequência de realização de estágio relatada em metade dos casos foi de um semestre no mestrado ou no doutorado. Em outros casos, o estágio e a monitoria se mesclaram e os entrevistados não souberam dizer exatamente quando realizou um e outro. As atribuições também variaram de universidade para universidade, de unidade para unidade e de supervisor para supervisor. Muitos declararam que se restringiram às questões burocráticas, como lista de presença e correção de exercícios, sem nem estarem presentes em todas as aulas. Outros, em menor quantidade, participaram na elaboração da disciplina, do planejamento das aulas, das discussões e comentários com os alunos e também ficaram responsáveis por um contato mais próximo com os estudantes da graduação e auxiliando, inclusive, no processo de avaliação. Há ainda aqueles que transformaram o estágio em uma terceira configuração, como H1:

Eu tive a oportunidade, acho que é importante relatar isso, porque isso foi um momento importante na vida acadêmica e de formação, foi um momento de inflexão inclusive, eu tive a oportunidade, por uma opção do professor de, naquele ano, como bolsista de monitoria, ao invés dele me levar pra sala, pra desempenhar algumas funções na sala de aula, de suporte às atividades dele, ele resolveu fazer diferente, ele resolveu fazer uma seleção de livros e de textos importante na área de Ciência Política e eu tinha encontros com ele que eram duas ou três vezes por semana em que nós debatíamos, eu e ele. (...) isso fez crescer o meu interesse pela academia.

Assumir carga didática sem a presença do professor responsável, apesar de proibido em duas das universidades estudadas, foi atribuição de muitos estudantes. Já no caso da UNICAMP, conforme regulamento, os doutorandos com experiência docente chegam a assumir todas as aulas de uma turma, como relatou a docente H10. No caso dela, foram atribuídas a ela três turmas de 60 alunos no primeiro semestre desse ano e dois estagiários para auxiliá-la. Como a carga didática se torna muito alta, cada estagiário acaba assumindo uma turma, supervisionado por ela, ou uma determinada quantidade de aulas por turma. Tal situação faz com que o espaço do estágio fuja de seus objetivos iniciais e contribua para a precarização da carreira docente na universidade, uma vez que nem sempre a professora consegue estar com seus estagiários no momento nos quais eles assumem as aulas. Esse contexto também colabora para que novos docentes não sejam contratados enquanto estudantes de mestrado e doutorado assumem suas aulas.

O estágio sem a presença do docente perde parte do seu caráter formativo. Por um lado, ainda pode se constituir como experiência para o estudante; por outro, perde a riqueza de estar experimentando, testando e arriscando com um mestre (professor supervisor) ao seu lado para dialogar e ajudar a pensar aquele momento.

Os entrevistados, em vários casos, clamam por um aumento na carga de aulas permitidas aos estagiários, alegando que se tivessem assumido as aulas mais vezes durante o estágio, poderiam ter ganhado mais experiência. Evidentemente que o estagiário em sala de aula não deve significar o docente supervisor ausente de responsabilidades com aquela turma. As aulas ministradas por estagiários são válidas, desde que seus supervisores acompanhem o processo de planejamento, de aula e avaliação dessa atuação, contribuindo para a reflexão e análise sobre o ocorrido em sala de aula.

Segundo parte dos entrevistados, pouco o estágio contribuiu para a concepção sobre docência e também foram restritas ou consideradas insignificantes parte das disciplinas pedagógicas cursadas por eles, se é que cursadas. Como somente a USP exige uma etapa teórica anterior ao estágio, nem todos os entrevistados tiveram essa experiência e, dentre os que a vivenciaram, nem todos a consideraram significativas para a formação, a concepção ou a atuação como docentes. Em algumas entrevistas tal posição ficou evidente, ao serem questionados se o estágio havia contribuído para a atuação e formação docente, alguns entrevistados responderam, simplesmente, “não”.

Depois de assumirem seus cargos como docentes nas universidades, não há tempo e nem real interesse institucional em direcionar esses profissionais para pensarem em suas atuações como docente. As universidades pouco avaliam, bem como os rankings nacionais e internacionais, o que os docentes fazem em sala de aula, ficando a docência para segundo plano nas três universidades estaduais paulistas.

Portanto, ocupar o lugar de professor universitário durante o estágio é uma forma de ir se constituindo. Trata-se de um ato que pode ser transformar em experiência. Assumir o concurso e experimentar isso todos os dias é, com certeza, um processo de formação de si.

CONSIDERAÇÕES

A anti-pedagogização é a pretensão de não fechar as coisas em algo já interpretado, pronto para ser aplicado e transmitido. Os percursos mostrados nesse trabalho revelam as percepções dos docentes sobre suas experiências como estudantes de pós-graduação, estagiários e docentes recém-contratados. São narrações sobre angústias, decepções, desejos, esperanças e outros sentimentos que atribuem à experiência de estágio que vivenciaram, ao ingresso na universidade, às suas práticas docentes e às concepções que têm sobre o mundo da docência universitária.

A universidade deve estar a serviço de si mesma e não em função de outros espaços. É evidente que a relação estabelecida entre professores universitários e suas propostas de cursos que elaboram têm uma forte ligação com o mercado de trabalho, mas os processos formativos pelos quais os sujeitos dessa pesquisa vão se transformando demonstram que ela representa muito mais do que o espaço de preparação para a atuação profissional. Seja como pesquisadores, cientistas, especialistas em suas áreas ou, mesmo que não intencionalmente, como docentes, eles se fazem e vão se fazendo pelo caminho.

A docência e, principalmente os estudantes de graduação tocam as vidas, as concepções e o “si” de cada um desses docentes, não como fatos, acontecimentos ou como processos de obtenção de títulos, mas como experiência no sentido trazido nas páginas anteriores, de transformação e criação de outros seres. É a experiência e o sentido que atribuídos a ela que caminham juntas nesse processo de ser professor.

O zelo que tomam com suas carreiras e suas escolhas, subsidiados pelas tecnologias do poder, remetem aos cuidados de si. Os fazem percorrer caminhos, tomar decisões, fazer escolhas e traçar planos para garantirem que se transformem em quem querem ser. As vozes que soam pela universidade, dos experientes colegas de trabalho aos ainda aprendizes alunos são parte dessas tecnologias.

Governando seus percursos, sujeitos a poucas regras e muitas pressões, eles ingressam na universidade e vão se tornando professores universitários, seja por opção feita desde que ingressaram na universidade como estudantes de graduação, por descobertas feitas pelo caminho ou pela falta de alternativas para desenvolver

pesquisa nos poucos institutos específicos para esse fim, eles o são e/ou vão sendo pelos anos de carreira.

A pedagogia, que permeia tantas das falas dos entrevistados, transpassa a universidade e as carreiras dos professores, mas ganha outros caminhos, significações e gera múltiplos sentimentos ao fazer parte das experiências docentes universitárias. A intenção de usar o pensamento pedagógico para tentar estabelecer uma organização nesse processo formativo ou de criar uma ciência voltada para o ensino-aprendizagem se esvai ao ouvirmos os relatos dos docentes universitários sobre suas trajetórias e a diversidade de ideias e concepções sobre tudo que envolve a carreira e prática universitária. Mas a discussão sobre educação e sobre formação pedagógica está posta e ganhando espaço, este, talvez, seja o modo mais proveitoso de tê-la no espaço universitário, como um tema constantemente posto no jogo de forças da universidade.

Os estágios, foco inicial dessa pesquisa, perderam espaço nessa escrita para experiências muito mais amplas e significativas. As instituições, suas regras e desafios, acabam por transformar, em alguns casos, estagiários em docentes substitutos e/ou cumpridores de rotina universitária. Acarretam perdas e os estagiários nem sempre podem realmente vivenciar suas primeiras experiências e significações da docência como uma fase de formação com a devida supervisão.

Os atuais docentes que têm uma grande carga de trabalho, não são reconhecidos pela carga didática e acabam estabelecendo um menor tempo de dedicação à sala de aula. Apesar de toda essa configuração institucional, as experiências se fazem e os tornam docentes universitários, o que um diploma por si só não tem o poder de fazer.

Diante do exposto, fica evidente que qualquer pretensão de objetividade, universalidade, sistematicidade e verdade são em vão nesse contexto. Não por não ser possível inventá-las, mas porque fariam as experiências perderem seus sentidos únicos. A riqueza da universidade está em seu caráter múltiplo, em um espaço onde diversas pessoas podem dialogar, experienciar e contribuir para a construção de lócus que representa não a simples união de ideias, mas um compor e recompor de intenções, pensamentos e ações. Esse rizoma é que cria a beleza da universidade!

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval M. Histórias: redemoinhos que atravessam os monturos da memória. In: Albuquerque Jr, D. M. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru/SP: EDUSC.

CUADRADO, C. R. A. **A Formação do Professor na Universidade: ressignificando a práxis no Estágio Supervisionado em Docência**. Monografia do Curso de Pedagogia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – DEDIC / USP RP. 2011

CUNHA, M. I. Trajetórias e lugares da formação do docente da educação superior: do compromisso individual à responsabilidade institucional. In: **Revista Brasileira de Formação de Professores** – RBFP. Vol. 1, Nº 1, Maio, 2009a.

____ Inovações Pedagógicas: o desafio da reconfiguração de saberes na docência universitária. In: PIMENTA & ALMEIDA. **Pedagogia Universitária**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009b.

____ (org.) **Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin; Brasília, DF: CAPES: CNPq, 2010

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade”. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, P. **Ditos e Escritos V – Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

____ O intelectual e os Poderes (1984). In.: DREYFUS, Hubert; RABINOW, P. Repensar a política. **Ditos & Escritos VI**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

____ O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, P. Michel **Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Universitária, 1995. P. 231-249.

____ Tecnologias de Si, 1892. In: DEGENSZAJN, André (trad.) **Tecnologia de si**, 1982. *Verve*, 6: 321-360, 2004a.

GALLO, S. **Em torno de uma educação menor**. In: *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, v. 27, n. 2, Jul./dez., 2002.

GIMENO SACRISTÁN. Ámbitos Del diseño. In:GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMES, A. **Comprender y transformar la enseñanza** . Madrid: Morata, 1993.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002. P. 20 - 28

___**Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, 5ª edição, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LUCARELLI, E. Prácticas protagónicas e innovación em la universidad. In: CUNHA, M.I. et al orgs: **Docência universitária: profissionalização e práticas educativas**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

MASSCHELEIN, Jan e SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica. 2013.

NÓVOA, A. **Em busca da liberdade nas universidades: para que serve a pesquisa em educação?** Revista Educação em Pesquisa, São Paulo, v. 41, nº1, p. 263 – 272, jan./mar. 2015.

PACHANE, G. G.**A formação pedagógica para o professor universitário** . A experiência da Unicamp. 268 f. Tese de doutorado. 2003.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisa pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PIMENTA, S.G. **O estágio na formação de professores** : Unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 2009. 8ª Ed.

PIMENTA, S.G.; ANASTASIOU, L. (orgs.) **Docência no Ensino Superior**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005

PIMENTA, S. G.;ALMEIDA, M. I. **Pedagogia Universitária**. SãoPaulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

___**Pedagogia Universitária: caminhos para a formação de professores**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2011.

PLATÃO. **República**. Tradução de Enrico Corvisieri. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre Ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual**. Tradução de Lilian do Valle – 3ª ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. 4ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 1998

SGUISSARDI, V. A Universidade neoprofissional, heterônoma e competitiva. In: MANCEBO, D.; FÁVERO, M. L. A. (orgs). **Universidade – Políticas, avaliação e trabalho docente**. São Paulo: Cortez, 2004.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. 11ª Ed.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DOCUMENTOS LEGAIS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/ 1996.

CAPES Circular nº028, de 1999.

CAPES Portaria nº 65, de 2002

CAPES Portaria nº 13, de 2003

CAPES Portaria nº 22, de 2003

CAPES Portaria nº 129, de 2006

UNESP Resolução nº 4, de 1997.

UNESP Resolução nº 78, de 2002

UNICAMP Portaria GR nº 19, de 2014

UNICAMP Portaria GR nº 92, de 1992.

USP Portaria GR nº 3588, de 2005

.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

www4.faac.unesp.br/departamentos/ddi/estagio_docencia.php acessado em 07 de julho de 2014, às 15h30.

<http://houaiss.uol.com.br/>, acessado em 25 de julho de 2015, 15h37 e 16h24

www.prgg.gr.unicamp.br/ped/, acessado em 06 de julho de 2014, às 10h50.

www.prgg.usp.br/?page_id=5, acessado em 05 de julho de 2014, às 22h40.

.

www.prgg.usp.br/?page_id=108, acessado em 05 de julho de 2014, às 23h.

www.prgg.usp.br/?page_id=359, acessado em 03 de julho de 2014, às 8h50.

www.unesp.br/portal#!/apresentacao/historico/, acessado em 07 de julho de 2014, às 15h.

www.unesp.br/portal#!/propg/equipe/atribuicoes14431/, acessado em 07 de julho de 2014, às 15h20.

www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp/ensino-pesquisa-e-extensao/pos-graduacao, acessado em 06 de julho de 2014, às 10h30.

www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp/historia, acessado em 06 de julho de 2014, às 10h15.

APÊNDICES

APENDICE A - E-mail enviado aos docentes

Prezado(a) Professor(a)

Sou mestranda da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo / USP e, junto com minha orientadora, Professora Cecília Hanna Mate desenvolvo a pesquisa "Formação Docente nos cursos de pós-graduação stricto sensu das Universidades Públicas Estaduais Paulistas: contributos do estágio em docência", que tem por objetivo investigar como os estágios supervisionados em docência contribuem para a atuação dos docentes que se formaram nestas universidades e que hoje atuam nelas profissionalmente.

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar de nossa pesquisa, o que implicará uma entrevista de cerca de meia hora a ser marcada em dia, horário e local de sua escolha.

Nos disponibilizamos para eventuais dúvidas ou esclarecimentos e esperamos muito poder contar com sua participação. Assim, ficamos aguardando sua indicação de quando e onde a entrevista poderá ser realizada.

Desde já agradecemos sua preciosa colaboração,
Camila e Cecília.

APENDICE B – Termo de Consentimento Livre E Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, concordo em participar, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **A Formação Docente nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* das Universidades Públicas Estaduais Paulistas: contributos do Estágio em Docência**, que tem como pesquisadora responsável Camila Rezende Alba Cuadrado, aluna da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, orientada por Prof^a Dr^a Cecília Hanna Mate, as quais podem ser contatadas pelo e-mail camila.cuadrado@usp.br ou telefone (11) 95271-3622. O presente trabalho tem por objetivo investigar como os estágios supervisionados em docência contribuem para a atuação dos docentes que se formaram nas universidades públicas estaduais paulistas e que hoje atuam nelas profissionalmente.

Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

_____, ____ de _____ de 2014

Assinatura

APÊNDICE C - Roteiro para entrevistas

1. Informações pessoais e dados de formação

- Nome
- Graduação (curso? Instituição? Licenciatura? IC?)
- Pós *lato sensu* (tema? Instituição?)
- Mestrado (tema? Instituição?)
- Doutorado (tema? Instituição?)
- Projetos e pesquisas que desenvolve
- Comissões que participa na universidade
- Percurso profissional antes ou concomitante à docência atual

2. O estágio supervisionado em docência:

- Por que realizou o estágio?
- Teria feito se não fosse obrigatório?
- Em que instituição?
- Quantas vezes?
- Em quais disciplinas?
- Quais foram suas atribuições?
- Cursou alguma disciplina de formação pedagógica para o Ensino Superior?

3. O trabalho como docente:

- Em que instituição trabalha?
- Tempo de docência na Universidade?
- Trabalha em mais alguma instituição?
- Qual a disciplina que ministra?
- Quando entrou, teve algum tipo de recepção, curso ou orientação sobre sua prática pedagógica?
- Qualifique a sua prática pedagógica.
- Mudaria alguma coisa? O quê?

4. Concepções e percepções:

- Por que decidiu ser docente universitário?

- O que significa ser professor universitário?
- Como acredita que deve ser a formação docente do professor universitário?
- O que acredita ser um professor universitário de qualidade?
- Acredita que a formação que recebeu na universidade foi suficiente para te formar como docente?
- Como foi o confronto entre a formação que recebeu na universidade ou suas experiências com a prática da sala de aula?
- O que entende por estágio? Como deveria ser?
- O estágio mexeu suas percepções sobre a docência? De que forma?
- O estágio contribuiu para sua prática?

APÊNDICE D - Resumo das entrevistas

Universidade Estadual Júlio de Mesquita - UNESP	
	Resumo
H1	<p>Formação Inicial: Licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais</p> <p>Mestrado: em Sociologia, na área de administração pública</p> <p>Doutorado: em Ciências Sociais com sanduíche na Espanha, cursando pós-doutorado</p> <p>Percurso Profissional: Foi presidente de uma ONG com atividades culturais na graduação, professor de escolas particulares, aulas para o funcionalismo público na área da administração pública, em faculdade particular.</p> <p>Estágio: No doutorado, somente por ser bolsista CAPES.</p> <p>Sobre o estágio: Eu tive a oportunidade, acho que é importante relatar isso, porque isso foi um momento importante na vida acadêmica e de formação, foi um momento de inflexão inclusive, eu tive a oportunidade, por uma opção do professor de, naquele ano, como bolsista de monitoria, ao invés dele me levar pra sala, pra desempenhar algumas funções na sala de aula, de suporte às atividades dele, ele resolveu fazer diferente, ele resolveu fazer uma seleção de livros e de textos importante na área de Ciência Política e eu tinha encontros com ele que eram duas ou três vezes por semana em que nós debatíamos, eu e ele (...) isso fez crescer o meu interesse pela academia</p> <p>Sobre a prática pedagógica: Eu tento, na minha prática pedagógica, utilizar recursos, tento, faço e aplico muito do que eu aprendi inclusive com a minha experiência como professor de ensino fundamental e de ensino médio, sobretudo na minha passagem pelo SESI (...)</p> <p>Sobre ser docente: Ser professor, eu não tenho dúvida de que isso eu seria (...) o que me atrai mais na docência na universidade é a possibilidade de pesquisa, de aprofundamento (...) Se eu não tivesse tido essa experiência (no ensino superior privado) eu iria enfrentar dificuldades bem maiores como docente na universidade, serve como parâmetro também muito do que eu vi na graduação (...) na minha graduação eu não tive experiências tão boas com relação a isso (organização das aulas), então, eu tive experiências até um</p>

	<p>pouco traumáticas (..) a experiência na universidade privada e no fundamental e médio, como eu havia dito pra você acabou criando um perfil de profissional que eu identifico e eu utilizo estas práticas (...) sem essas experiências eu teria um pouco mais de dificuldade, a universidade também dá um pouco as costas pra isso, pra questão pedagógica e tudo mais do seu futuro docente, porque muitos dos que mergulham na sala de aula são pesquisadores e você dialogar com a sua bibliografia, com os seus métodos e suas técnicas de pesquisa é uma coisa (...) agora, você transformar isso numa aula, é um outro processo cognitivo, que requer um série de outras técnicas, e de aprendizado, de treinamento mesmo, ninguém nasce professor (...) e eu acho que a universidade não está meio que preocupada com isso (...) ai a gente tem que olhar uma outra coisa que é importante, o processo seletivo, os concursos para a universidade (...) o maior peso nesse processo de contratação de professor na universidade pública é a análise curricular (...) Sobre a formação universitária ter sido suficiente para a atuação como docente: Não, não foi. (...) A minha observação de todos os professores que eu tive na minha vida e tudo mais isso compôs, fez com que eu compusesse talvez um perfil de professor que se adequou às minhas expectativas (...)</p>
H2	<p>Formação Inicial: Licenciatura em Matemática, na PUC. Instituto de Artes da Unesp, em Música com habilitação em regência</p> <p>Mestrado: na área de Educação Musical, voltada ao fazer musical criativo</p> <p>Doutorado: na mesma área, com foco na voz</p> <p>Percurso Profissional: Trabalhou como músico, aulas em conservatório e particulares, durante a graduação. Trabalhou em uma faculdade particular durante o mestrado e parte do doutorado. Ingressou na UNESP como professor substituto antes de terminar o doutorado, sob supervisão de um professor doutor.</p> <p>Estágio: fez no mestrado e pediu dispensa no doutorado por já trabalhar como professor.</p> <p>Sobre o estágio: fiz no mestrado porque era obrigatório (...) eu já dava aula, se não fosse obrigatório, talvez eu não teria feito (...) eu nunca quis ter bolsa porque, não sei se nas outras áreas acontece isso, mas quando você tem</p>

bolsa você fica fora do circuito (...) eu tinha que ministrar aula quando solicitado, eu não lembro quanto era exatamente (...)20% do total da carga horário, não mais do que isso, deveria ser sempre na presença do professor da disciplina, as vezes não foi, eu tinha que também fazer uma espécie de plantão de dúvidas para os graduandos tirando dúvidas, orientando também pesquisas que eles fossem fazer relacionadas à disciplinas, levando-os à biblioteca, mostrando os periódicos(...) foi basicamente isso que eu fiz. (...) as disciplinas aqui são anuais, então se você faz o estágio no segundo semestre, a disciplinas já está andando, mas mesmo que fosse semestral, acredito que isso (participar do planejamento) eu nunca vi, pelo menos aqui, não (...) Na avaliação, aplicando a avaliação. **Sobre a formação pedagógica:** Eu tenho essa formação porque antes de fazer música em fiz matemática, eu fiz o bacharelado e depois eu fiz a licenciatura, então na licenciatura eu tive didática, etc. e tal, então eu tenho esse contato por causa da outra graduação, mas aqui no mestrado não teve nenhuma disciplina (...) também não é perfil dos professores, acho que não teria nenhum professor da música, a não ser que fosse do outro programa, que é em Arte, porque ai tem arte em educação **Sobre apoio institucional:** Não, nenhum. Até existe, vem assim um e-mail da reitoria, mas, assim, pode até parecer preconceito, penso 'gente, vai ser tão sacal, tão chato', eu particularmente nunca fui (...) Aqui no departamento não há reunião de professores, é muito raro, só quando a coisa aperta mesmo, quando a bomba vai explodir, que tem uma reunião de professores (...) não há um certo interesse por essa, há até um certo desprate por essa questão pedagógica, a pedagogia é vista como um, como posso dizer, um pedagogismo **Sobre sua prática pedagógica:** modéstia à parte, eu acho que é excelente (...) como eu leio muito, estudo muito, não só da minha área específica, você acaba tendo uma visão de mundo e das pessoas mais ampla, então eu tenho o hábito de assim... eu programo (...) eu faço o plano de ensino da disciplina eu levo na primeira aula para discutir com os alunos, por que para discutir? Primeiro para fazê-los entender o que é um plano de ensino porque muitas vezes eles não acessam no portal o plano de ensino, não sabe nem qual é a ementa da disciplina de tão desligados que eles são (...) Inclusive permitindo

que eles façam sugestões (...) feito isso eu faço o planejamento do semestre (...) as vezes eu procuro fazer uma coisa que eu vejo os meu professores fazendo, tanto na graduação quanto aqui, alguns não são todos, é na aula seguinte fazer uma breve recapitulação do que foi (...) como eu gosto de dar aula, eu acho que eu tenho facilidade, porque há professores que não gostam, eu já vi professores meus que falaram assim 'se eu ganhasse dinheiro como compositor, eu não daria aula', eu gosto da sala de aula"

Sobre se mudaria alguma coisa: eu acho que eu gostaria de ter mais tempo para estudar e pesquisar, a universidade fala muito desse tripé, ensino, pesquisa e extensão, e para haver ensino precisa ter essa pesquisa (...) Eu gostaria de dar menos aula, mas acontece assim, os professores novos costumam ser mais sacrificados;

Sobre porque decidiu se professor: sabe que eu não decidi?(...) É uma coisa curiosa na minha vida, não estou dizendo que é uma coisa boa ou ruim, ou que deva ser assim com todo mundo, na minha vida muitas coisas que eu planejei não aconteceram e muitas coisa que eu não planejei, aconteceram, por exemplo, quando eu estava na graduação, eu não imaginava que ia ser professor universitário (...) mas ai ao fazer o mestrado essa possibilidade foi aumentando, o fato de trabalhar numa faculdade particular e ai as coisas foram indo, e pelo fato de eu gostar de dar aula (...) quando eu era criança eu brincava de escolinha eu acho que isso já tinha uma relação desde essa época

Sobre o que significa ser professor: Uma responsabilidade enorme e muito temerosa (...) a responsabilidade do que você diz para o aluno, do que você vai construir com esse aluno, o que você vai fazer pensar, refletir,(...) é uma responsabilidade muito grande do que você traz para a sala de aula, do que você propõe pra eles, da informação que você propõe

Sobre a formação docente: é complicado de dizer, porque cada área pode ter a sua... você pode ter coisas gerais e coisas específicas (...) você precisa saber sobre Vygotsky, Piaget e lá, lá, lá, lá, mas tem que ter um domínio musical anterior a isso...(...) tem que ter uma formação inicial sólida e, além disso, uma formação humanística mais amplas, então, por exemplo, que a gente tivesse contato tanto da sociologia, uma formação mais amplas que fosse além desse formação técnica específica...(...) eu

sempre falo para os alunos, na Universidade a gente não é um conservatório, então a gente precisa dialogar com os saberes (...) em grupo de pesquisa, os participantes têm muita dificuldade em se dissuadir da relação professor aluno, o grupo de pesquisa não é algo, são para discussão, de produção de pesquisa, então, eu sou o coordenador, não é aula, mas eles têm dificuldade, o próprio modelo que a gente tem (...)**Sobre professor de qualidade:** um professor que domina a prática musical, que conheça música e, acho que antes disso, que seja um professor bastante humano, por que você vai lidar com pessoas, música é uma área que trabalha bastante o ego, primeiro acho que o professor tem que saber lidar com o ser humano, respeitar o outro, a individualidade do outro, as limitações do outro, se compreender também como humano, não se achar o todo poderoso, sentido de 'eu tenho resposta para todas as coisas e não tenho dúvidas', aí vem a essa questão da formação específica, da formação geral, é um professor que deve sempre se atualizar, sempre estar estudando, pesquisando, sempre estar se aprofundando, conhecendo os contextos, a gente trabalha com muito jovens, e jovens tem os seus clãs, os seus nichos...penetrar nisso para ver o que eles pensam (...) o professor precisa ter percepção da realidade do aluno, da realidade do outro(...)**Sobre se a Universidade deu a formação suficiente:** Não, imagina, a Universidade não está preocupada com essa contribuição formal com a questão do ensino, com o professor da Universidade, acho que isso acaba acontecendo informalmente (...) por exemplo, você vai ter contato com outro professor, o que ele faz, o que ele não faz, como ele planeja aula...observando o outro, a maneira de outros professores lidarem com o assunto, coma temática, a preocupação deles...mesmo que não sistematicamente **Sobre se o estágio contribuiu e como deveria ser:** Não contribuiu (...) estágio na graduação é uma coisa proforma, pra cumprir, ele deveria, o estagiando deveria ter a oportunidade de participar do processo de elaboração da disciplina, pra inclusive ele perceber como é que monta uma disciplina, que caminho que um professor tem pra escolher, o que vai ser abordado, desde nascimento do plano da disciplina, pra quando você for ministrar uma aula para que você tenha algumas diretrizes pra poder se

	<p>guiar... para poder ser mais funcional, prático e objetivo então tinha que participar do processo... o professor deveria estar sempre na aula e depois que você ministrou a aula deveria ter um feedback do professor, inclusive o orientador para dizer 'olha, como foi esse aula que você deu?' De repente, se fosse gravado essa aula para depois os três assistirem juntos, mas imagina que as pessoas vão fazer isso, isso é tempo, isso é o ideal.</p>
H3	<p>Formação Inicial: Licenciatura em Geografia, com Iniciação Científica em ensino de geografia</p> <p>Mestrado: Educação, sobre a relação entre o conhecimento científico e o aluno</p> <p>Doutorado: Na Geografia, sobre o professor da rede e o ensino de geografia</p> <p>Percurso profissional: Deu aulas durante a graduação na rede estadual, continuou dando aula no mestrado e no doutorado, até conseguir bolsa, depois começou a dar aulas em uma Universidade Particular, no curso de pedagogia. Ficou como substituta na Universidade Pública até se efetivar.</p> <p>Estágio: durante o doutorado, por causa da bolsa</p> <p>Sobre o estágio: eu lembro que a gente ficava responsável para dar aula, então as vezes o professor precisava ficar ausente e a gente fica responsável, se ele precisasse fazer algum trabalho mais distante, que precisava ficar um mês fora, eu revezava com o meu outro companheiro que também fazia o mestrado e, às vezes, a gente vinha junto (...) nós demos avaliação, demos várias discussões, aula expositiva, trabalhamos o conteúdo (...) eu não participei do planejamento, mas a gente participava...quando a gente começou o estágio em docência o que o professor fez foi fazer a gente tomar consciência do que era o plano e nós planejamos as aulas, então o professor sentava com a gente e planejava... a gente corrigiu, o trabalho que a gente tinha aplicado, a gente corrigiu, depois também com coisa de passar nota, passar presença, essas coisas, nós fazíamos reuniões quando tinha dificuldade para a gente comentar como tinha sido, como que a gente tinha feito, o que tinha acontecido... nós ajudamos a elaborar a avaliação, aplicar e corrigir (...) Sobre a disciplina de docência universitária: sim, sim, principalmente o curso de currículos</p>

e programas, que era uma professora que ele dava e a gente trabalhava...era a análise de um currículo universitário (...) foi disciplina que eu mais gostei e eu não esqueço porque foi uma disciplina muito rica...(...) a disciplina que era vinculada ao estágio eu fiz, só que não era na área da educação, foi assim, o estágio em docência eu fiz em uma disciplina da Geografia Agrária e eu cursei no doutorado uma disciplina na Geografia Agrária, só no mestrado que eu cursei, porque eu escolhi(...) **Sobre o ingresso na Universidade como docente:** eu tive, quando eu entrei... não, quando eu era substituta, esse grupo NEEP que eu falei pra você, a UNESP ela chamava os professores que quisessem participar dessas oficinas.... e continua existindo, mas não avançou muito... e eu estou mais envolvida com esse grupo e a única coisa que nós tivemos quando nos efetivamos foi uma apresentação da direção para mostrar as questões burocráticas e administrativas, nada da pedagogia, nada a didática, nada da formação de professores **Sobre a prática pedagógica:** eu gosto muito de dar aula, eu percebo que tem uma tendência na universidade de incentivar mais a pesquisa, se você faz pesquisa você é mais valorizado do que o ensino, fica claro na cobrança e no valor das atividades (...) a minha prática eu considero uma coisa coerente... o que eu faço na minha aula, eu procuro trazer discussões teóricas mas concatenadas com experiências que eu tive na minha prática, por que eu dei aula 19 anos na rede pública(...) Eu mudei muito já, estou sempre preparando a aula, eu acho que a mesmice, foi o que me fez a escola, os alunos, eu não suportava a rotina, por que eram classes diferentes, então existem realidades, alunos, existem classes diferentes, você tem que ver, porque eu tenho uma turma à noite e outra pela manhã, a turma a noite é a turma que trabalha...a turma da manhã já quer fazer mestrado, doutorado... então eu procuro fazer de acordo com a realidade. **Sobre ser docente:** eu fui fazer o mestrado mesmo de dentro da sala de aula, eu queria discutir as questões que eu tinha eu levava para a discussão mestrado, eu fiz ser professor porque eu gosto, acho que eu não sei ser outra coisa (...) professor universitário, é pra você contribuir pra formar um profissional, um cidadão, um perfil de indivíduo que tenha uma conscientização de quem é ele num contexto social, que possa viver no

	<p>mundo do trabalho, no sentido humanizado Sobre a formação do docente: o pessoal que é da educação e que é formado na pedagogia, eu acho que ele tem que navegar também pelas outras ciências, porque aquele professor que está lá vai da aula de didática, ele vai pegar pessoas de diversas disciplinas (...) Eu acho que é um professor que tenha responsabilidade com a formação do profissional e principalmente voltado para as questões da realidade social e comprometido com aquele, a entender e compreender o indivíduo (...) Eu tenho que ser uma professora que ensina constantemente, eu não posso me transformar numa professora que simplesmente é palestrante, que dá conferência para os meus alunos...que possa compreender a realidade do lugar em que eles vão trabalhar para tentar transformar essa realidade. Sobre a sua formação ser suficiente: não, não, eu tive que buscar muita coisa depois que eu formei, no curso de doutorado de geografia eu acho que deveria existir professores mais da educação, nós não temos, temos poucos professores na área da educação, a minha universidade me deu uma formação teórica muito grande, um conhecimento, pra que eu pudesse buscar soluções (...) Sobre como deveria ser o estágio: o estágio que eu fiz foi um estágio muito legal, eu pude participar das primeiras aulas com o professor, o que eu acho que seria legal era a gente participar da elaboração do plano, ai faltou, mas existe um problema pedagógico eles entregam o plano numa época que não começou o plano letivo, eu já comecei a dar aula direto, a única coisa que eu faria era pedir para o professor olha, eu quero participar do planejamento do plano' (...) Contribuiu para a minha prática pela dinâmica, pelo conhecimento da realidade, do conhecimento de uma sala de aula universitária, de dinâmica (...) eu pude ter contato com os alunos com a oportunidade de me envolver que se eu não tivesse tido, acho que entrar na sala seria mais difícil, mas eu tive pelo menos um momento(...)</p>
E4	<p>Formação Inicial: licenciatura em Química, sem IC Mestrado: química inorgânica Doutorado: em educação para ciências, sobre o trabalho docente e os sistemas apostilados Estágio: mestrado, pelo convite da orientadora e por ser obrigatório</p>

Percurso Profissional: aulas em cursinho popular colégio particular durante a graduação, ofereceu curso de extensão para professores da rede pública, foi professor do Instituto Federal no ensino técnico e licenciatura e professor em Universidade Particular.

Sobre o estágio: primeiro acompanhar todas as aulas, tinha que estar presente, segundo, atendimento aos alunos em plantão de dúvidas (...) e organização de maneira geral da disciplina (...) correção dos relatórios dos alunos (...) elaboração da disciplina não, disciplinas de laboratório aqui, elas são bastante tradicionais e consolidadas, então tem algumas práticas que são clássicas e elas vem sendo consolidadas e vem sendo desenvolvidas há vários anos (...) foi um estágio em que vi o que já vinha sendo feito desde a minha época de graduação

Sobre orientação da instituição: a UNESP tem um programa de formação continuada, chamado de Oficinas Pedagógicas, assim que eu entrei, fui convidado, os professores iniciantes são convidados a participar das oficinas, onde a gente fica num hotel durante uma semana e são feitas algumas palestras, alguns cursos pra gente(...) **Sobre sua prática pedagógica:** é uma prática de professor iniciantes, embora eu tenha uma experiência grande de professor tanto na educação básica como no Ensino Superior, mas o que eu percebi aqui é que as disciplinas são muito mais densas, muita coisa eu fui anotando, que eu tenho um diário de reflexões, foi uma atuação que cumpriu os objetivos da disciplina, porém eu ache que foi uma situação aquém daquilo que eu imagina e tinha como perspectiva(...) **Sobre ser docente:** na atuação do ensino médio eu acabei me apaixonando mais ainda pela profissão, tem duas coisas que me fizeram ir para o ensino superior, a primeira é a questão da autonomia do trabalho docente na universidade, e o segundo, infelizmente, é a questão de você vislumbrar o crescimento salarial (...) significa você ter uma responsabilidade social na formação de futuros profissionais, no meu caso especificamente com a formação de professores, você ter essa responsabilidade social de formar professores muito bem formados para atuarem na educação básica, a segunda coisa, significa você ter uma responsabilidade social em resolver e ampliar um tema de pesquisa, uma área da sua pesquisa, algo que na educação básica

a gente não vê e ao mesmo tempo é uma profissão, em que você goza de um status, no sentido positivo, de uma autoridade naquilo que você faz(...)

Sobre a formação do professor: ela precisa, no meu ponto de vista, obrigatoriamente passar por uma formação didático pedagógica consistente, não sei ainda, se a obrigação da licenciatura seria um dos caminhos, mas as nossas licenciaturas têm vários problemas (...) mas pelo menos os cursos de pós-graduação, deveriam ter como disciplina obrigatória, pedagogia para o ensino superior, ou algo relacionado a saberes docentes dos professores universitários, para que o professor minimamente tenha algum contato com essa literatura, com essa perspectiva de como atuar...o que se faz é uma reprodução, aliado claro, obviamente, com uma formação continuada fornecida pela própria Universidade. **Sobre ser docente de qualidade:** é aquele que consiga, e esse é o grande desafio, pôr em prática o princípio constitucional da Universidade da dissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, os três deveriam ter o mesmo peso e os três deveriam ter o mesmo nível do que é levada a pesquisa. **Sobre a formação que recebeu:** tem vários fatores envolvidos... eu preciso dos saberes dos conteúdos, ai eu preciso dos saberes experienciais, da pratica, eu preciso dos saberes, vamos chamar assim, pedagógicos e os saberes interface que seria articular o pedagógico com o conteúdo para poder ter uma atuação docente, em termos de conteúdo, uma formação muito boa...em termos pedagógicos, a minha licenciatura teve sérios problemas, então não sai muito bem formado do ponto de vista pedagógico, porém, o meu doutorado complementou isso, mas eu fico pensando, seu eu não tivesse feito o doutorado em educação essa perna dos saberes ficaria problemática, agora, os saberes experienciais, seis meses, durante o estágio em docência, nós tivemos algum contato, mas ai só mesmo com uma experiência um pouco mais demorada, para que a gente pudesse desenvolver saberes mínimos (...) eu acho que esse estágio deveria estar articulado a essa disciplina, deveria ser obrigatória, assim como a gente vê pra educação básica a licenciatura tem os estágio supervisionados, uma das maneiras seria a gente fazer o estágio docente obrigatório e articular com alguma disciplinas pedagógica na pós-

	<p>graduação também obrigatória, que tivesse esse caráter de dissociabilidade entre teoria e prática, onde o aluno estaria acompanhando o professor e pudesse refletir (...)</p>
E5	<p>Formação Inicial: Bacharel em Química, com IC sobre estudo eletroquímico. Fez dois anos de aperfeiçoamento em bioquímica</p> <p>Mestrado: Biotecnologia</p> <p>Doutorado: na mesma área</p> <p>Percurso profissional: técnico em laboratório, sem trabalho durante a formação, nos pós-do lecionou em Faculdade Particular</p> <p>Estágio: no doutorado</p> <p>Sobre o estágio: fazer o estágio em docência me permitiu atualizar na disciplina e voltar a estudar um tema que já fazia 10 anos que eu não estudava... eu acompanhava todas as aulas, eu dei uma aula, por que também o número de aulas não pode exceder a um limite, eu dei uma das aulas e na época eu fiz um grupo que era na internet de discussão onde os alunos podiam mandar via esse grupo as dúvidas (...) ajudava na correção de provas, eu auxiliava bem o docente, eu nunca fiquei como responsável (...)</p> <p>Sobre sua prática pedagógica: olha, eu tive um bom professor, que tinha uma didática muito boa, foi meu orientador e era um excelente professor, na minha carreira como docente eu sigo aquele modelo, o modelo que ele era, o jeito como ele dava aula, como ele preparava aula, isso é um parâmetro pra mim, lógico que você segue o parâmetro dos professores que você teve a vida inteira, pro bem e pro mal (...)</p> <p>Sobre se mudaria algo: o duro aqui na química é que a gente não tem uma avaliação, eu não sei, eu não sei o ponto forte, o ponto fraco do ponto de vista do aluno.</p> <p>Sobre sua docência: A gente vira professor por imposição, por que é o que a gente tem que fazer e os que tem aptidão se dão melhor, porque nós não temos preparo, inclusive a gente não é nem cobrado a isso a agente é cobrado a ser pesquisador e não docente (...) eu sempre tive essa vocação, acho...de pesquisa, se ensino, gosto de falar, de ensinar, de lidar com as pessoas, é bem o meu perfil (...) você trabalha dentro da Universidade com adultos, você já não fez parte da formação do caráter dessa pessoa, ela já chega aqui supostamente um adulto, mas eu acho que a gente com professor</p>

universitário a gente participa de uma etapa importante que é a definição profissional, o caráter profissional desse individuo (...) e a experiência pessoal conta muito nisso é o que espero é que eu esteja contribuindo nessa formação profissional, o principal é você servir de modelo, de espelho, de conduta, de caráter (...) **Sobre a formação:** na verdade a gente não é professor, a gente é pesquisador e tem que ser professor, tem os que tem essa vocação e tem os que não tem, tem um GAP, falta(...) e o aluno tem que ficar com o que vai e com o que não vai, porque não tem uma ajuda institucional, não tem um suporte, a gente tem que virar professor, você vai se aprimorando de tanto ter feito a disciplina, essa é a formação, não tem uma formação acadêmica, inclusive eu questiono isso, eu não sei quanto isso iria me ajudar, como eu não sei o que é eu não sei como isso poderia contribuir para a minha formação(...) **Sobre docente de qualidade:** (...) é um professor comprometido com os alunos, um professor que se importe (...) eu só acho que seria interessante se a gente tivesse um suporte pedagógico, com certeza esse suporte pedagógico nos ajudaria até no lidar com as pessoas, no lidar com os alunos, tem gente que estuda isso e sabe como isso melhora, eu não, eu não estudo isso, se eu tivesse essa ajuda eu acho que seria bem mais fácil (...) a gente prepara o aluno aqui para vida acadêmica e não tem nenhuma disciplina do ponto de vista didático, nem é cobrado... em nenhum curso de pós-graduação que é onde supostamente a gente está preparando professor universitário **Sobre a formação na universidade:** (...) foi, porque eu só tive formação aqui e eu sou uma boa docente, tem uma relação de respeito, de convívio, e eu só tive o que eu me formei na universidade **Como deveria ser o estágio:** eu acho que é muito importante pro aluno ter esse contato com docência e principalmente o contato com o docente, vendo como ele trabalha, como a turma reage, porque você está ao mesmo tempo dos dois lados, isso te dá uma experiência se você estiver com os sentidos despertados, você vai conseguir fazer essa relação, isso te dá muita experiência (...) eu acho que o estágio vem muito do docente, mas eu acho que do jeito que está, está adequado, você não pode deixar o cara dar muitas aulas, então ele vai acompanhar

	<p>suas aulas, ele vai produzir as listas de exercícios, enfim, do jeito que está armado está bom, nas regras oficiais.</p>
E6	<p>Formação Inicial: Bacharel em Química tecnológica, com IC</p> <p>Mestrado: área de química de peptídeos com aplicação em fármacos.</p> <p>Doutorado: na mesma área</p> <p>Formação profissional: empresa, contratado lá como consultor na área de biotecnologia, trabalhou por mais ou menos um ano e depois voltou para fazer um pós-doutorado. Já trabalhou em Faculdade Particular</p> <p>Estágio: mestrado e doutorado</p> <p>Sobre o estágio: fiz tanto no mestrado como no doutorado também. Mesmo no mestrado não sendo uma obrigação (...) durante o pós-doutoramento surgiu uma oportunidade, pois um professor ficou afastado por um problema de saúde e eu assumi a turma dele por um período de seis meses ajudando o departamento, o departamento autorizou e eu tive ai essa oportunidade (...) Eu ajudava tanto no preparo da aula, acompanhava todas as aulas teóricas, ajudava a tirar dúvidas de alunos, ajudava inclusive na elaboração de questões para a prova e, em algum momento, na parte prática principalmente eu tive a oportunidade de lecionar uma das aulas do curso, depois que o meu supervisor autorizou (...) às vezes o professor me passava o material e a gente sentava e conversava e durante a aula a gente tinha bastante contato, eram reuniões semanais a respeito do andamento do curso (...) na minha pós-graduação eu cursei uma disciplina que por sinal não está mais no currículo molde das disciplinas do programa, pra mim foi até uma judiação porque eu acho importante. Sobre sua prática pedagógica: Eu acho que tenho muito a aprender (...). Então acredito eu, e pelo que o pessoal comenta que o meu curso é bom, minha didática é boa, mas eu sou um sujeito meio perfeccionista e fico me cobrando muito. (...) Eu gostaria de ter um pouco mais de tempo dentro da nossa função na Universidade, que não é só a de ensino, a universidade é baseada num tripé, o ensino, a pesquisa e a extensão, entende se como extensão inclusive essas comissões que a gente faz parte da faculdade, a parte mais administrativa, que inclusive toma um tempo violento da gente, além da pesquisa, que não deixa de estar relacionada com a parte didática também,</p>

porque você tem que passar todo o seu conhecimento para o aluno no nível de pós-graduação e também de iniciação científica, para você ficar sempre em contato com o aluno. **Sobre algum apoio pedagógico:** O apoio é o concurso, se eles acham que o cara dá uma boa aula, ótimo, senão, está fora e não se fala mais nisso. Se é que o concurso está buscando um bom professor, um bom didata, porque tem muito concurso aqui dentro que eles querem um bom pesquisador, mas esse pesquisador fatalmente terá que dar aula. (...) Volta e meia a gente tem, a UNESP hoje está começando a dar um pouco mais de importância a questão didática, existe hoje um fórum de discussão e de implementação de novas práticas voltadas ao ensino, está se fazendo um movimento interessante nesse sentido, vamos ver se isso vai resultar em ações, porque a gente sabe que muitas vezes fica nesse blá blá blá e nunca se resulta em ações diretas para tentar mudar mesmo (...)

Sobre ser professor: mas foi lá que eu descobri que a contribuição que eu poderia dar para a sociedade era aqui dentro, ensinando as pessoas e trabalhando em prol de uma instituição de ensino, acredito ainda que o ensino seja a melhor saída para uma sociedade melhor, tem isso na minha de doutorado, eu coloquei uma frase em relação a isso (...) Uma responsabilidade enorme pra sociedade, a gente forma não só profissionais, mas cidadãos também, líderes, futuros líderes de empresa, empresário, futuros professores, então o significado de ser docente numa universidade, numa instituição grande como é a UNESP, é uma função muito importante pra sociedade e que tem que ser encarada de uma forma bem séria. (...) não acredita que tenha uma pessoa totalmente preparada pra assumir uma função, o tempo também ensina muito, então tem que ter uma boa formação, certa experiência em didática, em dar aula, você tem que ter dado aula certo tempo, também ter tido experiência nas outras funções que a universidade exige do docente, ter trabalho um pouco com projetos de pesquisa e fatalmente, uma pessoa que termina o doutorado e vai para um pós doc tem certa experiência nesse sentido. (...) eu acredito que todo mundo que queira vir pra universidade tem que tentar uma experiência de ensino, independentemente do nível que for, se for na universidade melhor ainda, mas se for no ensino médio, é importante (...) no final do meu

mestrado, quando eu tava ingressando no doutorado eu estava sem bolsa e eu fui tentar das aulas aqui no estado, e são escolas que tem carência de profissionais de química, e eu não consegui atribuir aula, como professor eventual, porque eu não tinha licenciatura, são coisas que a secretaria de ensino faz que não dá pra entender, eles preferem deixar a escola sem professor do que, ou colocar um professor de outra área para dar química, do que chamar um professor com formação na área que não tem a licenciatura, mas que é mestre, acontece muito isso aqui (...) Um bom professor é aquele que tem um bom conhecimento na disciplina que ele está ministrando, não estou dizendo um conhecimento pleno, eu acho que ele tem que ter uma comunicação com o nível que os alunos estão sentir o nível de comunicação, não usar termos que determinado aluno não vá entender, usar termos que seja do nível de conhecimento deste aluno, na pós-graduação esse nível já é maior (...) **Sobre a formação que recebeu na Universidade:** Suficiente não. O que me ajudou muito acho que foi a própria experiência que eu tive em sala de aula, mas que ela me deu exemplos bem claros de excelentes professores a gente carrega isso com a gente até hoje, todo mundo lembra do bom professor que teve (...) acho que o professor ali na frente tem que ser um tutor do aluno, não só passando o conhecimento que ele tem que passar relacionado à sua disciplina, mas também tentar relacionar esse conteúdo com a vida profissional que esse profissional vai ter, tentar mostrar onde você vai aplicar isso na sua carreira (...) sabe que é engraçado? tem uma plaquinha aí na porta com “professor” e umas das poucas coisas que eu tenho tempo de fazer aqui é preparar minha aulas. **Sobre o estágio:** Sim, foram muito importantes. Eu sempre quis fazer mesmo não tendo a obrigatoriedade em fazer ou já tendo cumprido o estágio, sempre gostava de até ajudar o professor no preparo da aula, dar opinião, principalmente nas aulas práticas, às vezes um experimento não fica muito bom, que tal fazermos isso, testar fazer isso (...) Muitas das coisas que a gente propôs estão sendo aplicadas até hoje, desde a época em que eu fiz o estágio, valeu bastante a pena (...) O estágio contribuiu bastante, mas não melhor do que a prática mesmo. Uma sugestão que eu daria é que se pudesse ser alterado um pouco os moldes

	<p>deste estágio em docência, fazer com que a instituição tenha como dar mais oportunidade para este estagiário lecionar algo coisa mais, em ter esse tempo maior de prática. (...) o estágio tem que ser obrigatório, se ele quer fazer um doutorado, acredito que pelo menos ele tenha que ter, mesmo que ele não goste muito, não queira seguir isso, ele tem que ter a prática de passar informação. Sobre a disciplina teórica: Obrigatória eu não sei se ela deve ser, porque eu acho um pouco complicado você pedir a obrigatoriedade de um aluno cursar uma determinada disciplina teórica, sobre um determinado tema. Mas acho que deveria ter sempre no rol de disciplinas do programa para o cara poder escolher.</p>
B7	<p>Formação Inicial: Odontologia, com IC em fisiologia e em prótese</p> <p>Mestrado: na área de prótese</p> <p>Doutorado: na mesma área</p> <p>Estágio: mestrado (1 ano) e doutorado (1 ano e meio ou dois)</p> <p>Percurso Profissional: Eventualmente clinicou e deu aula em Faculdade Particular e em outra universidade pública</p> <p>Sobre o estágio: eu acho que é importante para você ter alguma experiência de docência, porque fora isso o curso ele é bastante assim, ou eles são os créditos que são seminários nas diferentes disciplinas que compõe a especialidade ou a pesquisa, o estágio em docência eu via, ainda vejo como essa forma de você treinar esse lado de docente (...) acompanhar os alunos na clínica, a atividade básica é agente acompanhar os casos clínicos da turma e no laboratório, as disciplinas já eram montadas, ajuda na avaliação, das aulas teóricas a gente também participava (...) não tem a parte pedagógica (sobre a disciplina) (...) eu acho que estágio em docência funciona de uma forma adequada, porque o nosso curso da universidade é uma disciplina química, então a gente precisa acompanhar o aluno com o paciente, o essencial pra a formação docente eu acho que é isso, o professor saber lidar com o aluno lidando com o paciente Sobre o apoio da universidade: teve, é um curso do NEPP que eles oferecem, é uma semana de formação pedagógica para todos os novos docentes, é uma semana e tem esse curso Sobre ser docente: a gente segue muito a sequência que a gente recebe na formação, então eu acho que</p>

	<p>didaticamente é uma formação bem bacana, bem legal, a gente procura fazer o aluno compreender como que funciona a prótese na boca do paciente (...) significa ser responsável pela formação dos alunos, não formação profissional, científica, mas é uma fase da vida pessoal...de sedimentar princípios, eu acho que é isso, até falo, pra mim professor é um eterno aprendiz (...) Sobre a formação: não só pensar nesse lado científico, mas também nesse lado de valores (...) a gente aprende muita coisa depois que a gente vai pro mercado, agente lida com várias situações, as responsabilidades são maiores, mas a formação que a gente sai pro mercado é uma formação boa(...)</p>
B8	<p>Formação Inicial: odontologia, com IC em traumatismo</p> <p>Mestrado: Biopatologia Bucal</p> <p>Doutorado: Biopatologia Bucal e pós-doutorado em cirurgia</p> <p>Percurso Profissional: clinicou e trabalhou em hospital. Substituiu na universidade pública por dois anos e lecionou em universidade particular.</p> <p>Estágio: doutorado por um ano</p> <p>Sobre o estágio: eu ficava aqui durante a atividade clínica tentando ajudar em alguma coisa, porém, não tinha muitas atribuições específicas, eu também ajudava nas provas, dividia os alunos em equipe, coisas mais básicas mesmo, assistia a maioria (das aulas), eu não cheguei a ministrar ainda de aula teórica, o contato com aluno não era assim muito amplo (...) eu acho que o estágio docente, o aluno da pós-graduação ele vem mais pra ficar em clínica, pra ajudar o professor, ficar trabalhando ali com o professor, ele acaba tendo contato com o aluno, mas ele precisava participar de alguma forma que entendesse mais pedagogicamente do funcionamento dos alunos em sim, foi o primeiro contato que eu tive com os alunos (...) Sobre ser docente: desde que eu entrei eu estou estudando muito pra tentar melhorar ao máximo, eu tento conversar mais com os alunos, tento explicar melhor, tento dar uma orientação mais definitiva, mais definida em relação ao professores do sexo oposto, homem não tem essa visão que a mulher tem, acho a mulher é mais mãezona, ela tenta abraçar mais a situação, mas eu não tive nenhum ensino pra isso aqui dentro depois que eu entrei (...) se eu tivesse algum conhecimento que a minha prática</p>

	<p>está errada ou pode melhorar, eu mudaria sim (...) eu sempre gostei de mexer com aluno, de tentar ensinar, uma coisa que eu sempre gostei também foi trabalhar com paciente mais humilde, via SUS, via serviço público, hoje em dia acho que é uma responsabilidade muito grande, responsabilidade e uma, meta muito grande você ter que formar um aluno, porque hoje o aluno não é interessado, ele é desinteressado, ele quer levar vantagem, quanto menos ele aprender e tirar nota interessa pra ele, é uma luta muito grande você tentar passar alguma coisa para esse aluno com esse perfil, é também um pouco decepcionante, é uma luta diária (...) hoje eu acho que é muito difícil você ter um professor universitário de qualidade, tem muita cobrança, principalmente no âmbito de pesquisa, então a graduação nas universidades está muito defasada, está muito esquecida, pesquisar e publicar é o necessário para você se manter numa carreira e isso acaba deixando deficiente o professor universitário na área da graduação (...) Sobre a formação docente: eu acho que a formação deveria ser melhor, porque você...o mestrado e o doutorado ensinam você a pesquisar, vou ser bem sincera, não ensina você a lidar com o aluno, a lidar com certas coisas que você tem na prática diária, então eu acho que deveria melhorar principalmente o doutorado que dizem que é mais voltado para a docência...e alguma área pedagógica deveria ser acrescentado(...)</p>
B9	<p>Formação Inicial: odontologia, sem IC Mestrado: especialização em radiologia e mestrado em biopatologia Doutorado: biologia Percurso Profissional: clinicou e trabalhou com radiologia, deu aula em faculdades particulares Estágio: mestrado Sobre o estágio: acho que foi só protocolo de assinar um documento porque a gente já ficava aqui em tempo integral, você vivia aqui dentro, você já estava em estágio, você já se enquadrava àquela coisa que já existia (...) eu era dedicação exclusiva, de segunda à sexta, eu tinha que estar aqui, eu tinha uma folgas (...) eu vejo o estágio docente como uma oportunidade pro aluno que está cursando sentir um pouco mais o que é o estágio em docência, o próprio nome já diz, você vai procurar ter as mesmas atividades</p>

e responsabilidades do docente, lógico, sem ser oficial, pra você sentir como é que é o dia a dia e eu vejo que muitas são banidas, meu estágio docente foi aqui, você deu aula teórica? Não, eu ajudava na prática, eu me via como monitor diferenciado, aí você fala 'o que isso agregou? Nada (...) aula teórica, ele tem capacidade de dar aula teórica e é uma forma dele ir se adaptando ao meio, melhorando a postura, melhorando a linguagem, o preceptor, seu orientador, que vai te orientar ele pode assistir e falar ' oh, você falou tal coisa, você se postou de tal maneira, você devia ter feito assim, fica melhor essa tal coisa' essa orientação é importante pra a formação e a gente não vê (...) **Sobre a disciplina pedagógica:** na verdade acho que um grande erro dos cursos de pós-graduação, de escola pública é que a gente faz muita matéria no papel e na verdade não executa, foca-se muito em pesquisa, e algumas coisas a gente deixa um pouco a desejar(...) **Sobre ser docente:** sou parcial, dou aula em outro lugar (...) eu me considero, pelo que os alunos dizem e pelas avaliações que eu recebo todos os anos, me considero um professor que consegue passar a matéria de forma, que eles conseguem absorver alguma coisa e é um dos únicos parâmetros que a gente tem (...) a gente está procurando renovar um pouco a forma de pensar, fazer o aluno buscar, mas essa forma de fazer o aluno buscar, de fazer o aluno pensar, eu vejo que se aplica mais na pós-graduação do que na graduação (...) eu vejo como um erro a faculdade não por isso (avaliação institucional) como obrigação, é meio mascarado...não representa os cem por cento (...) eu sempre quis ser, eu sempre quis seguir a carreira docente, eu acho que me espelhava nas pessoas que tinham consultório e eram professor, eu via isso como uma coisa diferenciada (...) a gente tem que lutar muito pra conseguir as coisas, pra conseguir reconhecimento, o professor universitário ele é bem visto dentro da sua área de formação.. todo mundo acha que você ganha mais do que você ganha, então você tem que fazer por amor mesmo..(...) na minha visão, um professor universitário de qualidade é aquele professor que sabe passar o conhecimento para os alunos, ou tenta passar da melhor maneira, tem uma boa formação clínica pra saber solucionar os problemas clínicos, mas que também tenha, não precisa ser um expoente, mas que saiba fazer pesquisa

(...) essa balança está muito desequilibrada, ou o professor se dedica muito à graduação e esquece um pouquinho da pós, ou ele está muito na pós e esquece da graduação, ou não presta atenção na sua didática, é o que mais a gente houve ai, o professor é excelente em pesquisa e péssimo pra dar aula, não sabe passar, a essência de se ter uma universidade é para a graduação, a pós é consequência (...) **Sobre a formação:** hoje eu vejo que ela tem que se primeiro clínica, pra depois docente (...) Por quê? Porque hoje é meu inconcebível, é difícil falar para a pessoa 'você vai entrar só pra pesquisar', hoje você vai se virar nos 30, vai fazer de tudo...a pontuação dos concursos é muito baseada em publicações, em pesquisa e as vezes entra um professor que é super bom, é um expoente em pesquisa, mas é um cara que não tem didática, não sabe clínica, não tem mão pra clínica...mas ele entrou porque tem um currículo muito bom, isso eu acho um grande defeito...esse cara vai formar o que? Ele não vai formar dentista, a maioria dos nossos alunos vão pra área clínica, eu não acho correto pegar e só colocar pesquisador pra formar um aluno que não vai ser pesquisador, hoje eu vejo que pra se ter um professor universitário ele deveria ser pelo menos especialista, que é uma formação bem clínica da área, depois ele vai pro mestrado e no mestrado eu acho que tem que ter exigência de formação didática, as aulas de postura de posição, aprender a dar aula e no doutorado pesquisa, seria uma formação completa (...) eu tive que correr atrás, hoje graças a Deus, o que os alunos falam da minha didática, é porque eu sou professor de pós-graduação em outras universidades e a gente dá muita aula e eu procurei fazer curso de postura, de posicionamento, de tom de fala pra você aprender a se portar pra aprender a chamar a atenção do aluno e, mas tive que procurar fora(...)

Universidade de Campinas - UNICAMP

Resumo

H10	<p>Formação Inicial: engenheiro de alimentos, com IC na área de alimentação</p> <p>Mestrado: sobre engenharia agrícola, como uma sociologia rural</p>
-----	---

Doutorado: sobre desenvolvimento econômico, na área de administração pública, pós-doutorado na mesma área e segundo pós-doutorado na área de saúde

Percurso profissional: ministrou aulas em universidade federal e foi bolsista

Estágio: mestrado e doutorado

Falas: eu contribui aqui no NEP com uma pesquisa sobre o PROFIS, é um programa de formação interdisciplinar superior, que mistura inclusão social na universidade com um novo tipo de educação geral, uma coisa diferente...são alunos da rede exclusivamente pública das escolas das escolas municipais de campinas que ingressam na UNICAMP sem o vestibular, o primeiro aluno de cada escola pública de campinas, não 120 ingressantes, o primeiro aluno pela nota do ENEM, eles passam dois anos na UNICAMP fazendo esse curso, que é completamente diferente de uma graduação e ai eles são ranqueados ao longo desses dois anos para escolhe que curso de graduação eles entram depois, também sem vestibular(...)

Sobre o estágio: PED C são alunos de mestrado, você só pode realizar esse e você tem limitantes de coisas que você pode fazer, essa regra mudou de quando eu fiz pra hoje, quando eu fiz não era permitido que PED C ministrasse aula, você fazia exercícios, ajudava em seminários, corrigia, participava na elaboração das aulas, do programa e tal, mas você não dava aula, então eu não dei aula, fui PED C em 2004 no mestrado, foi muito legal, gostei muito, era uma disciplina de planejamento eu colaborei com avaliação dos seminários e com ajuda dos alunos em geral (...) no doutorado eu fui também lá me Limeira, era o comecinho de Limeira, eu era PED B, tinha subido de nível ai eu pude ministrar as aulas, a professora tinha acabado de entrar no concurso lá e a disciplina era a primeira vez que estava sendo dada, então eu participei com ela desde o início, de escolher bibliografia pra disciplina, estruturar mesmo o programa, se eu não me engano eu dei três aulas nesse semestre, eram duas turmas, são 120 alunos por turma, é uma estrutura de auditório, com microfone, mas pra mim foi tranquilo, a professora ficava comigo, ela assistia as minhas aulas (...) no mestrado eu recebi bolsa pra fazer PED e nos doutorado eu fui PED

voluntária. (...) eu acho super importante, é aquele primeiro momento de perder o medo de estar naquela posição, eu acho legal as regras de ir progressivamente, eles mudaram as regras hoje em dia, o mestrado pode dar aula e doutorado pode pegar uma turma sozinho, pode dar 100% das aulas, eu achei essas regras um pouco exageradas, porque de fato ai a gente entra na autonomia de cada professor, eu tive a experiência de dois professores que forma mentores, que estavam ali o tempo todo ensinando a prática docente, mas nem todo professor tem tempo, energia e vontade de fazer isso, vários colegas foram jogas lá, 'mas o que eu faço?' 'Faça o que você quiser', a culpa disso não pode recair só no professor, mas na estrutura da Universidade, por exemplo, professores que ficam com quatro turmas de 120, eu fiz totalmente meu plano, dividi as quatro turmas em todo mundo, 'você dá duas aulas, eu dou duas aulas' mas vários professores falam 'toma, essa turma é sua'(...) a origem do problema é que tem pouco professor, o que falta muito, hoje em dia o PED está muito mais sendo encarado com um auxílio didático, do que alguém que eu preciso ensinar, eu acho que é isso que poderia tentar ser mudado (...) eu chamei uma reunião em novembro do ano passado (com os PED) eles ficaram muito felizes, dá pra perceber neles como eles se sentem motivados quando o professor está ali demonstrando atenção, preocupação (...) a minha grande preocupação era, eu preciso alinhar todo mundo, eu preciso construir uma unidade entre essa equipe, eu fui com o programa mais ou menos montado, dei abertura pra eles falarem, deu abertura pra eles falarem que aulas eles se sentiriam mais a vontade, mais capazes de dar, dividimos duas aulas pra cada um, na prática de carga horário, eles estão com % de uma disciplina e o restante das aulas são minhas, mesmo assim estava tensa, não é cobrando, mas demonstrando que eu estou aqui, não é uma coisa solta, até agora está sendo uma experiência muito boa (...) eu acho que as aulas que eu dei no doutorado são muito parecidas com as aulas que eu dou agora, foi um primeiro espaço pra eu experimentar aquilo que eu achava legal e vi que deu certo, a professora mesmo falou 'você trouxe muitos elementos legais que eu vou incorporar nas minhas aulas'(...) **Sobre apoio institucional:** a faculdade faz anualmente um planejamento pedagógico

que é um espaço para se discutir isso e ai no final do ano passado foi a primeira vez que participei desse planejamento, todos os professores dois dias inteiros, tem lá um programa com palestras e tal, mas tem também espaços pra gente trocar experiências, ideias, todo mundo tem os mesmos problemas (...) **Sobre sua prática:** eu acho que eu estou no começo, estou super aprendendo por ter ficado dois anos já fazendo isso...mas eu acho que é bem legal a minha pratica e os alunos falam que é bem legal...eu sou uma pessoa que tem muita relação com as artes, então eu misturo muita coisa...eu sempre começo a aula com uma conversa com os alunos... depois a gente debate, depois eu dou a aula e quase sempre faço uma dinâmica, uma brincadeira, um negócio totalmente diferente pra que o negócio fique alegre, bom, pra mim e pra eles (...) se eu pudesse eu diminuiria minhas turmas definitivamente... porque eu não consigo ter relações pessoais com 120 alunos, é muito difícil eu lembrar o nome deles... fica relação individuo-massa (...) semestre passado eu tive três (turmas) e nesse eu tenho quatro, mas eu tenho 3 PED's, então eu posso falar da experiência de ter PED (...) **Sobre ser docente:** a experiência da vida cotidiana de um professor foi o que me seduziu, coisas do tipo flexibilidade de horário, autonomia muito grande planejar o que você acha que é importante de conhecimento, como você vai transmitir conhecimento... e a relação em sala de aula (...) significa uma responsabilidade de transformação social, pessoas vem pra cá e elas são como mudas, já foi plantado uma semente nelas, elas já chegam aqui com uma determinada maturidade, aqui é uma estufa de mudas e elas vão ser plantada em outros lugares...pra mim vem muito essa perspectiva de pra onde essas pessoas vão e o que ela vão fazer lá e de fato eu acredito que a minha relação com elas aqui vai influenciar isso lá (...) é esse (professor de qualidade) aquele que traz o prazer pra sala de aula e que traz a relevância e o papel social dos alunos na sociedade quando eles saírem daqui (...) **Sobre a formação:** tem que ser o mais questionadora possível, não é dar o mundo como uma coisa dada, mas dar o mundo criticamente (...) professor tem que ser formado pra gostar do que faz, é difícil isso, eu não sei se a formação consegue isso, fazer com que a pessoa goste, porque de fato, estar na sala

	<p>de aula pode ser muito monótono e muito desinteressante pra ambos os lados, de alguma forma isso deveria ser trabalhado no professor, uma vontade de fazer com que aquilo seja gostoso, prazeroso e relevante (...) eu acho que ter esse tipo de formação (pedagógica) em nível de pós-graduação, porque eu não fiz uma licenciatura, então poderia haver oportunidades espaços em que essa questão da docência fosse discutida na pós-graduação, por exemplo (...) Sobre o confronto: o lance é que eu não aprendi nada sobre docência, então foi um aprendizado um pouco difícil em termos de escolha de conteúdo, de realmente priorizações, eu fiquei perdida no início, eu não recebi nem um programa de disciplina quando eu cheguei lá, eu recebi uma ementa, isso dá um pouco de aflição 'Meu Deus, o que eu estou pensando faz sentido?' (...)eu em senti um pouco sem parâmetros, mas em questão da sala de aula foi tranquilo(...)</p>
H11	<p>Formação Inicial: licenciatura em letras</p> <p>Mestrado: em língua estrangeira, ensino de inglês</p> <p>Doutorado: na mesma área. Pós-doutorado na mesma área</p> <p>Percurso profissional: ministrou aulas na educação básica e superior privada</p> <p>Estágio: no doutorado</p> <p>Sobre o estágio: eu tinha muita vontade de aprender mesmo, estar em contato docência na minha área, eu entendia que ainda tinha muito a aprender, eu fiz um ano e meio, pra mim foi muito importante, foi remunerado (...) quando eu era PED B eu assumi algumas aulas sobre sob supervisão da docente responsável e ajudava a preparar aula, corrigir trabalho, aplicava avaliação, atuava mais na parte de concretização do planejamento (...) eu acho que pra mim foi uma escola, acho que assim como quando eu já tive PED então é assim que eu procuro agir, chamar esse aluno pra ele observar essas características, o que ele pensa, o que acha desse processo, atribuir tarefas que ele tenha autonomia, sempre de forma supervisionada, que a gente possa principalmente discutir as ações que ele tomou, ele não tem só que observar a aula, ele tem que fazer as coisas também e tem que assumir certas responsabilidades (...) eu acho que a gente tem dar base para esse aluno tem condições de agir e discutir</p>

isso...(...) eu pensava muito, eu tinha que resolver problemas, eu tinha que fazer conexão, tinha que encontrar como é que aquilo fazia sentido, como aquele objeto vinha sendo construído naquela sala e como é que eu pensava na minha área (...)

Sobre a prática pedagógica: eu acho que ela tem que ser uma prática teorizada, a gente tem que estar sempre tentando justificar teoricamente tudo que a gente faz em sala de aula, algumas perspectivas teóricas, elas me convencem em relação ao ensino, então é um ensino que deve se orientar por uma ideia de formação, de participação desse aluno na sociedade, então acho qualquer conhecimento que eu venha a construir por meio da sala de aula, coletivamente com os alunos, ele deve se justificar socialmente, porque é o papel desse aluno fora da universidade principalmente (...)

acho que é o papel da educação, o que eu busco fazer em sala de aula é promover praticas que sejam orientadas por essa filosofia, que tenham sentido pra mim e pro aluno e que tenham, portanto, bastante problematização, não é uma transmissão de conhecimento...são aulas expositivas ainda, reconheço, mas que buscam trazer uma multiplicidade de perspectivas para que esse aluno possa pensar(...)

Sobre ser docente: é uma responsabilidade que a gente assume enquanto educadores, a Universidade é um lugar que deve problematizar muito até pra poder possibilitar algum tipo de ruptura no *status quo*, esse conhecimento que ele aprende aqui na Universidade deve ser revertido em postura social, em atitude, no que ele faz pra essa sociedade, pra esse mundo ser um pouco mais justo (...)

aquele docente (de qualidade) é aquele que tem consciência da sua responsabilidade social, um professor que procura estar sempre em contato com leituras e discussões, que coloque a construção desse conhecimento em movimento, que possa circular mais, em termo de mobilidade não só daqui pro exterior, entre grupos de pesquisa, que ele consiga criar interlocuções com o maior número de pessoas possível porque eu acho que só assim a gente vai conseguir olhar pra todas as questões de forma mais ampla

Sobre a formação: a gente precisaria ter hoje espaço pra gente pensar o papel do formador do professor, que as vezes até esse processo de formação, os processos de ensino, as práticas são muito ainda verticalizadas, tem pouco

	<p>espaço pra reflexão, são práticas de transmissão e reprodução, eu acho que a gente precisa mudar isso, mas para mudar nós precisamos mudar o discurso, não ser tão disciplinar, desengessar um pouco (...) nunca vai dar conta (a formação na universidade) acho que isso é um processo que a gente passa... me deu base para essa postura de desestabilização, comecei a olhar, colocar em cheque todas as verdades que eu tinha, todas as representações, então foi um momento muito marcante e importante pra mim (...) a minha formação, a gente pensava muito na formação prática, e eu pensava sempre isso, a forma como eu via o ensino, era sempre pensar como ele era significativo, porque eu estava fazendo da maneira como eu estava fazendo, será que não tinha outra forma de olhar pra aquilo (...) meu mestrado já foi pensando na prática... eu dava sempre curso de formação pela extensão, eu era formanda e formadora ao mesmo tempo (...)</p>
H12	<p>Formação Inicial: agronomia, com IC em sócio agronomia Mestrado: em planejamento e desenvolvimento sustentável Doutorado: mesma área e pós-doutorado Estágio: no doutorado, por três vezes Percurso Profissional: deu aulas em faculdade particular e universidade estadual, trabalhou em um instituto de pesquisa Sobre o estágio: é uma experiência que você tem docente, acho que é importante ter antes de sair, e agrega, também pela bolsa que dava, era um valor a mais, importante (...) a gente ficava responsável por determinada porcentagem de aulas, a lista de presença, a gente tinha que fazer esse controle, prova, quando a gente dava a aula, então a gente tinha que tirar uma questão dessa aula e corrigir, agente participava do trabalho de campo, corrigia os seminários, participei (do planejamento), porque a gente estava tentando melhorar a cada ano, então a gente reunia o semestre antes pra verificar os pontos pra melhorar (...) a gente tem a disciplina de seminários...eles abordam comportamento em sala, mais para seminários, não tanto em relação à aulas e didática...mas com relação à postura (...) eu acho que é importante o aluno ficar responsável por aula, as vezes eu vejo no PED, o aluno vai em todas as aulas, mas pouco dá aula... você só vai adquirir prática didática dando aula, por outro lado eu sei de casos que o</p>

	<p>aluno fica responsável por quase toda a disciplina, também acontece isso(...) Sobre ser docente: eu gosto, eu descobri que eu gostava quando eu fui dar aula na faculdade particular, eu ainda tinha dúvidas quando eu terminei o mestrado, se eu queria dar aulas, é uma responsabilidade muito grande, eu fico pensando as vezes nas coisas que os meus professores da graduação me falaram, a gente fica falando os assuntos pros alunos e fica na cabeça dos alunos, tem que tomar cuidado pra não falar besteira (...) significa conhecimento em todos os sentidos, conhecimento da minha parte, porque ser professor é sempre estar estudando, toda semana a gente está estudando e conhecimento através dos alunos, os alunos trazem muitas informações que a gente não tem ideia (...) eu acho que é aquele (professor de qualidade) que consegue despertar a vontade de aprender do aluno, isso independente do professor, eu acho que o aluno não pode perder a vontade de aprender, então se o professor está conseguindo fazer isso, ele tem qualidade no trabalho dele. Sobre a formação: eu acho que é essencial em todos os cursos de pós-graduação ter alguma disciplina relacionada com didática, a gente teve seminários, mas eu nunca fiz uma disciplina sobre didática, eu acho que deveria ter, tudo bem que você as vezes faz um mestrado e um doutorado e não vai dar aula, vai mais para a pesquisa...tem perfil de alunos assim, mas boa parte vai dar aula...eu acho que tem que ter uma integração entre educação e as outras unidades (...) a gente vai aprendendo com a prática Sobre o confronto (aula pela primeira vez após o mestrado): eu pensei até em desistir, eu pensei em comprar uma lousa (...) pra eu ir treinando, mas eu não fiz, a dificuldade foi essa, esse impacto, você não tá preparado (...) O PED ajudou bastante (...)</p>
E13	<p>Formação Inicial: Física, com licenciatura, com IC em física Mestrado: no Instituto de Física, na área de física quântica Doutorado: na mesma área, com sanduiche na Inglaterra e pós-doutorado por 4 anos, na mesma área Estágio: mestrado e pós-doutorado Percurso Profissional: aulas em colégio durante a licenciatura como voluntária, professora contratada para proposta de curso interdisciplinar de engenharia na Universidade Pública</p>

Falas: agente tem tentado conversar e fazer uma integração com professores de áreas diferentes, eu tenho alunos que não são da física, que são da engenharia, então tem que adaptar um pouco a linguagem para quem não teve a mesma formação que eu tive, todos (professores) temos que nos envolver em muitas comissões

Sobre o estágio: eu sempre gostei, desde essa experiência com a licenciatura, e mesmo antes, eu sempre tive uma vocação para esse lado de ensino, sempre gostei, quando eu fui pela primeira vez PED, eu era bolsista FAPESP, eu não era obrigada, mas o programa começou e eu me interessei, achei que era uma experiência rica e interessante, e fui voluntária uma época que não recebia nada, só crédito, eu quis participar do programa para ter uma experiência didática, eu fiz só durante o mestrado, depois quando eu era pós-doc eu participei de novo do mesmo Programa (...) eram (as atribuições) exatamente as mesmas de um professor que assume a disciplina, eu assumi sozinha a turma, duas turmas, eram minhas, eram dar as aulas, eu tinha que em preparar para aquele experimento, eu dava as aulas, fazia as provas, aplicava as provas, corrigia as provas, eu que dava a cara ali para os alunos e eu que fui a professora ali...tinha um professor supervisor, eu passei bem no começo do programa, o programa vem sendo aprimorado, eu consegui aproveitar bem o fato de ter ele, eu fui atrás, eu senti nitidamente, a minha sensação foi que eu fui bem recebida, bem orientada por esse professor quando eu fui procura-lo, mas eu fiquei com a forte sensação que se eu não tivesse procurado, eu não seria procurada, eu teria feito do jeito que eu quisesse...eu tenho colegas que ficaram meio sem essa supervisão tão próxima, esse disciplina são muitas turmas todos semestre, algo como 20 turmas do mesmo semestre da mesma matéria (...) eu acho que ele vem se aprimorando e que tem tido melhora... mas sinto que o objetivo único desse programa PED seja 'vamos pensar a maneira de formar esse aluno para ele se formar professor depois', muitas vezes vamos ver de que maneira esses alunos vão conseguir contribuir com a nossa carga didática alta e que vai ser uma forma de nos ajudar' eu acho que esse problema da carga didática grande deveria ser resolvido com a contratação de mais professores e o PED devia ser exclusivamente pensado para formar bons professores (...) Eu sinto que

cada área faz muito diferente esse processo. **Sobre disciplina pedagógica:** durante a licenciatura, sim, tinha várias, não lembro quais exatamente...Mas só na licenciatura, na pós-graduação não tem nenhuma (...) Tem no Instituto de Educação, lá tem todo um grupo de professores que pesquisam ensino de física, mas eles são do Instituto de Educação

Sobre apoio institucional: não, isso é uma coisa que eu acho que faz muita falta, quando eu ouço falar de experiência, não é nem aqui no Brasil, quando eu ouço falar de outros países que tem isso, eu tenho um colega que é colombiano e ele disse que na Colômbia quando o professora começa, os primeiros 6 meses dele, ele não dá aula, ele recebe orientações, isso é tão obvio que é o certo, o ideal, aqui é o impacto que 'chegou, vamos lá', você não é preparado para isso na pós-graduação em geral, tem o Programa PED, que é uma prática, mas não tem uma disciplina, uma orientação maior como poderia ser e quando você começa como professor tem um concurso que supostamente você faz onde é avaliado nesse concurso, supostamente não, isso é fato, você é avaliado numa prova didática, então tem um peso eles saberem se você sabe ou não dar uma boa aula, mas faz falta (...) **Sobre a prática pedagógica:** eu me dedico bastante, eu gosto muito de dar aula, é uma atividade que me traz um retorno muito positivo, gosto muito da interação com os alunos, por mais que a gente tenha mil problemas de turmas grande, de muita atribuição e de problemas de tempo, de conciliar pesquisa e ensino, que é uma dificuldade muito grande, eu gosto muito de dar aulas e eu acho que os alunos tendem a avaliar bem a aula que eu dou, eu tendo a fazer experiências pedagógicas de forma que o aluno participe bastante da aula, não dar uma aula ali na frente para só dois ou três alunos que estão acompanhando...e u me importo, eu tento trazer eles sempre para participarem bastante da aula, o retorno é sempre muito bom, eles gostam, eu tive a oportunidade a uns dois anos atrás de visitar no MIT, em Boston, uma aula, conversar com um professor que tem dado umas aulas, um método de maneira bastante inovadora, bastante participativa... gostei da experiência então eu tento implementar algumas coisas equivalentes aqui nas minhas aulas, eu diria que eu tento algumas coisas meio inovadoras,

ouso do tipo fazer projeto e não ficar só na aula tradicional, aquele estilo em que só o professor fala, os alunos ficam muito passivos, duas horas lá sem abrir a boca, então eu tento que eles participem resolvendo alguns exercícios rápidos durante a aula, que eles façam projetos em que eles têm que desenvolver alguma demonstração, de um experimento de física, por exemplo, lá sou eu sozinha na disciplina, é menor, então eu consigo fazer e tenho tido um retorno bom, sei lá, acho que vem da família, minha vó sempre foi professora, minha mãe foi professora, longe de achar que está no ideia, eu tô sempre tentando melhor, eu acho que uma coisa boa é tentar ouvir do alunos (...)

Sobre ser docente: física é uma área que é comum seguir na área acadêmica e envolve essas duas coisas, a escolha foi pelos dois lado, não só por professora universitária, mas pesquisadora também e as coisas são associadas, felizmente, eu gosto muito dos dois aspectos, eu acho um privilegio esse profissão que eu tenho, esse contato com os alunos, eu acho que é uma responsabilidade grande estar formando, passando tantos alunos na nossa mão, é uma posição privilegiada de você ter acesso a formação dessa geração que está chegando que vai ocupar os espaços, esse processo de aprendizagem sempre foi muito, eu valorizo muito e poder estar nesse papel de ajudar o outro a aprender alguma coisa que eu acho que vai melhorar a vida dele, ampliar os horizontes dele, tornar ele mais...enfim, entendedor do mundo que está a volta dele, eu tenho um prazer muito grande com isso (...) (de qualidade) que tenha uma boa formação, um conhecimentos profundo daquilo que ele está ensinando, primeira coisa, e que tenha uma vontade genuína de tentar fazer os alunos entenderem, enfim, tem uma dedicação de fato... eu tenho uns exemplos de professores que eu tive e a gente sente a nítida diferença... tem uns que são ótimos no conhecimento, mas não estão ali muito preocupados em fazer ninguém aprender nada

Sobre a formação: eu não sei se ia adiantar muito ter um curso teórico que todo mundo teria que passar para ver a prática de ensino, não sei se essa é a solução, mas por outro lado, eu acho que deveria ter alguma coisa, por exemplo como na Colômbia, que você chega e a coisa não é você já assumir um monte de turmas, mas você se preparar, é interessante, eu estou do outro lado desse programa PED, todo semestre

	<p>eu tenho um PED trabalhando comigo lá, o que eu tento fazer com relação à formação desse aluno, primeiro eu tenho que dizer que a gente não enxerga o papel desse orientador como 'estou ajudando a formar esse aluno', a gente enxerga também 'ele está me ajudando aqui nessa disciplina', é um fato, eu fiz questão de fazer diferente do que eu vi acontecendo em outros lugares, então eu não coloquei ele 'vai lá e assume essa turma sozinho', por exemplo, quando ele assumiu essa turma de Física Experimental, eu tenho duas turmas seguidas, então primeiro eu faço com ele uma semana antes como é que vai ser na semana seguinte, qual experimento vai ser, de que maneira vai acontecer, de preferência eu já mostro na prática como o experimento funciona e aí na semana seguinte ele assiste a aula que eu dou das 2 às 4, vê como que foi a dinâmica, vê quais as dúvidas que surgiram dos alunos, me ajuda a circular entre as bancadas tirando dúvidas, para aí sim, na aula seguinte ele assume a turma para dar a aula, porque só assistir e não dar ele não teria a prática de como seria assumir aquilo (...) Em relação ao conhecimento do conteúdo, sim Sobre se a formação foi suficiente: mas em relação ao ensino, ensinar como dar aula, acaba que fica meio por cada um, falta essa parte Sobre o confronto: foi muita novidade, foi um impacto enorme, de responsabilidade a serem tomadas, é um peso assim que eu quis fazer direitinho, me tomou um tempo muito grande... muitas turmas e uma matéria diferente a cada semestre, tem que preparar tudo do zero, tanto que os outros estavam chegando eu avisava 'calma, o primeiro ano é mesmo mais assustador, a gente leva um susto, depois a coisa ameniza'</p>
E14	<p>Formação Inicial: na Argentina, em Física e em Matemática, com IC obrigatória.</p> <p>Doutorado: doutorado direto no Brasil em Matemática, em Cálculo e Geometria. Pós-doutorado.</p> <p>Percurso Profissional: monitoria durante as graduações, foi bolsista até entrar na universidade.</p> <p>Estágio: durante o doutorado direto</p> <p>Falas: é bom porque te dão um dinheiro a mais e fui falar com meu orientador e ele disse 'é muito bom porque isso te ajuda amanhã para ser</p>

docente', meio que também o orientador encorajou para fazer isso (...) eu tinha uma aula para resolver exercícios na frente da turma e duas vezes por semana eu marcava um horário de consulta, eu tirava dúvida dos alunos (...) do planejamento não (participou) (...) eu acho que como está, está muito bem (...) eu acho que deveria começar a pesquisar como se compartam os alunos quando está fazendo esse estágio (...) todo disciplinas que você vai fazer ajuda na sua prática, claro que tem professor que não liga, é problema dos alunos... do meu ponto de vista, assim, todo ano você tenta melhorar eu estou tentando melhorar a minha letra agora. **Sobre a disciplina Pedagógica:** Não, sinceramente porque falta interesse. Apoio Institucional: não(...) que eu me lembro, algumas aulas acho que o orientador passou para dar uma olhada, olhar como estava fazendo as aulas, me lembro que uma vez me chamou atenção porque tinha um aluno que falou para a professora que não ia assistir as minhas aulas, que preferia assistir a de outro professor, depois de um tempo eu descobri um problema, os alunos, é saudável também, preferem um outro professor que fazem uma coisa diferente da sua (...) **Sobre sua prática pedagógica:** Isso é muito subjetivo, não sou eu que posso avaliar isso, eu sei que nesse relatório que a gente recebe todo, aquele que cobram dos alunos, não em dou tão mal, o que sempre reclamam, que é um problema meu, é a letra na lousa (...) não dá pra agradar todo mundo e muitas vezes isso funciona de como você é com ele na prova, isso é muito difícil, me auto avaliar , uma forma de você avaliar é com a frequência dos alunos nas aulas, mas isso diminui para todo mundo (...) se tivesse mais tempo para pensar mudanças, quem sabe tentaria utilizar outros métodos na prática, tentaria utilizar mais o computador, mas a gente faz pesquisa, dá aula e faz uma atividade dentro do departamento, tenho filhos, tenho família, você não tem tanto tempo para(...)**Sobre ser docente:** para mim é o melhor trabalho do mundo, se você parar para pensar, você meio que escolhe as disciplinas que vai ministrar, seu horário de trabalho, são poucas pessoas que tem uma liberdade como essa (...) eu acho que o professor universitário é um reservatório de conhecimento, a gente tem um conhecimento reservado, e de certa forma a gente é encarregado de transmiti-lo, depois vem a forma como ele transmite, que

	<p>isso é outra coisa (...) Sobre formação: aí entramos muito na lama do meio (...) eu acho que a formação que a gente tem é suficiente para ser professor, claro que depois depende muito da pessoa que quer crescer, o problema do professor universitário, que o pessoal reclama dele, é sobre sua pedagogia (...) claro que sempre pode ser melhor (...) você poderia tentar formar um pedagogia melhor, no sentido de dar mais uma aula de pedagogia...mas digo que pode ser inútil, porque há muita gente que estuda a pedagogia e são péssimos professores, claro que é importante cada professora discernir se está conseguindo transmitir ou não o conhecimento (...) me parece que tem que ter uma interação com o aluno para que ele se sinta perto de você, te faça perguntas, a gente tem que levar essa mensagem (...) a gente inclui esse programa de atividade docente como parte da formação universitária, acho que ajuda, mas isso depende muito de você, a universidade te dá as ferramentas, mas ela não pode construir seu cargo, você tem que lutar por isso, e tem que ser certa humildade, falta de ego de saber reconhecer que seu trabalho não está sendo bem feito.</p> <p>Sobre ser um docente de qualidade: aquele que consegue transmitir uma mensagem e aquele que incentiva a sua curiosidade, sobre o confronto: eu me estressei muito, porque, quando peguei a minha primeira turma eu em colocava no lugar dos alunos e foi muito frustrante, eu dava muitas possibilidades, antes da prova eu dava duas ou três aulas de revisão, tentava ajudar sempre e quando cheguei na primeira prova tive um índice de reprovação de 60, 70 % e me deu muita raiva e depois eu comecei a questionar se todo mundo queria aprender, eu não podia acreditar que tinha gente aqui dentro que não queria (...) tinha uma pessoa que estava ocupando uma posição que tinha 5, 10 pessoas que estavam querendo ocupar e fazia (...)</p>
E15	<p>Formação Inicial: engenharia química, com IC</p> <p>Mestrado: na engenharia de alimentos</p> <p>Doutorado: na mesma área e dois, pós-doutorado, um na França e outro no Brasil</p> <p>Estágio: no doutorado, por um semestre</p>

Percurso Profissional: fez somente estágios e depois professora temporária em federal e particular

Sobre o estágio: era uma disciplina que tinha uma parte muito forte prática e eu trabalhava no laboratório, assistia todas as aulas prática, (participei) da avaliação(...) acho que eu não tinha maturidade para pensar que isso (disciplina pedagógica) poderia ser importante. (...) primeiro sobre a seleção é obrigatório e nem todos os alunos querem ser professor e tem muita gente que enxerga como uma forma de contar no currículo e não como uma vocação, então eu acho que essa seleção já não está boa, depois eu acho que quando eu penso no nosso caso, eu tenho disciplinas de laboratório e eu preciso pegar o PED por não dar conta, e ele PED vai aprender, mas muitas coisas ele vai aprender sozinho, eu acho que essa percepções do docente quem quer estar o tempo todo com ele, eu acho que essa percepções do docente tem que estar sempre com ele, essa relação professor-aluno e estágio, pra trocarmos informações, na verdade são iguais, são pessoas potencialmente iguais, mas existe talvez uma experiência maior do docente que já está, com aquela turma, com as disciplinas, isso tem que ser constantemente trocado, o planejamento da disciplina tem que ser conjunto, o docente tem que permitir que o aluno dê aulas, mas que está lá assistindo, essa relação docente – aluno tem que ser mais próxima. **Sobre sua prática pedagógica:** ela vem melhorando, porque como eu já era professora antes eu tive um tempo para ter contato com a sala, de verificar como manter o interesse dos alunos, hoje eu tenho 140 alunos na sala de aula, é uma realidade diferente, eu estou reavaliando a melhor maneira de ensinar (...) eu estou nesse processo de avaliação, porque com esse número de alunos, nesse sistema que estão tentando implantar na FCA talvez a gente tenha que ser um pouco mais superficial na maneira de dar a disciplina, para que possa ter um aproveitamento e uma exigência coerente do professor com relação ao aluno, as coisas estão caminhando para serem um pouco mais superficiais, isso pra mim é ruim. **Sobre ser docente:** minha trajetória me encaminhou para isso, eu pensava, mas não tinha o desejo de trabalhar em indústria e a parte de pesquisa parece que é muito mais desenvolvida na Universidade do que em centros fora, então tem

poucos centros de pesquisa... eu via como uma possibilidade de fazer pesquisa a atividade acadêmica. **Sobre ser docente:** para mim é um aprendizado constante e uma possibilidade de modificar de alguma maneira a sociedade, de uma maneira geral você tem um acesso muito grande, imagina, a minha opinião para 140 alunos, alguns deles vão levar isso a diante, a maneira como eu enxergo a vida para a vida desse, isso é um impacto muito grande. **Sobre a formação:** acho que o estágio docente não deveria ser usado única e exclusivamente como uma maneira de aliviar o trabalho docente, porque muita gente enxerga dessa maneira, tem que ser realmente uma formação e não dá pra ser uma formação técnica, tem que existir uma formação pedagógica para que o aluno tenha essa capacidade de chegar no público e transmitir o conhecimento de uma maneira que atinja, que tenha efeito e pensar em práticas mesmo que podem ser utilizadas... pensar em como você como docente pode ser mais amplo... acho que a formação do acadêmico que vai ser docente no futuro, tem que ter essa base pedagógica (...) eu tenho quase 40 e todo semestre eu refaço o meu matéria didática, revejo os exercícios que eu tenho que dar... aprova que não eu aplico eu não sei se é o melhor método de avaliar o aluno... primeiro que não existe uma cartilha, mas eu não tive uma formação para..., ou um professor que chagasse e falasse 'olha eu tive um excelente professor', eu tive professor que ficava olhando pro teto, professor que não dava aula... que não mostra exatamente o que é uma prática pedagógica interessante que você possa se basear, então formação eu não tive **Sobre docente de qualidade:** os alunos reconhecem, acho que o professor de qualidade não é o que aprova 100% da turma, acho que isso é um erro, principalmente nas minhas turmas, a sala está cheia o tempo todo, se eu faço uma pergunta individual 'não sei', então a sala está cheia, ele está ali porque ele acha que é importante, mas ele em si não tem vontade aprender, então cobrar do professor, falar que passar o conhecimento é uma via única, não é verdade **Sobre o confronto:** não foi um confronto, na verdade, foi uma repetição, eu me vi ao longo do tempo eu fazendo, tendo as mesmas atitudes que eu tinha tido, no primeiro momento eu reproduzi o que conheci.

B16	<p>Formação Inicial: Engenharia de alimentos, com IC na área de Ciência de Alimentos</p> <p>Mestrado: em Engenharia de alimentos, na área de tecnologia</p> <p>Doutorado: na mesma área, e dois pós-doc na engenharia química</p> <p>Percurso Profissional: estágio em uma indústria e bolsista na pós-graduação</p> <p>Estágio: no mestrado e no doutorado, por 3 semestres</p> <p>Sobre o estágio: no mestrado foi para um aprendizado mesmo, a gente ainda não tinha a obrigatoriedade de fazer um estágio docente, então foi para um aprendizado para a minha atuação na área de lipídios, então o que fiz em relação ao estágio docente foi ligado em relação às aulas práticas que a gente tinha no laboratório, no doutorado eu já parti para outras disciplinas fora da minha área, no doutorado o estágio PED já era obrigatório, eu teria feito até mais do que eu fiz (...) eu vejo uma diferença muito grande, eu tinha atribuições muito operacionais, então eram atribuições de um técnico basicamente, de manter a prática no laboratório e isso está muito associado aqui a cultura do campus, já no doutorado eu tive a participação em algumas aulas teóricas, mas mesmo assim eu não achei que tenha sido uma participação expressiva nas aulas, então sempre que possível eu pedia para os docentes das diferentes áreas para ministrar uma aula na disciplina como colaboração extra estágio, de todas as disciplinas nós fizemos o planejamento junto e da avaliação dos alunos também (...) hoje existe um programa PAD PED de aperfeiçoamento, mas não havia nada em relação a isso (formação pedagógica teórica) e agora voltou com outro formato, mas ele atende a todos os alunos PAD/ PED da Unicamp (...) a minha percepção é que falta um arcabouço teórico em relação às práticas pedagógicas e em relação à melhor forma de ensino ou às possíveis formas de ensino direcionadas às disciplinas específicas, eu acho que teria que partir do núcleo da área dentro da universidade (...) eu tenho aplicado com meus alunos de deixar o estágio docente como algo menos operacional, com aquilo que o docente não tem tempo de fazer e acaba passando para o aluno, mas realmente deixar o estagiário PED em sala de aula com maior número de aulas possíveis porque eu acho que é</p>
-----	---

muito importante **Se o estágio contribuiu:** sim, muito, muito ...e acho que a gente aprende muito pelo exemplo, com outros docente, quando eu fiz o meu concurso, eu era a única candidata que não tinha uma experiência docente, eu só tinha o PED e foi uma das questões que foram levantadas na minha entrevista, eu acho que foi a minha experiência fundamental

Sobre apoio institucional: (...) por ser um campus novo a gente tem um formato diferenciado com relação a isso, porque nós temos um núcleo básico geral comum que é comum para todos os curso que está relacionado a uma formação mais humanista, tem uma particularidade de interdisciplinaridade, então a agente um apoio muito forte com relação à novas práticas pedagógicas, nós temos avaliações, então a gente discute formas inovadoras de tentar trabalhar com as disciplinas e com a interdisciplinaridade.

Sobre sua prática pedagógica: eu não saberia te dizer em relação ao retorno dos alunos? Eu vejo que, por exemplo, as minhas disciplinas são muito complicadas em relação a mudança das práticas, propor alternativas é um pouco difícil, então eu falo para os alunos que eles têm que ter um pouquinho de paciência, geralmente é uma aula bastante expositiva, embora a gente tente levantar as questões, então eu tento trabalhar com a aula expositiva e bastante listas de exercícios e plantão de dúvida, eu tenho uma outra disciplina que é bastante prática e na tecnologia é um meio termo, então eu consigo trabalhar de outras formas, principalmente com visitas, que a gente tenta demonstrar para o aluno o que é a vivência de uma indústria, pelo formato a gente tem uma dificuldade em lidar com práticas novas (...) eu mudaria, mas eu acho que é uma questão cultural também de tornar o aluno o mais autodidata possível, eu acho que nós não fazemos isso, porque ele aprender sozinho é a melhor coisa que ele pode ganhar na universidade, como o aluno tem uma carga de aula muito grande ele acaba ficando naquilo que a gente oferece em aula, eu acho que isso é pouco

Sobre ser docente: em princípio eu acho que foi a pesquisa, eu sempre gostei muito de pesquisa e eu acredito que eu acabei me descobrindo em ajudar na formação de outras pessoas também, eu gosto muito do contato com os alunos, de realmente tentar ajudar a formar pessoas e eu acho que realmente é um amor pela sua área de

	<p>conhecimento também (...) eu acho tentar dar o de mais humano que a gente tem (...) um docente (de qualidade) que realmente se dedica ao ensino, porque a gente tem inúmeras atribuições e a gente tem que tentar pesar e levar tudo da melhor forma possível, mas eu acho que é o professor que se dedica a contar uma história da melhor forma Sobre a formação: isso é algo que eu tenho uma certa dificuldade em relação à isso, nós somos formados o tempo todo como pesquisadores e de repente viramos docentes, sem esse preparo que nós deveríamos ter para ensinar, então eu costumo dizer que eu estou aprendendo com só meus erros e por minha conta também (...) você se forma como pesquisador até o momento do seu concurso Sobre a formação que recebeu na universidade: em função do conhecimento técnico eu acho que foi ótimo, foi excelente, mas ainda com uma dificuldade em relação às práticas pedagógicas Sobre o confronto: foi muito mais tranquilo do que eu esperava, de certa forma os alunos entendem que a gente está fazendo o melhor possível, existe uma empatia muito grande, então eles sabem que de certa forma nós estamos um tanto sobrecarregados (...) eu acho que foi muito positivo, os alunos me ajudaram muito, mas do que eu ajudei a eles.</p>
B17	<p>Formação Inicial: Educação Física com IC em Biomecânica e licenciatura Mestrado: na Biomecânica Doutorado: na mesma área Estágio: 1 no mestrado e 3 no doutorado, com bolsa Percurso Profissional: aulas em um curso de especialização após o doutorado e trabalhou em faculdade particulares Sobre o estágio: eu achava importante fazer, no caso desse âmbito nas leis paulistas o docente tem que dar aulas e pesquisa, participar de comissões e tem a extensão também, então como eu via a importância de exercitar, de trabalhar esse lado pedagógico, didático do ensino, me inseri em poder auxiliar, tanto que no mestrado e no doutorado eu fiz outras, auxiliando o docente, mas não como PED, uma aula ou outra, ele ficava junto, mas eu ministrava, no sentido de conduzir aquela aula, no doutorado em todas as ocasiões eu ministrei inteira a disciplina, toda organização, trabalhos era devidamente, cada aula antes a gente se reunia, assisti todas,</p>

sempre todas (aulas) e uma ou duas aulas eu ministrei junto com ele **Sobre sua prática pedagógica:** eu tento me trabalhar constantemente nesse sentido, tanto na questão didática, tenho tentado a cada semestre trabalhar a questão minha na didática e como pedagogicamente tratar o conteúdo, além de ter, as vezes, procurar na literatura, ou alguma coisa relacionada a cursos que tem na internet que tem assim material disso, material daquilo, eu tenho feito essa busca, no campus, a gente tem contato com profissionais das diversas áreas, matemática, física, tem o pessoal das humanas... então a gente acaba conversando um com o outro no sentido de quais técnicas a gente vai usar para um fim, para outro fim... ou até na questão de avaliação (...) eu tenho mudado constantemente, tem uma estrutura, e aí essa estrutura eu diria que mexe menos, mas aí eu tento a cada semestre aprimorar **Sobre ser docente:** a minha vivência toda a partir do momento que entro na graduação eu comecei a participar, acho que isso é vantagem de estar em uma Universidade Pública, ao estar imerso nesse ambiente, pesquisa, e é uma coisa boa poder passar esses conhecimentos e é uma coisa boa, gostosa poder passar essa questão do ensino, no meu caso, hoje eu ainda faço muito pouco a extensão (...) tem uma coisa que é fundamental que a questão da formação de futuros profissionais, então é uma formação não só técnica, mas uma formação como pessoa, como indivíduo... e aí nessa formação como um todo é eu poder participar de um pedaço e pra mim que eu também trabalhe no sentido de me aperfeiçoar cada vez mais por meio da pesquisa e esse retorno que eu voltarei para o ensino na sala de aula. **Sobre qualidade:** que propicia que o aluno consiga fazer esse caminho, porque na verdade o professor não faz o aluno ele pode criar uma ambiente ao exemplo do que eu tive aqui, mostrar o caminho e eu vou começando a trilhar o meu caminho e aí nesse ponto, a universidade, pelo menos essas públicas, essas três que está essa possibilidade **Sobre a formação:** eu acho que a gente não tem um modelo, o foco deveria ser em não formar esse aluno só tecnicamente, eu voltaria para a questão de formação do indivíduo como um todo(...) **Sobre o confronto:** isso é uma coisa que o meu orientador sempre me colocou... eu fazia muitas coisas auxiliando, então eu comecei a enxergar o que era, não somente uma visão

	<p>romântica, essa visão eu não tinha porque eu já vinha participando, quando eu entrei, não houve esse confronto, agora a responsabilidade de fato estava na minha mão, o que antes (...) claro que qualquer atitude nossa tem a sua parte de responsabilidade, mas enquanto eu estava como PED, como aluno de pós-graduação, você tem um orientador que está ali, então isso dá uma tranquilidade porque você tem alguém que dá o suporte, agora não (...) eu fiz um esforço grande em todos os momentos que eu estava como PED, tem coisas que hoje eu consigo fazer porque lá atrás, muitas coisas eu experimentei, é claro, com a devida orientação do docente responsável</p>
B18	<p>Formação Inicial: fisioterapia</p> <p>Mestrado: em fisiologia oral</p> <p>Doutorado: na mesma área e pós-doutorado em biologia</p> <p>Percurso Profissional: aulas em faculdades particulares</p> <p>Estágio: todo o mestrado e doutorado</p> <p>Sobre o estágio: Eu sabia que eu iria dar aula em algum momento, em concurso público eu seria cobrada da minha experiência como docente, então eu fui fazer o estágio, eu tentei a bolsa na minha época, não era esse mesmo programa, tentei a bolsa e não consegui, mas me candidatei como voluntária, isso logo no primeiro semestre do mestrado, então quando eu fui apresentar o meu currículo onde eu fui dar aula, no final do primeiro ano do mestrado eu já tinha um ano inteiro de aula dados, então isso me facilitou muito, eu já tinha o programa da disciplina (...) então esse era o meu objetivo, fazer com que meu currículo ficasse bom pra eu conseguir emprego (...) eu fiz todo meu mestrado e todo meu doutorado, eu fiz todos os semestres (...) eu descobri que eu queria dar aula na graduação no primeiro semestre, dar aula sempre foi a primeira opção de profissão (...) eu preparava aula, batia as aulas com a responsável pela disciplina...eu dava aula, quando eu fui PED B eu realmente preparava aula, quando eu fui PED C eu não preparava aula, mas eu acompanhava a professora na aula prática e corrigia os relatórios, aí quando eu fui ser PED B aí eu realmente fui para a aula, preparar aula, dar aula, eu sempre tive supervisão direta da minha orientadora, sempre estive na sala de aula comigo, o planejamento era sempre feito antes da escolha do PED, a gente pensava na organização</p>

em cima daquele planejamento que já havia sido entregue (...) hoje eles tem uma disciplina que ensina eles sobre práticas pedagógicas...é eletiva e é dada exatamente pelo nosso docente que tem mais habilidade em práticas pedagógicas, que trabalha com pedagogia, fez mestrado e doutorado nisso (...) como a gente estava tendo, agora, muito aluno do nosso programa, por que com os alunos de outro programa que se interessam pelo nosso PED, a gente não tem como fazer, mas eles recebem as palestras, ao longo do semestre eles têm duas atividades em que eles recebem uma serie de orientações, aqui no nosso programa a gente dá as práticas pedagógicas, então eu acho que isso deveria ser uma normativa, mas eu acho que eles deveriam ter ou paralelamente, ou impor que todos os programas de pós tivesse isso, é interessante, ele tem que ter treinamento, é claro que eu como docente estou ali pra isso, justamente para dar esse feedback (...) você pode ter a habilidade nata, mas precisa ser lapidada

Sobre disciplina: a gente tinha no programa de pós disciplinas que de alguma forma conduziam para uma metodologia científica e de sala de aula, mas assim, eu não tive uma pedagogia, um de sistema pedagógico, mas assim, olha 'quais são os tipo de pergunta para uma prova, quais são as abordagens, quais as perguntas que você não pode fazer porque elas induzem ao erro, qual o tipo de frase que você tem que usar, qual o tipo de posicionamento em sala de aula, como tratar o aluno' mas não era uma disciplina única, era um modulo dentro de uma disciplina.

Sobre a prática docente: suporte não, orientação não, mas logo que eu entrei, nós fazemos aqui, diferente de várias unidades, a gente faz o planejamento estratégico, isso é uma situação que a gente apontava muito no planejamento, porque nós éramos poucos docentes e muito jovens, então nós tínhamos uma série de problemas para lidar, como muita carga horária, disciplinas que não eram afins, muito alunos dentro de uma sala de aula e essa questão da insegurança ainda, então a gente fez algumas rodadas no planejamento estratégico de como abordar melhor algumas disciplinas, como aliviar o conteúdo para o aluno que está entrando..(...) ela (a pratica) é muito pautada na qualidade do aluno que está entrando, então assim, eu entrei em 2010, eu tinha uma ideia e eu fui adaptando essa ideia a medida que eu fui

sentindo como esses alunos respondiam às minhas exigências... sala de aula, aula teórica, 4 horas, faço muito dinâmica, muita gincana, muito bom, sempre tenho bom para brincar, depois dessas quatro horas, eles vem para o laboratório, aí a gente vai fazer duas horas... aqui a gente tenta rever tudo que a gente viu, ou de forma prática, se der para fazer de modo mais prático, se não dá é estudo dirigido de caso clínico, na próxima aula teórica eu revejo o estudo dirigido **Sobre ser professor:** primeiro é estar sempre perto do jovem de alguma forma não em sentir velha nunca, sempre ver o mundo girar além da minha idade, então isso é muito legal, acompanhar muito de perto, segundo é ter a possibilidade de formar pessoas e as vezes eu percebo que a gente dá muito mais conselho de vida, eles captam muito mais do que o ensinamento que tô dando que vai ser revisto, especificamente pra mim, é ótimo para o ego, porque todas as aulas que eu dou eu vejo de novo, eu revejo que essa aula tá melhor, quando eu termino eu vejo quanto os olhinhos brilharam na sala de aula, ou quantos alunos depois vêm aqui em buscar para ser aluno de IC, eu faço 'caraca, eu tô cada vez melhor, é muito bom', isso ''é muito bom pro ego, você tem o poder, ter a mente de 120 pessoas na sua mão e conduzir para o caminho certo e um desafio... e de estudar, porque eu sempre fui a da primeira fileira da turma Sobre formação: na instituição pública a gente entra com o conceito de que nós sabemos dar aula e que então a gente tem que fazer muito bem, ensino, pesquisa e extensão, é fato que o indivíduo não tem habilidade nessas três áreas com a mesma destreza, o sistema devia conhecer, quando o docente chega, qual o passado dele, o que ele fez, entender o docente qual é a habilidade dele e dar ferramentas para ele, talvez antes mesmo dele começar a dar aula (...) (de qualidade) aquele que não se cansa de continuar procurando alternativas que prestem atenção nas respostas que o aluno te dá, não achar que o aluno está sempre contra você, porque é a partir do feedback dele que você vai adaptar o seu sistema, não se armar contra o aluno, então a cada crítica você devolve uma prova cada vez mais difícil, mas um docente que leva a sério a instituição na qual ele está dando aula....não parar de estudar, mas abraçar que você está em uma das melhores, então você tem que formar o melhor **Sobre formação:**

a universidade contribuiu muito para o perfil que eu tenho hoje, claro que eu sempre fui ficando cada vez mais crítica(...) me deu muita ferramenta, agora pode dar mais, eu sou uma entusiasmada da graduação, mas eu sei que falta muito chão pra chegar no que seria o meu mestre (...) **Sobre o confronto:** eu não tive confronto, eu já tinha passado por tantas experiência como PED com esse público muito parecido que eu vim muito tranquila... quando eu descobri que eu poderia ter um PED pra me ajudar, foi melhor ainda, eu lembro que o meu primeiro mês aqui foi uma realização, eu não tive, quando eu fui ter confronto, quando eu fechei a nota, aí eu tive confronto porque enquanto eles estão recebendo a nota baixa, eles estão de alguma forma tentando converter isso, a hora que você fecha, coloca no sistema e 'agora não tem volta', porque assim, no meu primeiro semestre eu reprovei 5% da turma e essa média se mantem e aí foi complicado porque eu tinha ameaça via Teleeduc, ameaça via e-mail, ameaça pessoal, então eu tinha ameaças de todos os tipos, mas eu sempre falei 'pessoal, não arredondo, não volto atrás' e tinha uma diretoria que dava suporte... então podia agir assim (...)

Universidade de São Paulo	
Resumo	
H19	<p>Formação Inicial: Licenciatura em Física, com IC</p> <p>Mestrado: Ensino de Ciências</p> <p>Doutorado: Ensino de Ciências e Matemática</p> <p>Percurso Profissional: Trabalho em curso de extensão durante a pós-graduação</p> <p>Estágio: 3 vezes no mestrado e 2 vezes no doutorado</p> <p>Sobre o estágio: Várias razões. Primeiro tem uma que a gente não pode deixar de considerar se é aluno de pós-graduação, ter uma bolsa, e às vezes você não tem outra bolsa ainda, ou aquela outra bolsa está acabando ou ela não é suficiente para você, então isso é um atrativo. Mas esse não foi o único e nem foi o principal atrativo para mim. Eu queria passar pela experiência de cursar de novo o curso de metodologia de ensino em física, 1 e 2, em uma outra perspectiva. Eu tinha feito como aluna de graduação,</p>

eu sabia como era, mas estar assistindo as aulas, porque em todas as oportunidades em que eu fui bolsista ou voluntária, eu assistia todas as aulas, então eu estava constantemente em contato com o professor da turma (...) Ou seja, eu pude ver cursos, o mesmo curso, Metodologia do Ensino de física, sendo dada por dois professores diferentes e ao longo da minha trajetória na pós-graduação e entendendo nuances que durante a minha graduação eu não tinha percebido, que é muito mais vinculado ao próprio planejamento, questões estruturais e organizacionais da Metodologia de Ensino. (...) A gente planejava, me lembro bem de planejar o curso com eles, ou dois, em todas as oportunidades. Obvio que eu não ditava as regras, mas eu estava junto, discutindo e vendo o que seria levado para a sala de aula eu ajudava também na separação e organização de materiais que seriam utilizados nas atividades daquelas aulas. Eu também corrigia, corrigia é o nome errado, eu lia os trabalhos que os alunos enviavam e atribuía notas, então resenhas, por exemplo, nas duas disciplinas, ficavam sob a minha responsabilidade, era eu quem atribuía a nota para os alunos. Relatórios de estágio, que tinha nessas disciplinas, eu também lia, ai eu não atribuía nota, eu lia e fazia comentários gerais para o professor fazer a sua leitura. Eu tinha essa questão mais organizacional do curso, tabular as notas, tabular frequência, mas eu também estava vinculada a questões do planejamento, tanto prévio do curso quanto aula a aula. **Sobre disciplina pedagógica:** Eu cursei Metodologia do Ensino Superior, foi na época do mestrado ainda e eu não me engano, na minha época não era obrigatório já ter cursado para fazer o PAE, a gente podia cursar depois ou concomitante a monitoria, mas hoje em dia é obrigatório. **Sobre sua prática:** Isso varia muito. Tem dia que eu saio daqui super feliz e tem dia que eu saio daqui muito mal, não é toda aula que a gente cumpre ou que a gente tem a ideia que a gente cumpriu os objetivos, não é toda aula que a gente percebe o envolvimento dos alunos, mas tem aulas que sim, que eu vejo que o trabalho foi muito produtivo, que os objetivos foram compensados. (...) hoje em dia eu, que é uma grande preocupação da maioria dos professores, principalmente do meu departamento, o EDM, é a questão do estágio. Eu ainda não sei lidar bem com o estágio. (...) eu prego

muito o ensino por investigação. Eu tento que a minha sala de aula de Metodologia de Ensino também seja investigativa, todo texto, toda atividade que eu desenvolvo com meus alunos eu busco fazê-las num viés de investigação, para que eles aqui na universidade tenham uma ideia do que é isso para que eles possam depois colocar isso em prática lá na realidade deles. **Sobre apoio institucional:** Não, de maneira direta não. Mas eu tenho, não diria que é sorte, tenho ótimos colegas aqui com quem eu posso conversar a todo momento. Então os outros colegas que estavam na Metodologia de Física ou na Metodologia de Ciências me deram muitas indicações, em deram muitos conselhos, a gente sempre trocava ideias sobre o planejamento na disciplina, isso a gente ainda faz. Mas já que é teu objeto de estudo, eu posso dizer que, ao menos no começo da minha carreira aqui, lembrar do que era feito nas metodologias enquanto eu era aluna, enquanto eu era bolsista PA, isso pra mim foi muito significativo, lembrava do que os dois professores supervisores, o Mauricio e a Ana, faziam em suas aulas, isso em ajudava tanto a planejar meu curso quanto a implementar aquilo que eu tinha planejado. **Sobre ser docente:** Não sei se a gente decide uma coisa dessa ou se a gente de repente dá de cara com a oportunidade e com a situação de ser. Entrei na licenciatura para ser professora, quando fui fazer iniciação científica eu vi que havia outras possibilidades, porque até então, estando basicamente no instituto de física, minhas disciplinas eram majoritariamente lá, eu via a pesquisa como uma possibilidade de desenvolvimento lá, no laboratório de física. Quando eu percebi que poderia fazer pesquisa em ensino, ou seja, estava muito mais próximo do meu objetivo profissional, que na época era ser professora, e professora da Educação Básica, eu comecei a vislumbrar um outro panorama e foi nesse panorama que eu fui tendo a oportunidade, fui tendo a ideia de que eu poderia fazer mestrado, que eu poderia fazer doutorado. Eu não diria que a princípio, quando eu entrei na graduação, se eu falar pra você que eu pretendia ser professora universitária, eu estarei mentindo. Talvez um pouquinho de mim falasse que eu pudesse ser, mas eu não imaginaria que eu pudesse não naquele momento. (...)Eu vou completar cinco anos aqui, ou seja, cinco anos de experiência como professora

universitária, acho que no começo, acho não, eu tenho certeza, que no meu primeiro ano aqui eu imaginava que ser professora universitária era estar na sala de aula e fazer pesquisa e, depois de dois anos pra cá, de maneira mais intensa eu tenho percebido que questões de ordem administrativa também estão permeando muito a questão da carreira do professor universitário, tanto que uma das primeiras questões que você me fez foi sobre as comissões que eu estou. A gente acaba sendo então levado a desempenhar funções que pelo menos não tive formação pra isso, então é um aprendizado constante, até saber como se redige um e-mail ou uma carta para um presidente de uma comissão ou como responde a uma demanda de uma comissão. Eu posso dizer que hoje em dia eu vejo o meu papel aqui na universidade está ligado aqui à expectativa que eu tinha aqui no começo, que é a docência e pesquisa e no meu caso específico, a pesquisa está muito relacionada com extensão, que eu faço projeto em parceria com escolas, mas tem essa questão administrativa que tem me ocupado muito, mas me ocupado de uma maneira significativa e positiva.

Sobre a formação: Pensar na formação do professor universitário, demandasse também que os concursos cobrassem um pouco disso. A gente vê um edital de um concurso, o que se cobra são pontos que muitas vezes estão mais vinculados àquela disciplina específica, ao conteúdo dela e às questões de ordem da pesquisa, não se fala muito da docência. Se fala na docência, mas em conteúdo, nós sabemos que docência não é só conteúdo específico daquela disciplina. Bom, isso seria uma maneira, pensar com concursos diferenciados para que se contratassem professores diferenciados e não pesquisadores apenas. Mas em eles estando na universidade, a universidade teria como uma das suas metas, das suas obrigações, oferecer cursos a estes professores, é oferecido, a gente sabe que a Pró-reitoria de Graduação oferece disciplinas em caráter até de seminários a docentes que queiram participar, muitas vezes, eu já fui convidada para dar seminário em uma dessas oportunidades, o público que estava lá não era muito grande e em sua maioria eram alunos de doutorado ou pós-doutorado, os docentes da universidade pouco estavam. Então carece.

H20	<p>Formação Inicial: Pedagogia, com IC</p> <p>Mestrado: em História da Educação, na USP</p> <p>Doutorado: em História da Educação, na USP e pós-doutorado em História da Educação e Didática, sobre avaliação no Ensino Superior.</p> <p>Percurso Profissional: ministrou aulas em faculdades particulares desde o mestrado e participou de projetos de formação de professores.</p> <p>Estágio: no mestrado e no doutorado, duas vezes em cada.</p> <p>Sobre o estágio: Eu achava que era importante pra minha formação essa experiência no Ensino Superior e havia, enfim, a perspectiva de trabalhar com o professor, de corrigir os trabalhos, de acompanhar todas as aulas. Eu achava importante (...)Eu atendia as dúvidas dos alunos, ajudava o professor a organizar o cronograma, corrigia os trabalhos dos alunos(...) antes de iniciar o semestre os professores conversavam coma gente, a gente inclusive poderia dar algumas contribuições. (...)Eu acho que para quem está fazendo o mestrado e o doutorado e pretende se tornar um professor universitário eu acho que essa experiência próxima como esse professor eu acho que é muito, muito importante para sua formação (...) Contribuiu, contribuiu para a minha prática. E eu acho que principalmente esses momentos de conversa com os professores, de verificar o que era mais valorizado, o que é importante que seja feito, a diversidade, porque há uma diversidade muito grande de atividades propostas, de práticas realizadas aqui, então eu acho que isso é importante para a formação.</p> <p>Sobre sua atuação: Tento cuidar muito da questão da fundamentação teórica, trabalhar com os autores, apresentar um quadro de várias questões que dizem respeito às relações professor-aluno-conhecimento. Eu sempre os atendo, acho que é muito importante esse tipo de relação no ensino superior, não é porque é ensino superior, eles são adultos, que é cada um por si. Eles vêm na minha sala, eu os recebo, converso no intervalo, no final da aula, acho que é importante essa proximidade, essa atenção, esse cuidado com a formação deles. Sobre apoio institucional: Não, mas, eu não sei, mas no meu caso eu fiz a graduação, o mestrado e o doutorado aqui e o pós-doutorado, então eu sabia mais ou menos como que a faculdade funcionava e quais os estilos de aula que eram realizados com</p>
-----	---

	<p>frequência aqui (...) Acho que professor universitário tem muitas atribuições e tem muita responsabilidade. Como a gente está numa universidade pública, a gente tem muita responsabilidade com a formação dos nossos alunos, para com a formação de professores e com a educação nacional.</p> <p>Sobre a formação docente: Acho que tem que ter muito investimento, enfim, muito investimento na pesquisa, muito investimento na questão das leituras, de conhecer aquilo que se trata, não é alguma coisa que é para amador, não é uma coisa para a pessoa cair de paraquedas, vou experimentar, vou tentar, é algo que requer uma informação sólida, ou pelo menos, um investimento constante, tem que ter uma energia muito grande para investir nisso constantemente (...) Quando eu entrei na sala de aula aqui eu já tinha experiência, já tinha dado aula nas particulares, então, eu já tinha passado por isso. Acho que a diferença maior foi quando eu entrei pela primeira vez na sala de aula, que foi na época do mestrado, em uma universidade particular. Principalmente porque eu tinha passado por um processo de formação aqui nesta instituição, eu tinha recebido um tipo de aula, tinha conhecido um tipo de trabalho realizado pelos meus professores que não era o trabalho que eu via os professores realizando nas faculdades particulares e não era o trabalho que em deixavam fazer.</p>
H21	<p>Formação Inicial: pedagogia, com IC</p> <p>Mestrado: história da educação</p> <p>Doutorado: história da educação</p> <p>Percurso Profissional: professora e coordenadora de projeto na EJA, formação continuada e aulas em universidade particular</p> <p>Estágio: mestrado e doutorado, por quatro semestres</p> <p>Sobre o estágio: quando você está no mestrado você tem uma intenção de, né, fazer parte daquilo num momento muito próximo. Então, por exemplo, didática, que era uma área que eu já estava, tinha interesse por conta das próprias questões, era uma área, estava muito articulada com as questões que eu já vinha vindo, que eu fazia parte, então era por uma questão de formação mesmo. Acompanhar alguém experiente, eu tinha esta expectativa, pela próxima admiração pelo orientador, então pensava... bom, estar neste papel, acompanhá-la, do outro lado, porque eu fui aluna, mas</p>

ver como que são planejadas as aulas, a proposta, fazer junto, participar do processo de avaliação, para a minha formação, para eu fazer isso depois, tinha essa expectativa, de poder estar deste lado de fazer essas tarefas docentes. (...)toda a infraestrutura tanto a parte do planejamento, no caso da a gente fazia juntas, então acompanhá-la nesse processo, seleção de textos, providenciar os textos para os alunos, a gente tinha outros recursos, pensar isso em 2000 e quase 14 anos depois (...). Mais a parte de acompanhamento das aulas, organização de frequência, leitura das atividades que ela pedia, então de aula para aula, de dar um retorno, fazer uma organização dos comentários dos alunos. Depois na parte da avaliação, na parte de trabalhos, ela em orientava e aí, eu ficava incumbida também de ajudar os alunos, de até marcar com os alunos fora de horário, cada semestre foi de um jeito que a gente fez, mas de modo geral foi isso que a gente fez. Nas avaliações, correção assistida das atividades, então eu fazia uma primeira leitura, depois ela sentava comigo, ela passava os comentários, a gente depois fechava as notas juntas, às vezes até fazia algum comentário sobre os meus comentários, olhava o que eu tinha corrigido, me dava um retorno também com relação a isso também. De modo geral, um apoio mesmo, de trazer material, estar todas as aulas junto com ela. **Sobre apoio institucional:** Na verdade eu contei com o círculo que eu já tinha e também com a minha experiência anterior. Assim, como era didática, estas vivências no próprio PAE tinha uma proximidade das questões, mesmo do Programa das disciplinas, que acabavam tive um privilégio por conta disso. Mas se eu tivesse que, as disciplinas que eu assumi: didática. Eu fiz PAE, mais de três, em didática. Anos ao lado da minha orientadora, então eu acho que isso, eu também contei com a minha orientadora, com os professores. Quando eu entrei aqui, a gente tinha algumas discussões da área, de ouvir um pouco como as pessoas faziam, de me situar, mas nada, por exemplo, 'você é nova professora aqui, vem cá que eu vou sentar com você', nada disso. **Sobre a prática:** na verdade a minha prática tem como base, eu faço o possível para integrar os alunos nas propostas, de incluí-los no sentido de que eles compreendam uma co-responsabilização nas situações, então de que eu entrei aqui até agora eu

alterei algumas coisas, fui alterando de um semestre pro outro, sempre pensando nisto, como que pode fazer sentido, então se eu estou na licenciatura eu tenho uma ação de tentar mostrar uma importância da área, e na didática, para concretizar isso, trabalho em grupos em sala e em atendimentos, eu tento assim, que foi uma coisa que em incomodava no início, um certo distanciamento, meio que vai lá na sala, discute o texto, então eu tento, se eu pensar numa aula, mobilizar os alunos no começo da aula, 30 minutos, depende do texto e da complexidade e de como eu pensei a aula, mas normalmente eu começo a aula com uma mobilização, que pode ser uma ou mais questões, até posso dar alguma coisa para eles lerem e se agruparem em torno do texto para fazerem o debate, então assim, isso eu percebo que surte um efeito melhor para começar as discussão e enfrentar no texto as questões que eu... e também, me permite me aproximar dos alunos, porque quando eles estão discutindo eu vou nos grupos, mas como um estratégia mesmo didática de tomar o que eles falam e depois integrar isso, porque as vezes eles ficam tímidos na hora de falarem, então se eu ouço eles falarem, “esse grupo que estava discutindo...”, então acabou sendo uma maneira de eu fazer com que eles participem sem ficar aquela coisa de apontar o dedo “você”. Na verdade, o que eu busco é uma aula em que eles discutam, se sintam parte dela, então, se tiver que pensar, é uma aula que tem como parte isso, uma discussão depois que eu espero que os alunos estejam integrados, proponho pesquisas, proponho atividades aula a aula, relatos de memória... sempre nisso de que eles façam articulações das histórias, trajetórias de vida, de formação com os textos, com as questões. **Sobre ser docente:** quando eu entrei na pedagogia, isso era uma coisa que estava longe dos meus planos, eu queria ser professora do infantil, de criança, de fundamental I, trabalhar com alfabetização, coisas assim, só que eu não conhecia todo esse universo de formação de professores, na verdade eu entrei na pedagogia querendo algo que era mais próximo da pedagogia, senso comum, né. E aqui na faculdade, além de eu ter conhecido a iniciação científica, na iniciação eu comecei a participar dos eventos científicos, já mandava trabalhos, ai já começou a aumentar a vontade de fazer um mestrado, eu

sempre acabei conciliando a pesquisa à atuação no ensino, então ali na EJA, eu estava sempre pesquisando e as questões se retro alimentavam de um lado pra outro, neste meio tempo, eu tive a oportunidade de fazer parte do PEC Formação Universitária, daí já foi um trabalho com formação docente, que assim, foi uma oportunidade que eu achei legal, porque ele envolvia, o PEC ele contou com uma estrutura importante tecnológica, teleconferência, videoconferência, e eu achei uma oportunidade significativa para o momento que eu estava, profissional, entrando no mestrado, e aí isso acabou me dando esse, então eu fui pro mestrado, mas não assim, eu fui pro mestrado porque sempre gostei da pesquisa e com essa ideia, obvio, de integrar o ensino superior, mas como as coisas acabaram coincidindo, a entrada no mestrado, o PEC, então eu acabei investindo os esforços aí. (...) Significa você, certas vezes, iniciar, principalmente na pedagogia, muito chegam sem uma formação profissional ainda, na verdade, chegam direto do ensino médio, então é você dar visibilidade e esta área de atuação, pela didática eu faço isso, mas também alguém que demonstra que esta área tem determinados marcos, determinadas responsabilidades, funções sociais, então eu me vejo assim... mesmo na licenciatura, minha marca como professora é demonstrar responsabilidades ao ser professor ou trabalhar na educação, porque eu representou uma área mas eu sempre falo que eu tento passar a seriedade desta escolha, o que representa você assumir, numa disciplina ou atuar na educação, porque a gente envolve a educação diretamente, numa área específica, mas é trabalhar com a formação do outro. Então é isso, significa trabalhar com a formação do outro, mas que também vão se ocupar de outros, então é um processo (...) **Sobre qualidade:** que é este comprometimento com o ensino, de perceber, ter uma sensibilidade em relação às demandas dos alunos ou quem são estes alunos, Porque, assim, a qualidade ela e posta se faz sentido o que você faz ali, né. Então, assim, você pode ter um conceito abstrato de qualidade, você tem algo ideal, eu tenho algo como ideal. Um professor que vá fazer um debate com os alunos, que amplie o que eles têm, agora, o aluno que eu tenho é o aluno que quase chega sem ler as coisas, agora no noturno trabalha o dia inteiro, você tem

	<p>um professor, você vai falar, o que eu penso de professor universitário está muito longe, o que eu faço com eles hoje está muito longe do que eu tinha nas minhas turmas, que a gente tinha de fato uma outra relação com a parte teórica, com os textos e hoje a gente tem um outro alunado. Então, o professor ideal pra mim tem adequação ai, que público é esse? O quanto você consegue trazer, ampliar o repertório destes alunos quando eles chegam, trazer, guiá-los mesmo no dia a dia. Sobre formação: Eu penso que eles têm que ser formados como eu, eu tenho a minha própria formação aqui na casa como inspiração, com uma autonomia, com uma gradativa autonomia intelectual, então que eles saibam que aqui é uma parte do processo, é uma iniciação para alguns, mas pra outros não, eu conheço pessoas aqui que já atuam há muitos anos, que já ocupam cargos, nesse caso é uma responsabilidade também de como estas pessoas ressignificam esses saberes, então.. como você mexe com pessoas que já têm suas práticas consolidadas (...)Então a formação é que nesse caso de quem já está muito tempo na prática ou de quem está iniciando, então diferentes situações é que tem que ser uma formação bastante sólida do ponto de vista teórico, que eles têm que ter acesso ai a referencias de atuações, de práticas pedagógicas, em diferentes espaços, acho que eles têm que ampliar o repertório com o qual eles chegam, não dá pra vislumbra uma pessoa avaliando de uma maneira que a gente pensa teoricamente, tem tudo isso subsidiado e a pessoa passou anos luz sendo avaliado de uma maneira, a força disso é muito grande...então, em que medida a gente apresenta um repertório outro para esta pessoa, faz com mexa com estas questões consolidadas, para que ele tenho realmente uma outra atuação, que a gente pensa que hoje faz mais sentido.</p>
E22	<p>Formação Inicial: estatística, com Iniciação Científica</p> <p>Mestrado: em estatística</p> <p>Doutorado: na mesma área</p> <p>Percurso profissional: foi bolsista</p> <p>Estágio: no doutorado</p> <p>Sobre o estágio: Eu acho que é por dois motivos, acho que pelos créditos e acho que também eu tinha um pouco de interesse de ver como que era,</p>

dar uma aula e tal. (...) Ahhh, eu lembro que a parte chata a gente lembra bastante... corrigir as listas, eu propunha lista, eu fazia alguma coisa computacional também e eu ajudava os alunos com dúvidas, essas coisas, acho que nessa eu não dei aula. (...). Eu auxiliei no planejamento das listas de exercícios, da disciplina já estava pronto quando eu comecei. **Sobre a prática:** (...)eu tenho uma preocupação em tentar melhorar, mas é uma preocupação minha. Então, assim, no primeiro ano eu detestava, eu saia da aula e falava “nossa, foi horrível” e eu tenho a preocupação, eu acho que está melhorando, mesmo porque eu gasto bastante tempo preparando aula, tal... então eu tenho a impressão que está melhorando um pouco a minha prática. Você vai ganhando experiência, mas eu tenho esta preocupação, acho importante, quando eu era aluna eu gostava de ter uma boa aula então eu me preocupo em dar uma boa aula. Mas eu acho que o que está melhorando é um esforço pessoal, por convicção, porque também, se eu não quisesse melhorar eu não melhorava e ficava por isso mesmo. Acho que no começo não era, eu não estava muito satisfeita, agora eu estou ficando um pouco mais feliz com a minha prática. **Sobre ser docente:** Eu tenho um histórico pessoal, que meu pai e minha mãe são professores universitários também, então, quando eu entrei na faculdade eu meio que já sabia que queria fazer pós-graduação, eu não sabia muito bem se eu queria ser professora, mas eu queria fazer pós-graduação. Então... eu já entrei para fazer graduação, mestrado e doutorado porque eu queria fazer. Quando eu estava no fim do doutorado que aí foi quando me bateu a dúvida “será que eu quero ser professora mesmo?” e “com o que que eu quero trabalhar?” Eu acho que o principal fator que em fez ficar na universidade foi o fato de que eu não ficar muito feliz com o tipo de trabalho que eu exerceria fora, no mercado de trabalho. Então, assim, certamente se eu vou para o mercado de trabalho eu tenho uma boa formação, eu vou ganhar muito mais do que eu ganho aqui, eu vou ter emprego na nossa área a gente não tem problema de desemprego, mas eu vou ter que trabalhar em banco, ter que trabalhar em empresa, eu vou ter que tem algum ou outro hospital que contrata, talvez o emprego seria mais, mas eu não ia ser uma pessoa feliz trabalhando num banco pra enriquecer o dono do banco ou esse tipo

de coisa. Então eu queria um emprego que pelo menos eu achasse que estava ajudando, que tivesse alguma utilidade, algum benefício pra sociedade, alguma coisa assim. (...)um professor universitário de qualidade ou, os professores que eu mais admiro, que eu acho que são professores de qualidade, eles são pessoas completas, eu acho. Eu acho que... aqueles professores que têm só um lado bom não são, eu preferia, quando eu era aluna, e agora que eu sou professora, os professores que eu mais admiro são aqueles completos. Então são professores que têm preocupação com a graduação, que se preocupam em dar aula para a graduação, em dar uma boa aula para a graduação, é, professores que fazem pesquisa, eu acho que a orientação de alunos é muito importante, tanto na pós-graduação quanto na graduação e, de certa forma, quando possível, também se envolvam com a questão da extensão, né. **Sobre formação:** a formação do jeito que é eu acho que ela é bem exigente, a gente tem que fazer o doutorado e tal, e também estudar muito tempo, muitas, muitas coisas. Eu acho que é importante fazer o doutorado, então eu concordo que do ponto de vista de formação, a gente tem muito pouco, como é que eu vou falar? A gente não tem muita, a gente não tem um enfoque, pelo menos aqui no IME, na Educação deve ser diferente, mas aqui no IME a gente não tem muito enfoque na questão da docência, a formação é basicamente voltada para a pesquisa, né. A docência ela não é fundamental, mas isso não é só na formação, depois que a gente entra pra trabalhar, a questão da docência, ela não tem importância nenhuma, na verdade a gente tenta dar uma boa aula, ou quem se preocupa em dar uma boa aula é porque quer. Então, eu acho que poderia ter um pouco mais de valorização a questão da docência, porque ser professor universitário necessariamente também envolve dar aula, mas eu acho que é fundamental a pesquisa, o doutorado é para você aprender a fazer pesquisa. (...)Eu acho que falta, principalmente uma formação um pouco mais ampla, uma visão um pouco mais ampla da universidade... eu não sei se é uma característica aqui do IME, mas a gente fica muito focado em seu probleminha de pesquisa e naquelas coisas eu acho que principalmente a gente que é professor é importante ter uma visão um pouco mais ampla da universidade e falta, eu acho que falta uma

	<p>vivência da universidade, uma coisa e eu não tive nada disso, EUA Cho que muito das coisas que eu aprendi foi por conta de uma questão pessoal mesmo de uma vivência em casa, eu tenho pai e mãe que são professores de áreas diferentes, então você acaba enriquecendo a discussão, mas aqui no IME a gente fica muito, só naquele probleminha seu e parece que você não está inserido no mundo, não está inserido na universidade, fica no seu mundinho a parte.</p>
E23	<p>Formação Inicial: Ciência da Computação, com IC em bioinformática.</p> <p>Doutorado: direto em bioinformática, na USP e pós-doutorado em bioinformática, no Japão</p> <p>Estágio: no doutorado, por ser bolsista CAPES.</p> <p>Percurso Profissional: bolsista</p> <p>Sobre estágio: Minha única experiência de atua antes de entrar aqui como docente foi o PAE (...) eu não sabia qual era o ritmo de adotar na aula, postura com os alunos, o quanto puxar na disciplina, até que ponto eu posso me tornar amigo dos alunos ou não, por exemplo, o que quanto eu posso ficar mais próximo do aluno ou não, isso foi mais complicado no primeiro ano e nos segundo e no terceiro ano já foi bastante... eu pelo menos, a autocrítica, eu acho que melhorei bastante E mesmo preparação de aulas ou de provas eu não sabia que nível de questão abordar. Mas de certa forma foi bom, porque, o curso de primeiro ano da poli é um curso assim, tem muito professores envolvidos em uma disciplina só, porque são treze turmas na poli, então isso facilita bastante porque eu consegui ter uma orientação, vamos dizer assim, dos professores mais seniores daqui., então isso eu acho que ajudou bastante (...) Acho que é mais prática mesmo que vai pegando, acho que não tem jeito isso (...) eu não sou nenhum educador, não sou da Faculdade de Educação, mas o que eu acredito é assim (...) Eu prefiro a universidade porque eu acho gostoso esse contato com os alunos, apesar de ser chato corrigir provas, eu não vou negar (...) estimular o aluno, não só passa conhecimento, uma coisa que eu falo assim para os alunos, universidade não é só conhecimento técnico, acho que é mais, criar uma roda de amizade, se divertir aqui (...) Tudo bem, tem gente que trabalha, mas eu tentaria postergar o máximo possível o trabalho só pra se concentrar</p>

	<p>no estudo e na diversão aqui na faculdade, depois de sair daqui você não tem mais diversão, é trabalho só (...) Professor universitário? Acho que é, eu não sou ainda, mas o meu objetivo, na parte de educação, é me tornar um exemplo para o aluno de alguma forma (...) é isso que é obrigação da gente, é ser um guia, um exemplo para o aluno, eu acho, e de uma forma divertida, né, é claro (...) A formação docente? Acho que o mais ampla possível, no sentido de que precisa ter, obviamente, conhecimento técnico da disciplina que a pessoa vai ministrar, mas principalmente no lado humano. Acho que falta bastante, principalmente no curso de exatas (...) Mas o que seria um professor de qualidade? Acho que seria um professor que... na verdade, uma coisa que eu tento fazer e que eu não sei até quando que eu vou conseguir fazer é não esquecer o que eu pensava quando era aluno, porque acho que é uma coisa que a gente acaba esquecendo com o tempo, de quando a gente era aluno (...) então na medida do possível lembrar o que eu não gostava quando era aluno e não fazer a mesma coisa como docente Sobre o estágio: Sim, acho que deveria ter uma carga mais pesada pra didática, dar aula. Dar aula independente do professor, eu acho, porque do jeito que está atualmente o aluno está muito preso, assim, o aluno PAE, muito preso no orientador Sobre se contribuiu para sua prática: Ahhh, o estágio PAE? Acho que sim, de alguma forma sim, você aprende a lidar com os alunos, no estágio PAE, no começo, eu tive bastante atrito com os alunos, no sentido de correção de lista de exercícios, essas coisas... então eu tive bastante atrito, ajudou bastante a ter mais jogo de cintura.</p>
E24	<p>Formação Inicial: Bacharelado em Matemática, com mais de uma IC Mestrado: Em aplicação de Teoria dos Conjuntos em Análise Doutorado: Sanduíche na França, no mesmo tema do mestrado, pós-doutorado na Unicamp e outro na França Atuação Profissional: todo o percurso com bolsa, em diversas agências, ministrou aulas na UNICAMP durante o pós-doutorado. Estágio: mestrado e doutorado Falas: Então eu acho que eu fiz a disciplina no mestrado e o PAE no doutorado, mas eu não tenho certeza (..) Então, no estágio eu tinha plantão de dúvidas assim, tinha elaborar e corrigir lista de exercício, tinha... eu acho</p>

que dei uma aula pra eles, que foi um seminário mais ou menos, sobre um tópico que a gente escolheu junto(...) a disciplina eu fiz porque era obrigatório, mas uma vez que eu tinha a disciplina, o estágio eu fiz pra ter uma experiência mesmo e porque recebia uma graninha a mais(...)Mas a disciplina em si, eu não sei, eu olhando não achava e não achei que ela foi útil

Sobre possível orientação no ingresso: Não. Não, assim, recebi informalmente com os colegas (...) então esse tipo sim, na verdade em quase todas as disciplinas eu tive um certo apoio assim de alguém(...) E acho que eu faço o máximo que eu posso para que os alunos participem, eu fico insistindo se eles têm dúvidas, acho que eu sou bem flexível, aberta com os alunos, mas definitivamente minha aula não é uma aula bonitinha, linear, mesmo eu preparando, tem um jeito assim meio confuso(...) Nossa, eu nunca quis ser professora e eu queria fazer pesquisa e, na verdade no Brasil não existe praticamente, carreira de pesquisador (...)o que não quer dizer que eu não goste, tá(...) Ahhh... ser professora significa, sei lá, tentar formar esses meninos por ai, que vem estudar alguma coisa aqui na USP, e dar uma formação pra eles, não só em matemática, mas, e quando eu penso em formação eu penso em dar elementos pra depois eles caminharem sozinhos(...) Então, a formação, eu não a acho a nossa formação ruim na forma que ela é, acho que o que falta mais, pelo menos aqui na matemática, acho os professores em geral, não todos, mas muito não são preocupados, eles têm uma trajetória parecida com a minha e a docência é a parte chata da profissão, então acho que isso é o maior problema, as pessoas encararem aquilo não como um objetivo em si, mas como uma consequência...(...) o que se espera de qualquer professor.. Preparar aula, se dedicar, respeitar os alunos, tratar bem o aluno, ouvir os alunos....

Sobre se a formação foi suficiente: Eu acho. **Sobre o confronto:** quando eu cheguei aqui, eu fui dar aula na geologia e fizeram um pouco de terrorismo comigo os colegas que a geologia eles são incontroláveis, que eles são difíceis, são alunos muito animados, fazem muita brincadeira, piada, então, assim, eu fui morrendo de medo e eu era... na época, bem dizer, eu acho que eu não tinha dez anos a mais que o alunos, eu acho que eu tinha menos de 30. **Sobre o estágio:** Não, eu acho

	<p>que ele tem que ser diferente, eu acho que o aluno tinha que entrar em sala de aula de forma um pouco mais ativa, eu acho que isso teria sido importante de vivenciar esse confronto que você está falando mais cedo e saber o que você vai encontrar pela frente (...) Acho que ele contribuiu, mas acho que ele poderia ter contribuído muito mais do que ele contribuiu, entendeu? (...) Então eu acho que faltou um pouco vivenciar a rotina um pouco, porque assim, como era uma coisa avulsa eles não fizeram perguntas, não tinham muitas dúvidas, era uma aula um pouco <i>fake</i>.</p>
B25	<p>Formação Inicial: odontologia, com IC</p> <p>Mestrado: em Materiais dentários</p> <p>Doutorado: na mesma área</p> <p>Percurso Profissional: estágios na própria faculdade, atendimento em consultório e aulas em faculdades particulares</p> <p>Estágio: mestrado, por três semestres</p> <p>Sobre o estágio: Porque é obrigatório, entro do nosso próprio curso você tem, você tinha na época como obrigatório. Porque o que acontecia é que você tinha, você tem filosofias diferentes dentro da área, então, como você recebia alunos do Brasil inteiro para fazer a pós-graduação, um dos compromissos eram que todos os alunos acompanhassem a graduação, primeiro num estágio ouvinte, depois num estágio prático e depois num estágio didático para entender a filosofia que a gente aplica aqui. (...). No primeiro momento, no estágio ouvinte, é mais assistir as aulas mesmo e ajudar uma coisa de uma aplicação de prova, uma coisa bem burocrática. Quando o aluno participa do estágio prático, a gente tem muita aula prática, o aluno já começa a ajudar os alunos de graduação nas aulas práticas, já consegue, por exemplo, “elabora uma questão para uma prova, deixa eu ver como é que está o seu conhecimento...”, então a gente já começa a dar esse passo a mais para o aluno. E já no estágio prático, a gente começa assim: “Você vai dar esta aula na graduação”, então ele se prepara, a gente fica junto com ele e ele é encarregada a administrar uma aula... é um bom aprendizado. (...). Eu gosto muito de estar com os alunos, eu sempre gostei, tanto que eu fui convidado para participar da semana da recepção dos ingressantes. É uma coisa que para mim é ruim, mas eu gosto</p>

muito. (...) Eu acho que ele é essencial, não só pra, pelo seguinte, cada vez mais, eu não sei como é que você tem essa percepção na Faculdade de Educação, mas a gente tem formado especialistas do detalhe, do detalhe, do detalhe. Então a pessoa faz iniciação científica sobre o detalhe e aí no mestrado ele vai estudar tudo sobre aquilo, só que quando ele tem um título de mestre é na área e aí com esse título de mestre ele vai fazer um concurso, depois do doutorado, e um concurso numa universidade qualquer e vai passar pra dar aula, ele não sabe a matéria, então a gente brinca, de uma forma bem pejorativa, que você pode ter um doutor em prótese que nunca fez uma prótese, só que o título de doutor habilita ele a dar aula de prótese, na teoria ele pode saber tudo, mas se der um dente pra ele, ele não sabe nem onde é que é a raiz e onde é a coroa, porque já não clinica a muito tempo. Então, a partir do momento que você tem esses estágios obrigatórios na graduação, você faz com que o aluno estude a matéria toda, isso que a gente tem sentido falta aqui na nossa faculdade, eu tenho sentido, tanto que os nossos alunos dos nossos cursos eles são obrigados a acompanhar a graduação o tempo inteiro, justamente para ele não perder a noção de que ele está numa coisa muito maior... “ok, você quer estudar o seu detalhe? Você estuda o seu detalhe, mas o seu título é dessa área, você tem que manter o conhecimento de toda a área”(…). Então a gente tem aqui professores que têm um carisma fantástico e tem professores que não tem carisma nenhum. Por que aquele professor tem um carisma muito bom? Será que é porque ele decora o nome dos alunos? Ele chama o aluno pelo nome? Será que é porque ele sabe a hora de parar? A hora que tem que apertar? E o outro, por que é odiado? Mas o outro dá uma aula excelente, mas dar uma aula excelente não é só isso. Então... aprenda a extrair o que cada um tem de melhor pra incorporar em você. Então, acho que isso que seria bom. **Sobre disciplina teórica:** Porque, na verdade, na minha pós era obrigatório disciplinas de ensino... de teoria de ensino. (...)o interessante é que tudo que ela fala é o óbvio. Então para a gente assim, você assiste e diz “realmente, é o óbvio” (...)eu não sei se você teve a oportunidade de ter aula com ela, mas ela gosta de umas fichinhas, então ela diz assim “Gente, não é feio olhar fichinha, é um respeito com o aluno”, então a gente tem

essa preocupação de que tem que estar tudo, ela mostra que não, a simplicidade, o segredo é a simplicidade, você tem que estar preparado sem se preocupar de ser, então, isso pra mim foi muito bom, mostrar que a simplicidade é muito melhor do que aquela coisa maravilhosa, aquele glamour, mas sem conteúdo, então o que interessa realmente é o conteúdo.

Sobre o apoio institucional: Eu fui contratado e falaram assim, olha: “você tem que fazer isso, fazer isso, fazer aquilo, estão aqui as disciplinas, boa sorte e bom trabalho, e queremos resultado. **Sobre sua prática:** E acho que assim, eu tento fazer o meu melhor. Eu acho que eu me tornei um melhor docente não na USP, foi fora da USP. Porque ensinar aluno bom é fácil, difícil é você pegar um aluno que não sabe escrever, e eu enfrentava isso nas outras universidades. Então, lá que você aprende realmente a se desdobrar, a fazer o impossível para que ele consiga absorver aquilo que você quer que ele faça, então, eu acho que se alguma coisa me diferencia do resto foi ter tido esta possibilidade de trabalhar fora, porque você tem que ter muito mais paciência, tem que ter uma atenção maior, você tem que estar atento, você tem... não é fácil. Aqui se você falar meia palavra, eles já entenderam o resto, lá não, você fala tudo e “não entendi”, você fala de novo e “professor, não tô entendendo”, aí você vai se desdobrando e “aí, entendi”, mas eu acho assim, a gente tem que ter sempre um bom relacionamento com a turma, e isso não é fácil, não é nada fácil e é um problema que a gente tem enfrentado cada vez mais, de contato com aluno... de relacionamento, eu acho que eu tenho um bom relacionamento com os alunos, sim, os alunos brincam comigo, dizem assim que eu consigo falar de igual pra igual. E acho que é uma coisa minha, essa moça que te trouxe aqui, por exemplo, a Rosa, conheço ela desde que eu era aluno de graduação e eu não admito que ela me chame de professor, ela brincou assim “professor...”, eu não admito, eu não concordo, eu acho que respeito a gente conquista, a gente não impõe. (...) Uma coisa que eu presenciei nestes últimos tempos foi, eu estive no ano passado num estágio em Portugal e eu percebi lá a importância que eles dão para o ensino de graduação, muito diferente daqui. Talvez você na Faculdade de Educação não perceba, mas cada vez mais a gente deixa a graduação por último, é

sempre sua pesquisa, é sempre comissão e a graduação sempre fica lá não, o respeito que eles têm com o aluno, aquele horário pra atender o aluno é sagrado, isso me fez despertar uma coisinha que assim, muda a sua concepção, fala assim “Pera aí, por que eu estou fazendo diferente? Assim é o certo. A Universidade existe por causa do aluno de graduação *a priori*.” Então eu trouxe isso para cá e pelo menos eu tenho mudado um pouco, focado um pouco mais, dado mais atenção para eles. Eu acho que isso dá a meio prazo, a longo prazo, dá uma, alguma coisa muda, mas acho que você tem que ter respeito e a gente sente que a pessoa não vai pra sala de aula com aquele tesão de dar aula, então a gente tem alguns docentes que se esforçam pra isso, pra fazer melhor, ele vai com tesão, mas ele não recebe isso de volta e se frustra. A gente tem que ir, mas também receber esse carinho do aluno, isso é o que eu tento buscar no meu trabalho, você fazer aquilo com entusiasmo pra receber aquele mesmo entusiasmo de volta e eu acho que eu tenho conseguido, porque eu me realizo dentro da sala de aula. **Sobre ser docente:** Minha carreira universitária eu não escolhi, eu caí na carreira universitária, acho como talvez uma grande maioria, eu me tornei professor e foi uma coisa que eu, eu sempre fui um líder, durante toda a minha infância, eu sempre fui daqueles que eu queria falar, eu queria apresentar, que queria estar na frente e a partir do momento que eu comecei a entrar na sala, no curso, aqui, eu em sentia muito a vontade com isso. Mas assim, a minha vida inteira, as minhas portas foram se abrindo e me direcionando para cá. Então, assim... eu não planejei, mas eu tô realizado. (...) É tanta responsabilidade isso. Na verdade, você está tratando com o jovem, com o sonho dele, com o sonho de uma família, uma responsabilidade tão grande, mas ao mesmo tempo, você tem que ser sério, então, é difícil você reprovar 30 alunos de uma sala, não é fácil, então você começa a fazer uma auto avaliação: “será que o problema sou eu?”, eu já passei dessa fase, porque na verdade assim, eu já mostro pro aluno assim, olha, o problema não sou eu, mas isso numa boa, você senta, você conversa, você explica e a gente tenta, como a gente pega aluno de primeiro ano falar assim “olha, você está dando pouco de você, a gente quer mais e você tem potencial”, então as vezes a gente usa aquele sistema “parafuso

de ensino”, onde eu quero extrair o máximo do aluno e quando ele percebe isso, ele cai na real e fala assim “professor, você tá certo, eu consigo mais”. Quando você vê esse resultado, isso é muito gratificante, é obvio que você tem essa frustração quando você tem uma reprovação, você acaba com o sonho do aluno, mas você tem que trabalhar isso para que você não torne isso um problema. (...) De qualidade? Isso é difícil de responder. Quer dizer... é muito fácil de responder, que é aquele que consegue fazer com que o aluno se interesse, que cativa o aluno, mas eu acho que, o principal, a cima de tudo, é aquele que consegue fazer com que o aluno pense por ele mesmo. Cada vez mais eu julgo que o papel nosso não é dar os slides para ele, não é você montar o conhecimento na sala de aula, cada vez mais eu tenho brigado para que a gente simplesmente dê um roteiro de estudo para ele e fale que o conhecimento está na biblioteca, está nesse livro, nesse capítulo e quem tiver dúvida que venha tirar comigo. Porque eles estão... cada vez menos a gente vê, são muito superficiais, eles são muito, a gente não quer isso, porque a vida não vai ser isso, eles vão ter que ir atrás do progresso e eles daqui, e eles percebem isso depois que formam e ele voltar, mas eu queria que eles percebessem isso mais cedo. **Sobre a formação:** Há dois anos atrás eu fiz o curso de pedagogia universitária. Sinceramente, não sei. É difícil demais, a gente tem para você ter uma noção, nosso grupo aqui, dentro do departamento, a gente tem essa preocupação, tanto que esse semestre a gente tem trabalhado com uma psicopedagoga para ver o que a gente pode fazer para os alunos, para os alunos assim: “Ah, professora, quarenta minutos de aula é muito cansativo” é fácil a gente também falar “Ah, é assim, senta lá, Claudio”. Então a gente chamou essa psicopedagoga para pensar o que a gente pode fazer, como é que a gente pode trabalhar com esses alunos? Eu não sei. Então, assim, é difícil, a gente não tem a formação de docência. É interessante que quando eu fiz esse curso, eu não sei nem se ele ainda existe, era uma angustia de todo mundo, você tinha professores de todas as áreas e é uma angustia geral. A gente virou professor, a gente não se preparou para isso, todo mundo com os mesmos problemas, todo mundo com as mesmas angústias e ninguém tinha respostas. Então, tanto que para

	<p>mim foi uma das grandes frustrações do curso, porque a gente se forma sem ter a resposta, o que a gente tem, na verdade, as experiências bem-sucedidas de cada um, que a gente trocou e tentou incorporar dentro da sua rotina.</p>
B26	<p>Formação Inicial: Biologia, com licenciatura e IC</p> <p>Mestrado: biologia, algas marinhas</p> <p>Doutorado: mesma área</p> <p>Percurso Profissional: ministrou aulas na educação básica, em projetos de extensão e em faculdades particulares</p> <p>Estágio: mestrado e doutorado por 5 semestres</p> <p>Sobre o estágio: na época em ne lembro de ela obrigatório para ser monitor, eu tenho impressão que não, mas eu adorei a licenciatura e eu sempre gostei muito de área de ensino e aprendizagem no geral e eu achei que fazer essa disciplina seria interessante por conta disso, e também pelo professor (...) em algumas disciplinas, por exemplo em Fauna, Flora e Ambiente, que é interdisciplinar, que são pessoas bem voltadas para a área de ensino e aprendizagem, a gente tinha atribuições bem variadas, como por exemplo, ajudar no planejamento das aulas, a gente monitorava os grupos de alunos em trabalho de campo, ajudava nas avaliações, nas outras, que tem um esquema um pouquinho mais tradicional, normalmente a gente ajudava mais nas aulas práticas, na preparação e na aplicação, monitorando as aulas práticas. (...) eu acho que o estagiário tinha que participar de todo o processo de elaboração mais imediata claro, porque há tem diretrizes traçadas, mas da elaboração e avaliação da disciplina, aqui a gente e não tem o costume de fazer o estagiário dar aula, porque a gente entende que é uma incumbência do professor, mas ele pode auxiliar, então ele pode ajudar não corrigindo um trabalho, uma prova, mas ajudando nos critérios</p> <p>Sobre formação: depois que eu entrei aqui que eu fiz um curso bem bacana que é de formação docente para professores, porque eu sentia muita falta disso. (...) eu acho que hoje em dia a gente tem uma formação muito boa na parte conceitual... mas eu acho que a parte de competência, de habilidades específicas, de saberes docentes a gente não tem nada, a gente se guia nos nossos exemplos, que nem sempre são os melhores (...)</p>

talvez a única experiência que u tenha tido de formação foi a disciplina que aqui é obrigatória para fazer o estágio PAE e o estágio PAE depois **Sobre apoio institucional:** o chefe do departamento, na época me sugeriu que eu visse algumas disciplinas do departamento, então eu entre em setembro e até dezembro eu assisti algumas aulas. **Sobre sua prática:** eu acho que ela tem um componente muito interessante que é uma prática pedagógica que é desenvolvida em cooperação, porque todas as disciplinas que eu estou envolvida elas são interdepartamentais, então isso é muito gostoso porque eu trabalho com o pessoal da área da educação então eu tenho a oportunidade de trocar muita experiência e de focar algumas coisas mais inovadoras do ponto de vista do ensino aprendizagem se a gente for comparar com o mais tradicional, uma prática que visa muito a autonomia do aluno, eles são protagonista, a gente está sempre no pano de fundo. **Sobre ser docente:** isso foi um dilema muito grande porque eu estava sendo bem feliz como professora do ensino básico, mas eu acho que antes disso, quando eu comecei a graduação, eu acho que a formação aqui é muito voltada para formação do acadêmico, então é quase que um caminho natural, eu comecei a IC muito cedo, e eu fiquei no mesmo laboratório por 10 anos, então é gente é formado para ser acadêmico...minha orientadora sempre teve um cuidado enorme com a prática docente dela, então acho que isso foi um exemplo crucial, aquela coisa de querer ser como seu professor. (...) na hora de assinar o contrato, pesou muito a abrangência do meu trabalho, eu estava numa escola bem elitizada, mas é um universo bem mais restrito, trabalhando aqui com formação de professores, o alcance da influência que a gente tem é muito maior (...) significa atuar em graduação, atuar na formação do profissional que está ingressando na carreira, no meu caso específico, é formar professores, além disso a gente tem outras atribuições importantíssimas, por exemplo, a pesquisa... e eu sou daquelas que continua acreditando no tripé, então eu também trabalho bastante na área de extensão... então eu acho que ser professor universitário é conseguir juntar essas três vertentes num tipo de trabalho que seja integrado (...) os concursos, eles contratam pesquisadores, pelas formas de análise, então eu acho que um bom professor universitário é aquele que têm

	<p>sim uma pesquisa importante, mas que tem consciência que ele só está aqui por causa da graduação, o que abre vagas aqui são as vagas para ser professor da graduação, eu acho que um professor universitário tem que estar sempre preocupado com a formação de recursos humanos, tem que estar atualizado em termos conceituais, mas também tem que buscar informações mais atualizada sobre a educação, então formas de dar aula, formas de estimular o raciocínio do aluno, acho que a preocupação coma graduação um pouco maior, eu tenho visto um esvaziamento enorme no trato com os alunos de pós-graduação, os orientadores esquecem totalmente que estão formando futuros formadores e isso eu acho terrível</p>
B27	<p>Formação Inicial: ciências biológicas, com licenciatura e IC Doutorado: direto em botânica e pós-doutorado na mesma área Percurso Profissional: trabalhou em indústria Estágio: por 3 vezes Sobre o estágio: basicamente a parte prática dos cursos...na avaliação um pouco, porque tinha avaliação da parte prática (...) eu não sei se os alunos PAE envolvidos só na parte prática é a melhor abordagem, se eles pudessem se envolver coma parte teórica também seria interessante Sobre a disciplina: sim, era obrigatória para fazer o estágio PAE, foi uma disciplina muito, muito rápida, eram 4 palestras presenciais, se você tivesse assistido as quatro palestras você tinha conceito A, mas foi eu que busquei, tinha outras disciplinas, mas com a carga horária muito pesada, muito puxada Sobre a prática: eu acho razoável, acho ok, os alunos em geral gostam, muito se interessam depois em fazer IC e ter mais informações sobre o tema, mas como botânica é um tema muito cotado em ciências biológicas nem todos gostam por causa do tema (...) os cursos são muito corridos aqui, então quase vira uma sistema de palestras com pouca participação dos alunos (...) você tem que se ajudar ao aluno de primeiro ano, se ajustar ao linguajar, ao quanto tem que ser discutido Sobre ser docente: eu gosto de passar, na verdade eu gosto mais no sentido de ensinar, de grupos pequenos, uma questão mais de orientação do que e essas aulas muito amplas, isso a gente acaba dando essas aulas, mas o que eu mais gosto são quando as classes são bem pequenas e tem uma</p>

troca de conhecimentos mais amplamente (...) eu acho que é uma grande responsabilidade nos sentido que você, especialmente nessas universidades que têm um nível mais adequado, os alunos já tem uma base de conhecimento muito grande, então na verdade você está discutindo com alunos que tem uma cara que podem até te trazer ideias novas e que pra eles muitas vezes que você fala pode ser interpretado de várias maneiras, eu acho isso muito desafiador, por muitas vezes você tem alunos de vários backgrounds diferentes e alguns que tem um nível muito bom q eu te permitem pensar e discutir coisas bem interessantes. **Sobre formação:** eu acho que tem que ter um bom domínio, primeira coisa, porque como o nível da informação passada é bastante aprofundado então a margem pra erros, pra equívocos conceituais é bastante crítica, então ter um bom conhecimento é interessante, ter uma formação científica é bastante importante, não só teórica, mas também prática e da parte pedagógica, eu acho que mais uma questão de boa vontade, não é tanto uma questão de preparação, cada um tem um jeito e mudando isso ao longo do tempo (...) eu acho que depende muito do empenho, cada um tem um viés diferente, com um jeito diferente de passar conhecimento, de trocar informações, mas depende muito da boa vontade, acho que os melhores professores que eu tive eram os mais empolgados e os mais comprometidos com o que estavam fazendo.